GUIMARÃES

APONTAMENTOS PARA A SUA HISTORIA

PELO

PADRE ANTONIO JOSÉ FERREIRA CALDAS

VOLUME II

PORTO
TYPOGRAPHIA DE A. J. DA SILVA TEIXEIRA
62, Cancella Velha, 62

1881

MONUMENTOS RELIGIOSOS

Igrejas e conventos na cidade [1]

S. Miguel do Castello

Este pequeno templo com architectura singela e fabrica humilde, que se levanta poucos metros a poente do velho alcaçar do conde D. Henrique de Borgonha, é um dos monumentos mais venerandos de Portugal.

Se a arte o não fez um templo rico, nem bello nem grande, tornou-o illustre o respeito dos seculos, e mais que este respeito as memorias historicas de alta valia, que o tornaram digno da attenção e do acatamento das gerações, que umas após outras se vão succedendo.

[1] Não incluo aqui apenas as igrejas parochiaes, mas tambem aquellas que pela sua vastidão merecem tal nome.

Na opinião de alguns dos nossos antiquarios, pertencem a esta igreja as honras de *primaz,* entre todas as parochias do arcebispado de Braga. Mas o que é certo — e isso lhe basta para documento da sua muita antiguidade — é ter sido parochia da villa velha de Guimarães, *anteriormente á fundação da monarchia.* E outro é ainda o seu maior brazão de certo.

No seculo XII, gozando da preeminencia de capella real do conde D. Henrique e de sua mulher D. Thereza, que viviam no visinho castello, forneceu esta igreja as aguas do baptismo ao infante, que os portuguezes mais tarde alevantaram por seu primeiro rei.

Esta honrada memoria vale bem mais que todas as grandezas e magnificencias, que este memoravel edificio pudesse ostentar. Vale muito mais, certamente, por commemorar, nas suas pedras toscas, o nascimento, para a graça christã, d'um verdadeiro heroe, campeão da cruz, paladino da patria e anjo da victoria, a quem o Creador armára o braço para expurgar dos agarenos esta terra, por elles avassallada, e por Deus lhe dar forças para fundar uma monarchia, não só em favor d'uma familia, mas tambem em beneficio da independencia d'uma nação.

Apesar de ser Guimarães uma das terras que mais attenções tem merecido a abalisados archeologos, nenhum d'estes, ainda assim, nos dá noticia da fundação da igreja de S. Miguel do Castello. To-

davia, a singeleza da sua architectura está retratando, muito ao natural, o viver da geração que o levantára, assim como o cunho da sociedade portugueza, no tempo em que alli fôra baptisado D. Affonso Henriques.

Como documento ainda da sua muita antiguidade mostra o templo exteriormente, na parede voltada a norte, dous tumulos de pedra, mettidos em arcos abertos no grosso da mesma parede; e tambem alli existem, d'essa época remota, varias sepulturas no adro, e no pavimento interior do mesmo templo.

Em 1664 foi despojada esta igreja da sua maior preciosidade archeologica. D. Diogo Lobo da Silveira, D. Prior da collegiada, fez então transportar a pia, em que o nosso primeiro monarcha recebera a graça do baptismo, para a sua igréja de Nossa Senhora da Oliveira.

Entre os privilegios, que desfrutou a igreja de S. Miguel, conta-se a grande prerogativa de ser immediata ao Papa, e por conseguinte isenta da jurisdicção dos arcebispos de Braga.

O snr. Vilhena Barbosa, tem para si que a porta principal d'este templo é posterior á fundação primitiva; por isso que a sua fórma ogival pertence a um estylo de architectura introduzido em Portugal annos depois da morte do conde D. Henrique, durante a regencia da rainha D. Thereza, ou no governo de seu filho D. Affonso Henriques. Mas o illustre archeologo viu de certo esta porta muito de

passagem; e foi isto o que lhe fizera vêr n'ella a fórma ogival. Mas estudada detidamente, nega-se-lhe semelhante fórma ogival e antes se vê n'ella um arco de volta imperfeita, e sem fecho regular e determinado: o que sem duvida accusa a sua notavel antiguidade, e dá licença de a julgarmos coeva da fundação primitiva.

Por varias reformas tem passado esta igreja, e citarei uma em 1664, emprehendida pelo D. Prior da collegiada, D. Diogo Lobo da Silveira, que por esta occasião a despojára da sua maior preciosidade, como já vimos. Outra em 1795, realisada pelo seu abbade Francisco José Ribeiro da Silva; e foi talvez n'esta, não sei porque motivo ou depravado gosto, que se substituira o arco cruzeiro primitivo por outro moderno de architectura classica; e a ultima, a mais completa e a mais escrupulosa, a que se deu principio a 17 de agosto de 1874, emprehendida por uma commissão composta pelo exc.^mo^ dr. Francisco Martins de Moraes Sarmento, conego José d'Aquino Velloso de Sequeira, João Pinto de Queiroz e padre Antonio José Ferreira Caldas, custeando-se as obras por meio d'uma subscripção publica em Guimarães, a qual rendera perto de 700$000 reis, e de um subsidio do governo de 1:200$000 reis.

N'esta restauração, que em tudo seguira o mais que pôde o antigo estylo, foi abatido o arco cruzeiro moderno, e levantado em seu lugar, a expensas do digno presidente da commissão, o exc.^mo^ dr. Sar-

mento, o que hoje se vê nas dimensões e fórmas architectonicas do primitivo: o que tudo se conseguiu verificar, pelos vestigios da antiga emposta, que se descobriram nas paredes que serviam ao arco e pelas antigas aduelas do mesmo, que então se encontraram soterradas, umas nas escadas lateraes do adro, e outras a fechar a porta travessa do lado norte.

D'estas aduelas aproveitaram-se algumas no arco actual, e guardaram-se outras na parede de supporte do adro á direita de quem sobe as escadas lateraes do mesmo, tendo por baixo esta inscripção: *Do arco primitivo da capella-mór.* Vê-se fronteiro a estas, encravado na parede do lado esquerdo, um brazão d'armas portuguezas, que estava sobre uma das portas da muralha da villa, na torre de Nossa Senhora da Graça — vulgarmente de S. Bento — e que aqui foi collocado em 1876, durante a restauração.

Hoje está a igreja completamente isolada de quaesquer dependencias ou annexos: todavia é certo que em alguma época as tinha, porque alli viveram por quatro annos os frades capuchos da Piedade, que para isso necessitavam de casas mais ou menos extensas. Pelo menos a existencia de um claustro, em volta da igreja, é-nos afiançada pelos cachôrros de pedra, que de espaço a espaço, resaltam a meia altura, aproximadamente das paredes exteriores.

No interior da igreja nada ha de notavel a não

ser a singeleza e a humildade da sua architectura, além de ser o seu pavimento, na maior parte composto de grandes pedras, as quaes serviram de lousas sepulcraes, em que se descobrem vestigios de antigas inscripções e emblemas, toscamente insculpidos, e hoje quasi desfeitos pela lima dos tempos.

Na ultima restauração apenas se lhe deixou o altar-mór, por se julgar isto mais proprio, inutilisando-se-lhe dous lateraes, de época recente, que se levantavam logo abaixo do arco. Era um d'estes, o do lado do Evangelho, dedicado a Nossa Senhora da Graça; e o fronteiro, a Santa Margarida, de quem o povo se tornou tão devoto, que deu ao templo a sua invocação, esquecendo assim o titulo do seu legitimo padroeiro.

No angulo formado pelo arco cruzeiro e parede do corpo da igreja, do lado da Epistola, guarda-se hoje uma pedra tosca com duas cavidades na superficie, que é o celebre *padrão das teigas,* medida usada na fundação da monarchia; ficando reservado o angulo fronteiro, para n'elle se guardar a pia baptismal de D. Affonso Henriques, quando o cabido da collegiada se resolver, ou fôr obrigado a restituil-a a esta antiga igreja.

N'um caixilho de madeira, que existia na sacristia d'esta igreja, liam-se as seguintes noticias relativas á mesma: « Lembrança das Antiguidades desta Real Egreja de S. Miguel do Castello e Santa Margarida ».

« N'esta Real Egreja foi baptisado por S. Ge-

raldo Arcebispo de Braga El-Rei D. Affonso Henriques primeiro de Portugal no Anno de mil cento e outo ».

« Esta Egreja foi sagrada pelo senr. Arcebispo de Braga D. Silvestre (no Anno de 1236) e Rezasse da dedicação d'ella a 30 d'Abril ».

« N'esta Egreja assistiram os Padres Capuchos da Piedade em quanto não acabarão o seu convento e entrarão n'ella a 12 de novembro de 1664 e sahirão em procissão solemne acompanhada com o Illmo e R.^{mo} Cabido e Communidades e a Camara, e mais povo da terra aos 29 de julho de 1668 ».

« Foi renovada esta Egreja no Anno de 1795 por mandado do proprio Abbade que n'ella existe. Francisco José Ribeiro da Silva ».

No tempo do conde D. Henrique, gozava S. Miguel do Castello dos fóros de capella real — fóros, que mais tarde, por mercê do mesmo conde, passaram para a igreja de Nossa Senhora da Oliveira.

Foi despojado este templo do titulo de parochial, por portaria do arcebispo de Braga, D. José Joaquim d'Azevedo e Moura, em attenção ao seu evidente estado de ruinas; e mandou annexar esta freguezia á de Nossa Senhora da Oliveira.

Depois da ultima restauração, levantada a igreja do montão de ruinas, foi solemnemente benzida pelo padre Abilio Augusto de Passos, cura da Oliveira, a 20 de julho de 1880, havendo em seguida

missa cantada pelo mesmo, e á noite illuminação, musica e fogo, com grande concurso e satisfação dos fieis.

Actualmente ha alli erecta uma irmandade com a invocação de Santa Margarida, com o fim de promover o culto a esta Santa Virgem, e de velar pela conservação do templo, mantendo-o no gosto e no estylo em que actualmente se acha.

Igreja de Nossa Senhora da Oliveira

O conde D. Hermenegildo Mendes e sua mulher a condessa D. Muma — vulgarmente Mumadona — tia de D. Ramiro II de Leão; grandes senhores d'Entre Douro e Minho, muito principalmente em terras de Guimarães; foram os piedosos fundadores do templo de Santa Maria de Guimarães, hoje com o titulo de Nossa Senhora da Oliveira.

Teve lugar tal fundação na quinta de *Vimaranes*, pelos annos de 919 aproximadamente: pois que em 920 deram ao templo por primeiro abbade um religioso benedictino, do mosteiro de Santo André de Tolões.

Concluida que fôra a obra, dedicaram-a os condes fundadores ao Salvador do Mundo, á Virgem e aos Apostolos; collocando no seu altar maior a imagem de Nossa Senhora, que até alli se venerava na

antiquissima mesquita de Ceres, de cujas ruinas se levantára a actual capella de S. Thiago da Praça, como detidamente veremos depois.

Será esta imagem a carcomida e mutilada, que ainda hoje se guarda n'um altar atraz da tribuna da capella-mór, representando a Virgem com o Menino ao collo, o que já agora mal se percebe pelas reformas e estragos do tempo?

Por morte do conde D. Hermenegildo, a condessa viuva, desejando deixar o mundo e esperar a morte á sombra dos claustros, fundou pelos annos de 927 a 929, e junto ao seu templo, um espaçoso mosteiro, que no seu principio foi duples de monges e freiras da Ordem de S. Bento. A este mosteiro se recolheu ella, vivendo alli virtuosamente por largos annos, e legando-lhe por morte, além de valiosas riquezas, largas propriedades, muitas peças de prata d'alto valor, quatro sinos, livros de côro, mobilias e numeroso gado, que nas suas terras possuia.

Não cahiu o mosteiro com a morte da sua benemerita fundadora, nem soffreu nada em seu progresso e luzimento; antes pelo contrario se foi engrandecendo, pela viva devoção dos povos á imagem da Virgem, visitada em continuas romarias, e procurada com fervôr pelo povo e pelos grandes e monarchas, os quaes o enriqueceram e nobilitaram com valiosas doações, e muitas regalias e privilegios.

Quando o mosteiro se achava em tão prosperas

circumstancias, vieram as vicissitudes da sorte des carregar sobre elle um golpe cruel.

Em 967 Alcoraxi, rei de Sevilha, invade á fren te d'um exercito sarraceno a provincia d'Entre Dou ro e Minho. Os invasores, insaciaveis e ferozes, as saltam tão repentinamente, durante a noite, o mos teiro de Nossa Senhora e o burgo visinho, que os seus moradores, e nem todos, mal tiveram temp de refugiar-se no castello de Guimarães, sem pode rem levar comsigo a menor preciosidade; e assim cahiu a povoação e o mosteiro em poder dos mou ros, que destruiram aquella, e devastaram e saquea ram este, levando d'elle valiosissimos despojos.

Graças aos avultados rendimentos, em curto pe riodo conseguiram os monges restituil-o á sua pas sada grandeza; mas passado pouco tempo, sobre vem-lhe ainda outra maior calamidade.

O celebre Almansor, o valente e atrevido ge neral musulmano, terror das populações christãs esmaga á frente d'um exercito numeroso, debaix do peso de suas armas, esta bella provincia.

O mosteiro e o burgo foram de novo roubado e assolados; e o castello estava então quasi tomad por tão implacavel inimigo. Mas passada que foi a tempestade, o incessante zelo e os recursos dos mon ges preparam ao mosteiro novos dias de bonança conseguindo mais uma vez a reparação de todos o estragos no seu edificio, e guarnecendo-o de nov com as alfaias e moveis preciosos.

Crescendo d'aqui progressivamente em prosp

ridade, activada sempre pelas visitas dos principes, que sempre deixavam maiores ou menores donativos, recebeu em 1049 a honra da visita d'el-rei de Leão D. Fernando, o qual não só lhe confirmára todas as prerogativas e privilegios, com que desde a sua origem havia sido honrado pelos monarchas de Castella, mas deu mais ao seu abbade D. Pedro, quinto do nome, toda a jurisdicção civel e crime nas terras de S. Torquato, e nas que se alongam entre os rios Ave e Vizella.

Foi duples este mosteiro até o anno de 1089, quando, por determinações ecclesiasticas, as freiras sahiram, ficando depois habitado por frades e clerigos até o governo do conde D. Henrique, o qual em 1103 lhe dera nova fórma, elevando-o a capella real, e nomeando-lhe priores, que com outros ecclesiasticos já em 1130 guardavam o instituto dos conegos regulares, antes da reforma canonica de Santa Cruz.

Continuou com o titulo de capella real no reinado de todos os monarchas portuguezes, que eram os seus padroeiros, e que ainda hoje são juizes perpetuos da irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, alli erecta e continuada.

D'este titulo da *Oliveira* principiou a usar-se no anno de 1031, n'uma doação a esta igreja, que fizera Pedro Eiriz, d'umas terras suas. N'ella nomeia já o mosteiro de Santa Maria da Oliveira, porque entre o que lhe doou havia o *Quintão da Oliveira* e a igreja de *Santa Maria da Oliveira*

em Silvares, que então perdera o titulo, que passou para este mosteiro. Consta isto, segundo as investigações do antiquario Francisco Xavier da Serra Craesbeeck, d'uma escriptura, que se encorporava no LIVRO DE MUMADONA, a folhas 23 verso. Todavia uma tradição, entre nós constante, funda o mesmo titulo no seguinte:

Nos principios do seculo XIV, existia junto ao antigo mosteiro de S. Torquato uma frondosa oliveira, que produzia azeite para a lampada do Santo Martyr. Arrancada mais tarde veio a oliveira para Guimarães, e plantada defronte da porta principal da collegiada, aqui seccára; e assim a deixaram ficar no mesmo lugar, em que permanecera até 1342, quando Pero Esteves collocou perto d'ella a cruz, que ainda se levanta debaixo do padrão de Nossa Senhora da Victoria.

Foi collocada aqui a cruz a 8 de setembro do anno referido, e tres dias depois reverdeceu a oliveira, deitando novos rebentos e enfeitando-se de viçosa folhagem. A noticia do successo attrahiu muito povo a admirar o prodigio, e por esse motivo a honrar tambem a Senhora, que desde então se ficára chamando *da Oliveira.*

Esta oliveira, substituida por outra e outras, ficou sempre na praça, que lhe tomára o nome, resguardada por um polygono de pedra lavrada, gradeado de ferro; até que derrubado por mão ignota, na noite de 9 de fevereiro de 1870, e ventilada questão entre a camara e o cabido ácer-

ca da remoção do polygono, e do tronco mutilado, foi tudo expropriado ao cabido por utilidade publica.

O tronco, ainda virente, foi plantado por iniciativa particular n'um limitado socalco, dentro do tanque da mesma praça, ao fundo da torre da igreja, com licença da camara, em data de 4 de dezembro de 1875.

A collegiada propriamente dita, honrada pelos summos pontifices com notaveis prerogativas, foi installada sobre as reliquias do mosteiro de Mumadona por D. Affonso Henriques, provavelmente em 1139, depois da batalha, que o coroára rei.

O templo, que já havia sido reedificado no governo do conde D. Henrique, e no reinado de seu filho, permaneceu com poucas alterações, até ao tempo d'el-rei D. João I; o qual, julgando-se devedor á Virgem da sorte gloriosa das suas armas na memoravel batalha d'Aljubarrota, o mandára restaurar nos annos de 1387; recommendando n'esta obra uma sumptuosidade, em nada inferior ao seu mosteiro da Batalha.

Commemora esta sumptuosa restauração, digna do monarcha, uma inscripção gravada em caracteres gothicos n'uma pedra marmore, cravada na frente da igreja ao lado da porta principal; e que está traduzida n'outra pedra de granito fino, em caracteres latinos. Estão sobrepostas uma á outra, e ambas coroadas pelo escudo das armas do restaurador,

sustentado por dous anjos, na qual inscripção se lê o seguinte:

«*Era de 1425 annos, 6 dias do mez de Maio, foi começada esta obra por mandado d'el-rei D. João, dado pela graça de Deus a este reino de Portugal, filho do mui nobre rei D. Pedro de Portugal. — Este rei D. João houve batalha real com el-rei D. João de Castella, nos campos d'Algibarrota, e foi d'ella vencedor; e á honra da victoria, que lhe deu Santa Maria, mandou fazer esta obra*».

Esta inscripção, que se transcreve muito errada nas Memorias resuscitadas da antiga Guimarães, não é a traducção fiel da que se lê na pedra de baixo, já bastante carcomida, e principalmente nas ultimas linhas: mas é quasi a copia litteral, exprimindo-lhe o principal sentido.

Não foi esta restauração, apesar de grandiosa, em tudo conforme aos desejos do magnanimo e piedoso monarcha; e por isso cahira o mestre das obras no desagrado real. Pois além d'outros defeitos, notava-se a capella-mór demasiadamente pequena, em relação ao corpo da igreja: e assim permaneceu acanhada, até que o principe D. Pedro, depois el-rei D. Pedro II ordenára se reformasse, concedendo para tal obra, por carta de 6 de outubro de 1677, as sobras da nova contribuição: as quaes n'um anno renderam 169$401 reis, n'outro 212$637 reis, etc.

Concluida a obra em 1682, ficou com as paredes e abobada d'um só centro com gavetões, nas dimensões em que actualmente existem, segundo o estylo da architectura portugueza do meado do seculo XVII; e por isso destoando completamente do corpo da igreja, que é d'architectura do seculo XIV.

Foi sagrada a igreja a 23 de janeiro de 1401, pelo bispo do Porto *D. João d'Azambuja,* e por ordem do restaurador *D. João I,* e de sua mulher *D. Filippa de Lencastre:* como consta d'uma inscripção lapidar, que antigamente estava na parede da nave lateral do Evangelho, e hoje se guarda atraz da tribuna, ficando em seu lugar um *fac-simile* em gesso.

A capella-mór já havia sido benzida, em igual dia do anno antecedente, pelo mesmo prelado, então bispo de Coimbra: tornando-se esta solemnidade, em tudo regia, mais grandiosa ainda pela presença de *D. João Manrique,* arcebispo de S. Thiago de Galliza; *D. Rodrigo,* bispo da Cidade Rodrigo; *D. João I,* e sua esposa; seus filhos legitimos, os infantes *D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique,* e seu filho bastardo *D. Affonso,* conde de Barcellos, e mais tarde primeiro duque de Bragança.

A torre, que actualmente se levanta a noroeste da igreja, não é a da restauração de *D. João I;* por isso que esta cahira em ruinas. Foi mandada construir pelo dr. *Pedro Esteves Cogominho,* ouvi-

dor das terras do duque de Bragança, e por sua mulher *Isabel Pinheiro:* os quaes, surprehendidos pela morte, a não puderam concluir, nem levantar a mais que um terço; ficando reservada a sua conclusão, d'alli até ás ameias, a seu filho o dr. *Diogo Pinheiro,* D. Prior de Guimarães, que a concluira pelos annos de 1513, no reinado de D. Manoel.

Ha no baixo da terra uma capella, com abobada de pedra, no pavimento da qual se levantam a par dous tumulos com os vultos dos dous primeiros fundadores em tamanho natural, e trajando vestidos de gala ao uso do seu tempo.

Esta circumstancia é muito apreciavel para o estudo dos trajos d'então: e torna-se isto ainda mais notavel, por ser muito raro d'encontrar no nosso paiz, nas estatuas tumulares, as quaes são pela maior parte vestidas de habitos talares, sem mostrarem apparencias das modas do seculo.

São lavrados estes mausoléos em pedra d'Ançã, com silvados, arabescos, e outros desenhos, hoje quasi a desfazerem-se: e teem á cabeceira um altar de pedra, com a imagem de Christo crucificado, onde n'outro tempo se dizia missa, nos domingos e dias santificados.

Corre em volta da igreja, de nascente a sul, o antigo claustro, formado por pequenos, mas elegantes arcos de pedra, pousados sobre columnas de formosos e variados capiteis.

Hoje tudo está envidraçado e encrustado de cal, que infelizmente nos esconde tantas bellezas

d'arte: deturpando assim uma obra de subido merecimento, não só pela sua antiguidade, anterior ao seculo XIV, mas tambem pela sua muita variedade; pois que é este um typo de claustros das eras, de que possuimos muito poucos exemplares; e por isso muito apreciavel para o estudo da historia da architectura nacional.

Ha n'este claustro, além de varios tumulos de familias particulares, e d'alguns altares hoje em desuso, a antiga capella de S. Pedro, para a qual se entra por uma formosa porta arabe; e bem assim a capella de S. Braz, toda abobadada de pedra com dous mausoléos mettidos em arcos no grosso das paredes.

Foi esta capella antigamente a séde da confraria da Misericordia: e pertence hoje á casa do barão de Pombeiro.

Era a igreja interiormente composta de tres espaçosas naves, formadas por soberbos arcos de pedra, lavrados de mimosos adornos, e delicadas esculpturas: do que podem servir d'amostra a janella exterior, sobre a porta principal: sendo as paredes lizas, entre os arcos e janellas, cobertas d'azulejo, e quadros allusivos á vida e milagres da Virgem.

Mas como a fabrica, no entender do cabido, ameaçava ruina, mandou este, para *evitar* o desastre, cobrir as elegantes columnas, e as rendilhadas arcarias, com madeira e cal: dando assim ao vetusto, e venerando templo de D. João I, um aspe-

cto ridiculo e vaidoso, mais proprio d'um salão de recreio, do que d'uma casa de Deus.

Tão desastrada, e vandalica restauração, teve lugar nos annos de 1830, *em honra e gloria de Santa Maria,* como diz um letreiro em estuque, na nave lateral da Epistola.

A famosa e elegante janella gothica, rasgada sobre o portão do templo; e que nos seus arcos ogivaes, com estatuas, peanhas, baldaquinos e festões, offerecia uma admiravel moldura a um grande espelho — por onde a luz se coava através das pinturas dos vidros, e dos mil variados lavores esculpidos em pedra — tambem, n'outra occasião nefasta, havia sido barbaramente alterada pelos *reformadores:* os quaes — vendo talvez quebrados muitos d'estes vidros coloridos, e despedaçadas algumas partes d'aquellas formosas esculpturas, que lhes serviam de caixilho — entenderam para si, que o melhor modo de restaurar o magnifico espelho, era applicar-lhe o camartello — deital-o abaixo — e substituil-o por uma parede de cantaria liza, com quatro oculos envidraçados, desiguaes na circumferencia, e desgraciosamente collocados! E ainda não contentes com tanta profanação *enfeitam* o visinho cunhal da mesma fachada com uma pilastra e capitel da ordem jonica!

Na opinião de illustres viajantes, era esta janella tão formosa, e de tão elegante e delicado artificio, que no caso d'estar ainda no templo da Batalha,

ahi mesmo, n'esse museu de primores d'arte, avultaria e sobresahiria á larga.

Em 1843, a 21 de fevereiro, pouco tempo depois de concluida tão desgraçada reforma em que se despenderam muitos contos de reis — rendimento da cadeira do D. Prior, então vaga — rebentando sobre Guimarães uma trovoada medonha, cahiu por um dos angulos da torre uma faisca electrica, e penetrando no interior do templo, lambeu-lhe todas as modernas douraduras, como protestando contra os arrebiques de mau gosto, com que se mascarára um monumento tão magestoso e venerando.

Estas obras de desastrada reforma, principiadas a 14 de junho de 1830, suspenderam-se a 12 de julho de 1832, por occasião da entrada de D. Pedro IV no Porto, em consequencia de se acharem esgotados os fundos da fabrica, os quaes foram recolhidos á thesouraria do exercito por ordem de D. Miguel: mas reabriram-se a 17 de fevereiro de 1834, em virtude d'um subsidio de 3:000 cruzados, que para tal fim offerecera o conego thesoureiro-mór Thomé Luiz Felgueiras. De novo suspensas em 1835, por ordem do governador civil de Braga, foram recomeçadas a 13 de fevereiro de 1837, por impulso do conego João Baptista. Finalmente a 4 de março estando a obra quasi concluida, foi o templo restituido ao culto publico, principiando os conegos a fazer côro n'esse dia na capella-mór.

A 2 de agosto de 1880, a expensas da fabrica d'esta igreja, deu-se principio á ultima reforma, que

em nada alterou a restauração passada; seguindo em todas as pinturas e douramentos o estylo, em que já se achava. Por esta occasião descobriu-se, que a magestosa porta principal era toda de pau ferro; mas infelizmente houve o mau gosto de a deixar pintada a oleo! Concluidas as obras fez-se côro pela primeira vez na capella-mór a 19 de março de 1881. N'este dia depois de matinas foi o Santissimo Sacramento conduzido processionalmente da capella de S. Braz, nos claustros, — onde estivera durante o impedimento da igreja — para a sua capella na nave lateral sul, onde em seguida foi exposto.

Ha na actualidade oito altares no corpo da igreja, quatro por lado — não fallando nos dous collateraes á capella-mór — onde se vêem oito retabulos de pintura a oleo, de muito merecimento artistico. São devidos ao pincel do fallecido Joaquim Raphael, lente de pintura na Academia das bellas-artes em Lisboa, o qual os pintára pelos annos de 1846 a 1849.

Ao fundo da nave lateral da Epistola fica a capella do Sacramento com o seu sacrario, que é todo de prata, não sei por que felicidade escapado á rapacidade dos invasores francezes. É formado entre quatro columnas torcidas e lavradas, sobre que pousa uma elegante cupula, ostentando por coroamento uma especie de custodia radiada, no centro da qual se vê o *Agnus Dei*. Esta parte é d'uma data mais recente — 1874. Entre as quatro columnas abre-

se um elegante portico, dividido em duas meias portas, nas quaes se vêem em relevo duas passagens biblicas, que são: o *Maná no deserto* — livro do Exodo — e a parabola das *Bodas*, que se refere no Evangelho de S. Lucas.

Fronteiro a esta capella, entre a porta principal e a travessa, guarda-se n'um pequeno arco, aberto na espessura da parede e resguardado por vidraça, a pia baptismal de D. Affonso Henriques, meio embutida na parede e no gesso com uma inscripção d'esta fórma:

N'esta pia foi bautizado El-Rei D. Affonso Henriques pelo Arcebispo S. Geraldo no anno de 1106.

Esta pia, que pertencera sempre á igreja de S. Miguel do Castello, foi conduzida para aqui em 1664 por D. Diogo Lobo da Silveira, então D. Prior. Fronteira a esta porta lateral sul fica outra, á sahida da qual e ao lado esquerdo se encosta um tumulo antigo sobre dous leões de pedra, tendo na caixa a seguinte inscripção:

> **Aqui jaz Inez de Guim.es mulher do L.do João de Valadares bisneta de Martinho de G.es f.o de Dom Fernando da Guerra bisneto del Rei D. P.o o Cru e da S.a Dona Inez de Castro e Valadares morréo a 8 de Setembro de 1534.**

No côro de cima, por traz do orgão — principiado a construir-se em 1839, por fr. Domingos Varella — e como servindo de base ao formosissimo espelho sobre a porta principal, vê-se, como sobre um grande tumulo antigo, um cavalleiro de habitos talares, deitado sobre uma dupla almofada, tudo encrustado com tintas e ouro, deixando vêr ainda na caixa vestigios d'uma inscripção apagada, e da qual nenhum dos antigos escriptores nos dá noticia.

É ornada a sacristia a gosto moderno e simples; tendo ao fundo uma pequena capella, toda azulejada, onde se celebra missa. Foi feita no anno de 1686, e dedicada á *Santa Veronica* — quadro a oleo, que retrata as feições da Virgem, e que a tradição diz ser copia fiel d'outro, attribuido a S. Lucas, e existente em Roma.

« Da tradição d'esta Santa Veronica — diz o padre Torquato de Azevedo — trata um pergaminho que se guarda no archivo da real collegiada em que consta, que um Payo Rodrigues, prior d'ella, e deão de Evora a trouxera de Roma, e a puzera n'esta igreja, e mandára ao seu procurador no temporal, que a todo o conego que no dia de Paschoa da Resurreição ante-vespera fosse á igreja de sobrepelliz, tangido o sino pela Sé, a cantar a *Regina Cœli,* e a Salvè á santa imagem se lhe désse quatro soldos, e a todo o sacerdote de fóra dous soldos, e a todo o diacono e sub-diacono um soldo, e a todo o mechanico seis dinheiros; isto foi em 14 de março de 1295 ».

Ha n'esta igreja um côro, actualmente composto de 14 conegos, sendo este numero de 30 em outro tempo, preenchendo-se apenas 27 cadeiras, e revertendo as rendas das restantes: uma pará a fabrica, outra para o convento da Estrella, outra para o prebendeiro. Tem além d'isto uma curaria composta de nove capellães.

Ha *lausperenne* n'esta igreja aos sabbados de quinze em quinze dias, instituido n'estes ultimos tempos.

Do archivo d'esta collegiada, um dos mais valiosos e curiosos do reino; dos paramentos e alfaias, e do *thesouro da Senhora* — de tal importancia, que se considera o primeiro do reino — darei adiante minuciosas noticias.

Catalogo dos D. Priores

Occupando-me d'este catalogo, sigo, na parte que me pareceu mais aproveitavel, as informações que recolhi da «Colleçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza», do «Catalogo dos D. Abbades de S.ta Maria de Guim.es e dos D. Priores, etc., coordenado em 1725 pelo corregedor de Guim.es Fran.co Xavier da Serra Craesbeeck»; acrescentando aquelles D. Priores, que da mesma «Colleçam» não constam desde 1725 até o presente.

Deixo em silencio as noticias dos abbades, que regeram o mosteiro de Mumadona, desde a sua origem até o governo do conde D. Henrique; e calo igualmente os priores, que se assentaram na cadeira prioral no tempo do mesmo conde, o qual elevára o templo á dignidade de sua capella real: limitando-me apenas a escrever dos D. Priores, que presidiram á real collegiada de Guimarães desde que el-rei D. Affonso Henriques a fundára pelos annos provaveis de 1139, até nossos dias.

Não deixarei, no entanto, sem a lista nominal d'estes abbades, este meu esboço vimaranense.

Foi o primeiro d'elles Pedro de *Tolões,* logo em principio, e em vida ainda dos fundadores, no tempo do rei hespanhol, Ordonho II. Seguiram-se-lhe posteriormente: Gonta I, Romualdo, Ordonio, Athaulfo, Gonta II, Arias, Honorico I, Gonta III, Pedro II, Honorico II, Alvito, Honorico III, Pedro III, Honorico IV, Pedro IV, Honorico V, Mendo I, Pedro V, Mendo II, Pedro VI, o qual foi o 21.º abbade em tempo do rei hespanhol Affonso VI; e passou a ser tambem o primeiro prior da igreja de Santa Maria de Guimarães em tempo do nosso conde D. Henrique. D'estes priores, em que Pedro Troergis fôra o primeiro, houveram os seguintes: Mendo III, Pedro VII e Pedro VIII. Estes tres ultimos são do tempo de D. Affonso Henriques, anteriormente á creação da collegiada como tal.

Residiam antigamente os nossos priores nos seus paços, que foram levantados sobre as reliquias do

mosteiro, e ainda hoje se chamam o *Priorado*, e fica entre o norte e o nascente da igreja, com a qual tem communicação pelo claustro. Mas ultimamente viviam quasi sempre em Lisboa; e apenas se dignavam visitar a sua igreja, nas festas mais solemnes do anno, recebendo por essa occasião as homenagens do cabido, e os respeitos dos habitantes de Guimarães que os olhavam como verdadeiros prelados.

D. Pedro Amaral, commummente conhecido dos authores por Pedro Amarello [1], era da nobre familia dos Amaraes d'esta antiga villa, e passa por ter sido um dos setenta e dous conegos regrantes de Santo Agostinho, que receberam o habito, em 1133, das mãos do padre S. Theotonio, ornamento do nosso Minho, pois n'esta provincia nascera, e na al-

---

[1] N'um manuscripto antigo, que devo á generosidade d'um meu amigo, lê-se sobre o assumpto o seguinte: « Quer alguem que Pedro do Amaral, ou Amarello, fosse o mesmo Pedro Mendes, que por ordem de D. Affonso Henriques fôra professar a Reforma canonicata de Santa Cruz de Coimbra, e aprender alli a disciplina regular do mesmo S. Theotonio, e que voltou depois a Guimarães com o novo nome de Pedro Amarello. Achava-se n'um pergaminho original, a respeito d'elle, o seguinte: *Petrus Menendiz, qui, propter infirmitatem dictus fuit Petrus Amarellus.* Havia d'elle na collegiada um retrato a oleo, que o reproduzia com a dita côr da itericia ».

dêa da Tardinhade, freguezia de Ganfey, a nordeste da praça de Valença, da qual fica proxima. Serviu D. Pedro de *primeiro* prior da collegiada, a pedido d'el-rei D. Affonso Henriques; e correm as suas memorias como tal até 1178, não havendo d'elle mais miudas noticias.

O que eu não posso aqui deixar em silencio — como filho que sou de Guimarães — é que fôra d'este appellido e da casa do Paço de Nespereira, no termo de Guimarães, um dos fidalgos mais patriotas da restauração de 1640. Refiro-me a Pedro Cardoso do Amaral de Menezes, que fôra na India o primeiro a levantar o grito da independencia. Nem posso, nem devo esquecer ainda, que nas «Provas da Historia Genealogica da Casa Real de Portugal», Tomo II, Liv. IV, n.º 112, se acha no *testamento* do principe D. Duarte, filho d'el-rei D. Manoel, uma verba honrosissima para os fidalgos d'este appellido. É esta: «*A Manoel do Amaral, dezejei sempre fazer-lhe muita mercê; porque os d'este appellido me serviram com muita continuação em toda a minha vida, e com grande amor*».

D. Diogo. — Occupou a cadeira de D. Prior nos reinados d'el-rei D. Sancho I, D. Affonso II, e D. Sancho II. A primeira memoria, que d'elle se encontra, é de março de 1191; julgando-se que fallecesse no anno de 1230, até o qual viveram em commum os conegos, segundo a regra de Santo Agostinho.

D. Payo. — Terceiro prior da collegiada, em tempo do mesmo D. Sancho II. Não ha d'elle memoria no cartorio da collegiada de Guimarães; mas consta das memorias de *D. Manoel Caetano de Sousa*, que D. Payo, por morte ou renuncia de D. Sueiro Viegas, fôra eleito bispo de Lisboá, sendo ao tempo da sua eleição conego de Vizeu e D. Prior de Guimarães. Durou tão pouco tempo no bispado, que não chegou a receber as suas letras; e falleceu a 19 de abril de 1233.

D. Vicente. — Foi o quarto prior da collegiada, ainda no reinado de D. Sancho II; e encontra-se noticias d'elle até 1236, em cujo anno lhe confirmára o rei o privilegio dos serventes da collegiada, outorgado por seu avô D. Sancho I.

D. Martinho Geraldes. — Foi o quinto D. Prior, reinando D. Sancho II e D. Affonso III. Encontram-se d'elle as primeiras memorias em 1243; e vão apparecendo até 1271, em que fallecera em Viterbo na Italia, estando elevado á cadeira dos arcebispos de Braga em successão do arcebispo D. João Egas. D. Rodrigo da Cunha, occupando-se d'elle na segunda parte da « Historia ecclesiastica de Braga », diz ser D. Martinho um varão, qual o pediam as necessidades d'aquelles tempos. Tinha sido eleito prelado pelo cabido, como era d'uso então: e passa por ser natural de Semilhe, nas visinhanças de Braga. Foi o instituidor do morgado de

Monteariol, nas visinhanças da mesma cidade, e figurou em primeira plana como diplomata medianeiro nas dissensões de Portugal com o pontifice no reinado de D. Affonso III.

D. Pedro II. — Foi o sexto D. Prior, no tempo d'el-rei D. Affonso III. Era natural de Lisboa, e chamou-se primeiro, Mestre Pedro Hispano, assignando-se assim nos livros, que escrevera: ao mesmo passo que é tambem conhecido com o nome de Pedro Julião. Foi muito douto nas mathematicas, na philosophia e na medicina: e foi eleito arcebispo de Braga em acta de cabido, como D. Martinho Geraldes, a quem succedera no anno de 1272: cardeal bispo Tusculano, por Gregorio X, no concilio geral Lugdunense, em 1274; e finalmente, por morte d'Adriano V, foi eleito summo pontifice em Viterbo, aos 20 de setembro de 1276, com o nome de João XXI. Occupou a cadeira pontificia pouco mais de oito mezes, fallecendo em maio de 1277, esmagado debaixo das ruinas d'uma casa.

D. Fernando Annes Portocarrero. — Era filho de D. João Henriques de Portocarrero, e sua mulher D. Mor Viegas Coronel. Foi o setimo D. Prior da collegiada, no reinado do mesmo rei D. Affonso III. Diz-se, que fôra deão de Braga, e muito bom clerigo: e mui pouco mais nos consta da sua vida.

D. Domingos Annes Jardo. — Era natural do lugar de Jardo, freguezia de Bellas, termo de Cintra. Foi o oitavo prior da collegiada, ainda no reinado de D. Affonso III; e foi tambem conego de Evora, capellão d'el-rei, do seu conselho, chanceller-mór do reino por nomeação de D. Diniz, bispo d'Evora por morte de D. Durando Paes; sendo finalmente d'aqui nomeado para bispo de Lisboa, por Nicolau IV, no anno de 1289. Falleceu em 1293: e jaz sepultado na capella do Santissimo na igreja de Santo Eloy em Lisboa, de cuja casa fôra o fundador.

D. Affonso Sueiro. — Foi o nono prior da collegiada: e havia sido em tempo sobre-juiz, assignando-se como tal, além d'outros documentos, no foral que dera el-rei D. Affonso III, com a rainha D. Brites, aos moradores de Silves. Foi deão da Sé de Braga, e juntamente prior de Guimarães; havendo memoria d'elle como D. Prior, desde 1279 até 1283.

D. Payo Domingues. — Foi o decimo prior, no tempo d'el-rei D. Diniz. Ha memorias d'elle, desde 1287 até 1296. Consta ter sido deão da Sé de Evora: e diz-se que foi este Payo II, o que trouxera de Roma a lamina da imagem de Nossa Senhora, que se venera na capella da sacristia da Oliveira.

D. Rodrigo Paes. — Foi o undecimo prior d'esta collegiada; havendo d'elle escassas memorias, e para aqui de nenhuma importancia, desde 1302 a 1309, reinando então D. Diniz.

D. Rodrigo d'Oliveira. — Foi o duodecimo prior da collegiada, no reinado do mesmo soberano. Existem memorias d'elle, desde 1310, d'onde consta ser nomeado deão d'Evora, até 1329, sendo então elevado á alta dignidade de bispo de Lamego.

D. Egas Lourenço. — Foi o decimo-terceiro prior da collegiada, sendo deão da Sé de Lisboa. Segundo a Monarchia Lusitana, foi o que dera licença em 1312 pelo cabido, com consentimento do respectivo bispo D. Estevão, para se construir a igreja de S. Diniz, fundada pelo monarcha d'este nome, junto á Penafirme no termo de Torres Vedras. D'esta dignidade de deão veio provavelmente para o priorado de Guimarães, pelos annos de 1315.

D. Pedro iii. — Era conhecido vulgarmente por Mestre Pedro, em virtude de ter sido physico d'el-rei D. Diniz, tendo-o já sido d'Affonso iii. Foi o decimo-quarto prior, na época do mesmo monarcha. Foi primeiramente conego de Braga e de Lisboa, sendo provido na dignidade d'este priorado

por D. Diniz, em 1316. Ha d'elle noticia, como D. Prior, até 1324.

D. Miguel Vivas. — Foi o decimo-quinto prior d'esta collegiada, no tempo d'el-rei Affonso IV, de quem fôra chanceller-mór. Segundo os escriptores que se occuparam da sua biographia, havia sido desembargador ecclesiastico, sobre-juiz d'el-rei, e conego de Braga e de Lisboa, sendo ultimamente eleito bispo de Vizeu em 1330. Falleceu n'esta Sé, em junho de 1335.

D. Estevão Dade. — Foi o decimo-sexto prior, no tempo do mesmo soberano. Sabe-se que occupára a cadeira prioral, desde 1336 a 1348.

D. João Affonso I. — Foi doutor em leis, e o decimo-setimo prior de Guimarães, no tempo do mesmo Affonso IV. Correm as suas memorias, como tal, apenas desde 1349 a 1350.

D. Affonso Vasques. — Era filho de Vasco Martins Inchado e de sua mulher Oroana Lourenço Pestana, e foi o decimo-oitavo prior, nos reinados de D. Affonso IV e de D. Pedro I. Apenas se sabe ter governado esta collegiada, desde 1353; e que já era fallecido em 1362, em que o cabido nomeára em sua falta um vigario geral do priorado.

D. Gonçalo Telles I. — Foi o decimo-nono

prior, no tempo d'el-rei D. Pedro I: consta que governára a collegiada, desde 1363 a 1366.

D. VICENTE II. — Foi medico d'el-rei D. Fernando, e o vigesimo prior de Guimarães, em tempo do dito rei, pelos annos de 1368.

D. MARTIM ANNES. — Era o vigesimo-primeiro D. Prior, no tempo d'el-rei D. Fernando, em 1373. Foi bispo de Silves, e conservou ainda assim o priorado de Guimarães, que depois cedera a favor de Gonçalo Vasques, o qual lhe alcançára o bispado de Lisboa. D'aqui foi nomeado cardeal, pelo anti-Papa Clemente VII; e morreu precipitado da torre da Sé pelo furor do povo.

D. GONÇALO VASQUES. — Foi o vigesimo-segundo prior, em 1374. Alcançam as suas memorias até 1383 — anno em que aos 6 de dezembro fôra morto na Sé de Lisboa, sendo lançado da torre abaixo, como o seu antecessor D. Martim.

D. JOÃO AFFONSO DAS REGRAS. — Depois da morte d'el-rei D. Fernando, foi elevado a D. Prior de Guimarães, sendo o vigesimo-terceiro. Nomeou-o a rainha D. Leonor Telles, em 1383, no dia seguinte ao da morte de D. Gonçalo. Era doutor em leis, e do conselho d'el-rei D. João I, com quem assistia em Lisboa em 1384. Deu d'esmola a esta collegiada uma cruz grande de prata, com varias reliquias,

primorosamente lavrada e esmaltada, tendo as suas armas nas quatro faces da prancha. Deu-lhe tambem duas galhetas de prata dourada, e outras duas brancas, uma naveta de prata, e um anjo com o escudo das suas armas. A naveta, o anjo, e as galhetas foram levadas por D. Affonso v, que as desfizera para as despezas da guerra de Castella.

D. Nuno Fernandes. — Foi o vigesimo-quarto D. Prior da collegiada, no tempo d'el-rei D. João i, pelos annos de 1396.

D. Ruy Lourenço. — Foi o vigesimo-quinto D. Prior, no reinado de D. João i, em 1401. Foi deão da Sé de Coimbra, licenceado em *Degredos,* e do desembargo do dito monarcha.

D. Luiz de Freitas. — Foi o vigesimo-sexto D. Prior, no mesmo reinado.

D. Diogo Alvares de Brito. — Foi o vigesimo-setimo D. Prior de Guimarães, por carta d'el-rei D. João i, em 1403, sendo eleito depois bispo d'Evora, e d'aqui promovido a arcebispo de Lisboa, governando o reino o infante D. Pedro. Morreu em 1426.

D. Affonso Martins. — Foi o vigesimo-oitavo D. Prior de Guimarães, pelos annos de 1410, e não se acham mais noticias d'elle.

D. Luiz Vasques da Cunha. — Foi o vigesimo-nono D. Prior, no reinado d'el-rei D. João I, em 1419. Em 1420 abriu a caixa das reliquias, que desde tempo immemorial estava no altar-mór, e encerrou-as n'uma caixa de prata, que tem as suas armas com um letreiro em gothico, em que se declara este facto.

D. Rodrigo da Cunha. — Foi o trigesimo prior d'esta collegiada, no mesmo reinado, e ainda no tempo d'el-rei D. Duarte e do infante D. Pedro. Era filho de Vasco Martins da Cunha, senhor das terras e castello de Lanhoso. Foi no tempo d'este D. Prior, e em 1439, que se alcançára de Roma um Breve, para se estabelecerem n'esta collegiada meias conezias. Governava a igreja Eugenio IV. Chegam as suas memorias até 1447, em que el-rei dera privilegio para que não pagassem os priviligiados a finta, lançada aos procuradores ás côrtes.

D. Affonso Gomes de Lemos. — Foi o trigesimo-primeiro prior de Guimarães, no governo do infante D. Pedro, e nos reinados de D. Affonso V e D. João II, e occupou esta cadeira 35 annos. Para valer ás necessidades do cabido, que então possuia poucos rendimentos, determinou se dessem sepulturas, dentro da igreja e capellas, ás pessoas que às pedissem, dando algumas rendas, honras e privilegios, e que estas rendas se repartissem entre o prior e o cabido. Este D. Prior era irmão d'Anna

de Goes, mulher de Diogo Pires Machado, que viveu na freguezia de S. Clemente de Sande, e se achou na batalha de Alforrobeira com o infante D. Pedro.

É este *Machado* o progenitor dos fidalgos d'este appellido, n'esta antiga villa de Guimarães.

D. Fernando Coutinho. — Foi o trigesimo-segundo D. Prior, pelos annos de 1488, reinando el-rei D. João II. Esteve ausente da collegiada durante tres annos, ou por causa da peste, que grassára em Guimarães desde 1489 a 1492, ou porque D. João II o occupára em Lisboa em seu serviço. Foi a este D. Prior, e ao cabido, que el-rei em 1492, a 21 de julho, confirmára o privilegio de capellães d'el-rei. Era filho de João da Silva, quarto senhor de Vagos e alcaide-mór da villa de Montemór-o-Velho, e de sua mulher D. Branca Coutinho. Sendo prior da igreja do Salvador da villa de Monte-Mór, veio para D. Prior da collegiada, onde fôra nomeado regedor das justiças, depois eleito bispo de Lamego, e por ultimo bispo do Algarve, cuja diocese governára desde 1502 a 1535.

D. Henrique Coutinho. — Foi o trigesimo-terceiro D. Prior de Guimarães, nos reinados d'el-rei D. João II e D. Manoel. Em 1493, acrescentou os *Estatutos*, que a esta collegiada havia dado o D. Prior Diogo Alvares de Brito. No seu governo, e em 1495, confirmou D. Manoel todos os pri-

vilegios d'esta igreja. Foi D. Henrique Coutinho do conselho d'el-rei, seu desembargador do paço, e embaixador a Roma, onde morrera, sendo sepultado na igreja de Santo Antonio dos Portuguezes.

D. Jorge da Costa. — Era natural d'Alpedrinha, povoação beirense, este trigesimo-quarto D. Prior de Guimarães, sendo, entre nós, o que mais beneficios ecclesiasticos gozára, e todos elles ao mesmo tempo. Foi arcebispo de Braga e Lisboa; e bispo d'Evora, do Porto, Vizeu, Algarve e Ceuta. Teve sete abbadias da ordem de S. Bento, e seis da ordem de S. Bernardo; dez priorados de conegos regrantes, e oito deados. Teve mais um beneficio em Roma, na igreja de Santa Maria *Trans Tiberim;* uma abbadia em Veneza; e a unica, que havia em Navarra. Foi ainda assim D. Prior de Guimarães, protector e regedor da universidade de Lisboa, confessor e capellão-mór de el-rei D. Affonso v, e seu embaixador a Castella, o qual finalmente lhe obteve do pontifice Xisto iv, em 1476, o capello cardinalicio, com o titulo dos santos Marcello e Pedro.

D. Diogo Pinheiro. — Foi o trigesimo-quinto D. Prior de Guimarães, pelos annos de 1505, reinando D. Manoel; e ha d'elle noticias n'esta collegiada até 1513. Foi muito versado em direito canonico e civil, e em theologia, sendo igualmente douto em todo o genero de sciencia. Foi capellão e

fidalgo da casa do duque de Bragança D. Jayme, d'onde passára ao serviço d'el-rei D. Manoel, de cujo conselho fôra, e seu desembargador do paço. Além d'outros beneficios ecclesiasticos, de que gozava, foi prelado de Thomar, como vigario do mestre da ordem de Christo, com jurisdicção ecclesiastica; e d'esta dignidade foi promovido a D. Prior d'esta collegiada, tomando posse a 6 de janeiro de 1503. Nomeou-o D. Manoel para primeiro bispo do *Funchal* em 1514; e falleceu em Thomar em julho de 1526, sendo sepultado na capella-mór da matriz d'esta villa, em tumulo ornado com o brazão dos *Pinheiros* de Barcellos, a cuja estirpe egregia pertencia. Foi este D. Prior, o que concluira a actual torre da Senhora da Oliveira, levantando-a desde o final do primeiro terço até ás ameias.

Nas PROVAS DA HISTORIA GENEALOGICA DA CASA REAL, Tom. III, Liv. VI, n.º 85, acha-se o seu *Manifesto em favor do duque de Bragança D. Fernando II, mandado justiçar em Evora por el-rei D. João II,* em 1483; o qual no conselho do julgamento ousára ser parte e juiz ao mesmo tempo, influindo com a sua presença e auctoridade no animo dos magistrados. E como a historia qualifica a D. João II como *principe perfeito,* não será mau lembrar-se aqui, por esta occasião, outro documento curiosissimo do mesmo volume das PROVAS. É o n.º 87, em que *D. João II* pede perdão ao pontifice, por ter feito morrer, *sob*

a côr de justiça, aos duques de Vizeu e Bragança e ao prelado d'Evora, sendo os mortos ao todo uns 80, *do que então a sua consciencia muito se doía;* e ainda até por ter anteriormente enganado o Papa Innocencio VIII, na conta que lhe dera d'estes assassinatos, *pedindo-lhe tambem o perdão* d'elles.

Não faz menção d'este *Manifesto,* que é escripto importante, o DICCIONARIO BIBLIOGRAPHICO do nosso Innocencio.

D. DIOGO DIAS. — Foi o trigesimo-sexto D. Prior, no tempo d'el-rei D. João III, e tambem capellão do duque de Bragança. Foi confirmado na dignidade de D. Prior da collegiada a 10 de outubro de 1525, fallecendo no outubro seguinte.

D. SEBASTIÃO LOPES. — Foi o trigesimo-setimo D. Prior, no reinado de D. João III, e tambem conego de Lamego e doutor em canones. Em 1488, tinha assistido e presidido ao synodo, que mandára reunir D. Jorge da Costa, arcebispo de Braga, sendo então seu vigario geral.

D. CONSTANTINO DE BRAGANÇA. — Era filho de D. Jayme, quarto duque de Bragança, e de sua segunda mulher D. Joanna de Mendonça. Foi o trigesimo-oitavo D. Prior da collegiada, no reinado do mesmo D. João III, do qual fôra camareiro-mór, e decimo-nono vice-rei da India.

No Catalogo dos D. Abbades e D. Priores do Mosteiro e Collegiada da Oliveira, dá-se como *filho segundo* do duque; mas nos genealogistas mais indagadores da especie dá-se como *filho terceiro.*

D. Gomes Affonso. — Foi o trigesimo-nono D. Prior da collegiada, ainda no reinado de D. João III, e depois no d'el-rei D. Sebastião. Existem memorias suas, como D. Prior de Guimarães, lesde 1539 a 1558. Desejando mostrar-se grato á infanta D. Isabel, que o collocára em tal dignidade, conseguiu bullas pontificias, para lhe doar treze igrejas, as quaes estavam annexas ao priorado, em 1553, e pertenciam ao termo de Guimarães.

Foi o segundo inquisidor da inquisição de Coimbra, a que dera principio a 15 de outubro de 1541, com o religioso dominicano D. fr. Bernardo da Cruz, o primeiro inquisidor do mesmo tribunal, noeados ambos pelo cardeal D. Henrique. Até então, exercia em Coimbra o bispo D. Jorge d'Almeida, sem subordinação a outrem, como tambem bispo de Lamego D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, a sua jurisdicção plena de inquisidor-mór. Não fallamos do bispo de Ceuta D. fr. Dioo da Silva, depois arcebispo de Braga nos annos e 1540, o qual fôra tambem um dos tres, a quem pontifice Paulo III dera a investidura d'inquisiores-móres do reino. Era isto então uma imitação a antiga inquisição dominicana, e do que os pro-

vinciaes da ordem obravam em todos os reinos das Hespanhas.

D. Fulgencio de Bragança. — Foi o quadragesimo D. Prior, no tempo de D. Sebastião e do cardeal rei D. Henrique, o qual conseguira que D. Fulgencio renunciasse a abbadia de S. Salvador de Travanca, de que fôra o ultimo commendatario, assim como a dignidade de D. Prior do mosteiro de Moreira, de conegos regrantes de Santo Agostinho. Era filho quarto de D. Jayme, quarto duque de Bragança, e de sua segunda mulher, D. Joanna de Mendonça, e occupou a cadeira prioral até 1580.

D. João de Bragança. — Quadragesimo-primeiro prior da collegiada na usurpação dos Philippes. Tomou posse do priorado a 23 de maio de 1582, e occupou-o até 1599, anno em que foi promovido a bispo de Vizeu a 23 de julho. Foi educado no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, onde foi mestre e doutor em theologia, e foi igualmente arcediago de Sobradello até á nomeação para bispo de Vizeu. Jaz sepultado na igreja de S. João de Evora, que foi dos conegos seculares de S. João Evangelista.

D. Alexandre. — Filho segundo de D. João sexto duque de Bragança e de D. Catharina, filha do infante D. Duarte, duque de Guimarães, e neta d'el-rei D. Manoel, foi o quadragesimo-segundo D.

Prior da collegiada, no tempo dos Philippes, tomando posse a 26 de janeiro de 1601. Foi arcebispo de Evora e inquisidor geral de Portugal, e falleceu a 11 de setembro de 1608.

D. Pedro de Castilho. — Quadragesimo-terceiro D. Prior no tempo de Philippe III.

Tomou posse do priorado a 31 de agosto de 1605. Foi beneficiado em Celorico, prior de Ilhavo, bispo de Angra e de Leiria, inquisidor geral, presidente do desembargo do paço, do conselho d'estado, capellão-mór, esmoler-mór e duas vezes vice-rei do reino. Falleceu em Lisboa a 31 de março de 1613, e foi sepultado na capella de S. Thomaz, que elle fundou e dotou no mosteiro de S. Domingos.

D. Fr. Aleixo de Menezes, da casa dos condes de Cantanhede, filho de D. Aleixo de Menezes, aio de el-rei D. Sebastião, e de sua mulher D. Luiza de Noronha.

Foi o quadragesimo-quarto D. Prior de Guimarães, no tempo dos mesmos Philippes. Foi religioso de Santo Agostinho, prior de Torres Vedras, e de Nossa Senhora da Graça em Lisboa, arcebispo de Goa e de Braga, capellão-mór, governador do Crato, e vice-rei do reino. Falleceu em Madrid a 3 de maio de 1617, com 58 annos de idade. O seu corpo foi trasladado para Braga, onde jaz sepultado na igreja do Populo, na capella-mór do lado da Epistola, tendo sido achado incorrupto a 10 de março

de 1621. — Do lado do Evangelho, está o cadaver do seu antecessor na mitra, D. Agostinho de Castro.

D. Fernando Martins Mascarenhas. — Filho de D. Vasco Mascarenhas, reposteiro-mór do principe D. João (filho d'el-rei D. João III) e de sua mulher D. Maria de Mendonça, foi o quadragesimo-quinto D. Prior ainda no tempo de Philippe III. Tomou posse a 20 de setembro de 1618, e ha memorias d'elle n'esta collegiada até 1624. Foi reitor da universidade de Coimbra, bispo do Algarve e inquisidor geral.

Quando deixou vaga a cadeira foi nomeado D. Jeronymo Mascarenhas para prior d'esta collegiada, mas não tomou posse, por ter sido despachado por Philippe IV, quando desthronisado de Portugal.

Não obstante a nullidade da sua nomeação, era D. Jeronymo em Castella chamado D. Prior de Guimarães. Todavia não é incluido de direito n'este catalogo, já pela dita nullidade, e já porque no seu tempo havia aqui o verdadeiro D. Prior, que era o seguinte:

D. João Lobo de Faro. — Doutor em canones pela universidade de Coimbra, e filho terceiro de D. Estevão de Faro, primeiro conde de Faro, e de sua mulher D. Guiomar de Castro.

Foi o quadragesimo-setimo D. Prior de Guimarães, de cuja dignidade tomou posse a 12 de junho

de 1642, reinando D. João IV. Ha memorias de haver occupado a cadeira até o anno de 1655.

D. Fernando Pereira Forjaz. — Foi o quadragesimo-oitavo prior da collegiada na menoridade d'el-rei D. Affonso VI e na regencia da rainha D. Luiza, que o nomeára, apenas com as ordens menores. Fallecendo d'ahi a dezesete dias, 4 de junho de 1660, seu irmão mais velho o conde da Feira, D. João Pereira Forjaz Pimentel, deixou D. Fernando este priorado, e succedeu na casa da Feira, sendo o seu nono conde, e casou-se com a condessa D. Vicencia de Menezes, filha herdeira de Pedro Cesar.

D. Diogo Lobo da Silveira. — Filho de D. João Lobo, sexto barão d'Alvito, e de sua mulher D. Magdalena de Lencastro.

Foi o quadragesimo-nono prior de Guimarães, no tempo d'el-rei D. João IV, e consta ter occupado a cadeira até o anno de 1666, 7 de setembro, quando falleceu desastradamente em Lisboa, porque cahindo a varanda do conde de Villa Nova, onde estava, ficou morto e sepultado nas ruinas. Foi collegial de S. Pedro, conego na Sé de Lisboa, sumilhér da cortina d'el-rei, e mais tarde nomeado bispo de Vizeu, o que não teve effeito por causa das guerras com Castella. Deu este D. Prior a Nossa Senhora da Oliveira uma custodia de prata dourada com a reliquia de S. Torquato, que se conserva

no thesouro; conseguiu um alvará para os corregedores d'esta comarca serem os conservadores dos privilegios e privilegiados de Nossa Senhora da Oliveira, e deu novos estatutos a esta collegiada em 1662.

D. Antonio de Vasconcellos e Sousa. — Quarto filho de João Rodrigues de Vasconcellos de Sousa, segundo conde de Castello Melhor, e de sua mulher D. Marianna de Lencastro.

Foi o quinquagesimo D. Prior em tempo d'el-rei D. Affonso VI, dignidade que trocou com André Furtado de Mendonça. Foi deputado do santo officio nas inquisições de Lisboa e Coimbra com exercicio, sumilher da cortina d'el-rei D. Pedro II, bispo de Lamego, e depois de Coimbra, de que tomou posse a 6 de abril de 1706; falleceu a 23 de dezembro de 1717 e jaz sepultado na Sé.

D. André Furtado de Mendonça. — Filho segundo de Leão Furtado de Mendonça, commendador de Borba, governador do Algarve, presidente da camara de Lisboa, do conselho d'estado de Portugal em Madrid, e presidente do conselho da India.

Foi o quinquagesimo-primeiro D. Prior, por troca com o seu antecessor, no tempo d'el-rei D. Affonso VI. Foi commendador de S. Romão, conego e depois deão da Sé de Lisboa (que trocou com D. Antonio de Vasconcellos), do conselho de Affon-

so VI, da junta dos tres estados e reitor da universidade de Coimbra, d'onde passou para bispo de Miranda, onde falleceu a 21 de julho de 1676 e ahi jaz.

D. José de Menezes. — Filho segundo de D. Affonso de Menezes, senhor da Ponte da Barca, e de sua mulher D. Joanna Manoel de Magalhães.

Foi o quinquagesimo-segundo D. Prior, no tempo d'el-rei D. Pedro II, ainda então principe. Foi primeiramente desembargador do Porto, e dos aggravos de Lisboa, deputado da mesa da consciencia e do santo officio, sumilher da cortina de Affonso VI e Pedro II, e reformador da universidade de Coimbra, d'onde foi para bispo do Algarve, depois de Lamego e ultimamente arcebispo de Braga, onde falleceu em 1696, depois de nomeado inquisidor geral, que não aceitou.

D. Pedro de Sousa. — Filho quarto de D. Francisco de Sousa, primeiro marquez das Minas, e de sua segunda mulher D. Eufrasia de Vilhena.

Foi o quinquagesimo-terceiro D. Prior de Guimarães no reinado de D. Pedro II, e um dos que n'esta collegiada conseguiu os maiores respeitos. Foi antes d'esta dignidade chantre de Vizeu, arcediago de Villa Cova, e beneficiado em Salvaterra. Falleceu a 30 de maio de 1706, e jaz sepultado na capella-mór d'esta collegiada.

D. João de Sousa. — Filho de D. Francisco de Sousa, capitão da guarda allemã, do conselho d'estado, e de D. Helena de Portugal.

Foi o quinquagesimo-quarto D. Prior no tempo de D. Pedro II. Sendo deputado do santo officio, e sumilher da cortina do dito rei e de D. João V, foi nomeado para esta cadeira a 9 de junho de 1706, tomando posse d'ella a 15 de agosto de 1708. Tinha sido conego em Coimbra e inquisidor em Lisboa, lugar que deixou.

Taes são os D. Priores que governaram esta collegiada desde D. Affonso Henriques até 1727, como consta da Colleçam dos Documentos e Memorias da Academia Real da Historia Portugueza, Tom. VI, podendo vêr-se a obra citada para colher d'elles noticias mais circumstanciadas.

Dou em seguida uma breve noticia dos priores, que desde 1727 se seguiram até os nossos dias, e que ainda até hoje não foram catalogados.

D. José. — Fallecido em Lisboa o D. Prior D. João de Sousa a 16 de outubro de 1752, succedeu-lhe D. José, filho natural d'el-rei D. João V, inquisidor geral do santo officio por nomeação de seu irmão el-rei D. José I, no anno de 1753. Logo que recebeu tal despacho escreveu ao cabido a participar-lh'o; mas infelizmente não chegou a tomar posse da cadeira, por causa das desavenças que teve com o marquez de Pombal. Sendo mandado para o

Bussaco com seu irmão, ahi estiveram ambos até á morte do monarcha, e vieram terminar os seus dias na quinta da Palhavam, perto de Belem.

D. Paulo de Carvalho e Mendonça. — Filho de Manoel de Carvalho e Athayde, commendador da ordem de Christo, e de sua mulher D. Thereza Luiza de Mendonça, foi o quinquagesimo-sexto D. Prior, nomeado por el-rei D. José em março de 1762. Foi prelado da igreja patriarchal, do conselho de sua magestade, e do da rainha, do qual foi presidente, do conselho geral do santo officio, commissario geral da bulla, presidente do senado, e ultimamente nomeado cardeal pelo pontifice Clemente XIV, dignidade que não chegou a gozar, pois que a noticia da sua nomeação chegou a Lisboa poucos dias depois da sua morte, que foi a 17 de janeiro de 1770.

D. Domingos de Portugal e Gama. — Filho de D. Luiz de Portugal e sua mulher D. Ignacia de Rohan, quinquagesimo-setimo D. Prior de Guimarães, nomeado em março de 1770. D. José deu procuração a seu sobrinho Luiz de Saldanha, então thesoureiro-mór d'esta collegiada, para em seu nome tomar posse da cadeira, como tomou a 13 de maio do mesmo anno.

Fez a sua entrada solemne na sua igreja a 14 do mesmo mez e anno com o maior fausto. Residiu em Guimarães alguns mezes. Comprou e murou o

campo, que até os nossos dias serviu de cemiterio publico. Recolhendo-se doente a Lisbôa, onde tinha sido monsenhor da patriarchal, foi mandado tomar ares para Evora, e ahi falleceu a 22 de setembro de 1773, e jaz sepultado na igreja de S. Domingos.

D. Luiz de Saldanha e Oliveira. — Filho do morgado d'Oliveira Antonio de Saldanha d'Oliveira e de sua mulher D. Constança de Portugal, foi o quinquagesimo-oitavo D. Prior d'esta collegiada, nomeado a 26 de setembro do mesmo anno. Tomou posse por procuração em dezembro, sendo seu procurador o exc.^mo^ bispo de Bragança D. Bernardo Pinto de Seixas, e falleceu em Madrid a 24 de setembro de 1814, sendo sepultado no campo santo da mesma cidade, e concorrendo com o seu funeral o ministro de Portugal, que então era o morgado de Matheus.

D. José Telles da Silva. — Filho dos marquezes de Penalva e capellão-mór honorario de D. Miguel, foi o quinquagesimo-nono D. Prior, por nomeação d'el-rei D. João VI, estando com a sua côrte no Rio de Janeiro. Tomou posse por seu procurador o thesoureiro-mór Thomé Luiz Felgueiras em 17 de novembro de 1817. Tinha sido lente nos sagrados canones, conego da igreja patriarchal, e ahi presidente da junta do melhoramento das ordens religiosas. Falleceu a 9 de junho de 1832 em Lisboa, e jaz ahi no convento do Carmo.

D. MARCOS PINTO SOARES VAZ PRETO. — Sexagesimo D. Prior de Guimarães por decreto de D. Maria II de 28 de agosto de 1849. Tomou posse pelo seu procurador o chantre João Baptista Gonçalves Sampaio a 30 de setembro do mesmo anno. Era do conselho de S. M. a rainha, seu esmolermór e prégador junto á pessoa. Falleceu em Lisboa a 6 de dezembro de 1851.

D. JOSÉ FRANCISCO DE PAULA D'ALMEIDA. — Moço fidalgo com exercicio no paço e conego na igreja patriarchal de Lisboa, nomeado sexagesimo-primeiro D. Prior d'esta igreja por decreto da mesma rainha a 26 d'outubro de 1853. Tomou posse pelo seu procurador o reverendo chantre Gonçalves Sampaio a 19 de março de 1854. Depois da sua nomeação para este priorado teve carta de conselho, e diploma de commendador da ordem militar de S. Bento d'Aviz. Visitou esta collegiada pela ultima vez a 2 de julho de 1867.

Entre o trigesimo-sexto D. Prior D. Diogo Dias, e o trigesimo-setimo D. Sebastião Lopes, houve um outro D. Martinho Gil de Carvalho, prior commendatario, como consta d'um prazo do casal da Gradilha em S. João da Ponte, feito a 15 de fevereiro de 1527, e que não consta do catalogo da COLLE-

ÇAM DOS DOCUMENTOS E MEMORIAS DA ACADEMIA REAL DA HISTORIA PORTUGUEZA.

Parece-me por tanto ficar assim completo o catalogo dos D. Priores de Guimarães desde D. Pedro Amarello até D. José Francisco de Paula d'Almeida, que em nossos dias fôra o ultimo.

Vê-se d'este catalogo, *com gloria nossa,* que o priorado de Guimarães teve a honra de dar á igreja 1 summo pontifice e 3 cardeaes; a Braga, 5 arcebispos, 2 a Lisboa, 1 a Evora, e 1 a Goa; 4 bispos a Lamego, 4 a Vizeu, 4 ao Algarve, 3 a Evora, 2 a Lisboa e 1 a Angra, Ceuta, Coimbra, Funchal, Leiria, Miranda e Porto, além d'outros individuos de esclarecida nobreza; figurando entre estes, além dos fidalgos pertencentes ás mais distinctas familias do reino, 2 principes da casa de Bragança, que foram D. Fulgencio e D. Alexandre.

Em 1823 foram os D. Priores de Guimarães agraciados com o tratamento de *excellencia,* como se vê do seguinte alvará:

«Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem, que tomando na minha real consideração, que a dignidade de D. Prior da insigne e real collegiada de N. S.ª da Oliveira da villa de Guimarães é das primeiras do reino; tendo merecido por isto, e por outros mui attendiveis motivos, que os senhores reis, meus augustos predecessores, a tenham honrado e distinguido, nomeando para ella ecclesiasticos activos e distinctos em qualidades e virtudes,

e augmentando e elevando a dita collegiada com regalias, privilegios, e isempções; e por folgar de lhe fazer mercês, hei por bem ordenar, que ao D. Prior actual da mesma insigne e real collegiada de N. S.ª da Oliveira da villa de Guimarães, e aos que para o fucturo lhe succederem nesta dignidade, se falle e escreva por excellencia, por todas as pessoas de qualquer estado ou condição que sejão; com as mesmas condicções, e debaixo das mesmas penas estabelecidas na lei novissima dos *Tratamentos*, a respeito das pessoas a quem esta é nella concedida.

« E este se cumprirá como nelle se contem e declara, como carta feita no meu real nome, e como se passasse pela Chancellaria, posto que por ella não haja de passar, e o effeito della deva durar mais de um ou muitos annos, sem embargo das ordenações que o contrario determinão.

« Dada no Palacio de Queluz em 4 de novembro de 1823. = Rei. = *Manoel Marinho Falcão de Castro* ».

D. José, por carta de lei de 1768, concede aos conegos o tratamento de senhoria.

D. Maria I faz aos D. Priores a mercê de seus conselheiros natos.

A 18 de junho de 1808 as dignidades e os conegos d'esta igreja são os primeiros a acclamar como legitimo rei a D. João VI, conduzindo os retratos de suas magestades e altezas, debaixo do pallio, pelas ruas da villa, dando assim exemplo de exas-

perado valor e acrisolado patriotismo — que fôra o primeiro movel da restauração de Portugal, em toda a provincia do Minho — perseguindo com um levantamento em massa o general Loyson até além de Lamego. Em seguida as mesmas authoridades e conegos organisam á sua custa o batalhão dos privilegiados, em que serviam de officiaes os proprios capellães. Este batalhão foi a primeira tropa, que se viu armada e disciplinada, prompta a 15 de agosto seguinte para se offerecer ao governador interino do Porto para ir á conquista de Lisboa; dita, que não gozou — acrescenta o manuscripto, d'onde colho esta noticia — talvez por serem ecclesiasticos muitos dos officiaes e terem d'ir ás ordens dos nossos alliados inglezes. Em remuneração de taes serviços, sua magestade, querendo dar-lhe uma prova do seu reconhecimento, concede a todas as dignidades e conegos d'então a mercê do habito de Christo, por decreto de 23 de novembro de 1813.

Das igrejas apresentadas pelo D. Prior e dignidades da collegiada

Eram antigamente da apresentação *in solidum* dos D. Priores de Guimarães muitas igrejas, como S. Martinho de Moreira de Rey, S. Bartholomeu de Villa Cova, S. João de Serafão, Santa Maria do Souto, S. João de Pencello, S. João de Gondar, S.

João das Caldas, Santa Maria de Villafria, S. Thomé d'Abaçam, S. Romão de Mezão Frio; mas o D. Prior, Gomes Affonso desannexou-as do seu beneficio e fez doação d'ellas á infanta D. Isabel, a 12 de julho de 1553, obtendo para isto um Breve do summo pontifice, como já dissemos no catalogo dos priores. Com tal doação ficaram as rendas do priorado muito diminutas, chegando ainda assim no principio do seculo passado ao rendimento de mil e quinhentos cruzados, ou mais, quando os fructos estão por mais alto preço, ficando-lhe ainda para apresentar o thesourado-mór fóra dos mezes da reserva, as duas meias prebendas dos seus curas e as vigariarias de Santa Eulalia de Fermentões e S. Martinho de Fareja.

Apresentavam os priores simultaneamente com o cabido todos os canonicatos fóra dos mezes da reserva e a igreja de Santo André de Murça, com treze annexas, a abbadia de S. Miguel, hoje S. Miguel do Castello, annexa á Senhora da Oliveira e as igrejas de S. Sebastião e de S. Payo, ambas vigariarias da villa, e a de S. Vicente de Mascotellos, sendo todas da visita dos priores.

Ao chantre, que é a primeira dignidade depois do prior, pertencia a apresentação de S. Payo de Moreira de Conegos e S. Miguel de Creixomil: ao thesoureiro-mór Santa Eulalia de Nespereira e Santa Maria de Matamá: e todos os conegos *in solidum,* concorrendo os priores com o seu voto, apresentavam a igreja de Santo André de Tolões com

as suas annexas, sendo esta igreja n'outro tempo mosteiro de religiosos de Santo Agostinho, o mosteiro de S. Gens de Monte Longo com tres beneficios simples e o de S. Torquato, cuja terra, como já disse, dividida por marcos era privilegiada e couto d'esta collegiada, onde o cabido apresentava ouvidor; e finalmente apresentavam mais a igreja de S. João de Ponte, antigamente mosteiro da ordem de S. Bento, Santo Estevão de Urgezes, S. Pedro de Azurey, que n'outra época era da apresentação dos D. Priores, que a trocaram com o cabido pela pedra das esmolas do Padrão — do que adiante nos occuparemos — S. Mamede d'Aldão, S. Martinho de Candoso, S. Martinho de Conde, S. Miguel do Paraiso, Santa Maria de Silvares e a igreja de S. Julião.

Dos privilegios e isenções d'esta collegiada no espiritual

Depois de haver fallado dos privilegios das TÁBUAS VERMELHAS, com que tanto e por tão largos annos se honrou e engrandeceu esta notavel igreja, não devo passar em silencio os privilegios e regalias, que no espiritual gozava a mesma collegiada, não só na sua igreja, mas ainda em todo o districto da villa.

Tinha n'outro tempo o cabido d'esta igreja o direito exclusivo de acompanhar com cruz alçada os

defuntos, seus freguezes ou ainda os que o não sendo falleciam nas suas freguezias annexas. Mas como este direito lhe dava mais trabalho do que interesse, instituiu-se uma communidade de quarenta e seis clerigos, sendo estes seis chamados os Titulòs, e costumavam levar nas procissões as capas d'asperges e os sceptros, e toda a communidade referida se intitulava curaria, debaixo da presidencia de um por todos nomeado, que tomava o nome de preoste. A esta communidade ficou então pertencendo o privilegio de acompanhar com cruz e sobrepellizes os defuntos, fazendo ella o officio de parocho, como os conegos costumavam fazer, e recebendo por isso todos os benesses com o encargo de missas e officios, a que o cabido estava obrigado. Nenhuma irmandade ou confraria podia no districto da villa ou seu arrabalde levantar cruz, senão esta communidade, assim para enterros como quaesquer outros actos religiosos; nem d'isto era exceptuada a irmandade da Misericordia, que não podia sahir a acompanhar com a sua tumba algum defunto, ainda mesmo que este fosse irmão seu, sem ser acompanhada pela curaria, como parocho de toda a villa, exceptuando-se apenas os pobres fallecidos no hospital geral, porque estes podiam ser acompanhados pelo capellão-mór da santa casa com a respectiva bandeira.

Contava-se de esmola á curaria por acompanhamento dentro de muros ou em volta d'elles seiscentos reis; mas sendo de mais longe ficava a es-

mola ao arbitrio do preoste; e se no acompanhamento tomasse parte qualquer irmandade, de que o defunto não fosse irmão, taxava-se a esmola da curaria em dez tostões. Se alguem não arrolado nas freguezias do districto da villa fallecesse e viesse sepultar-se a qualquer mosteiro, igreja ou capella, erecta no mesmo districto, não podia entrar só debaixo da cruz da parochia, de que era freguez, sem que viesse igualmente acompanhado pela curaria. E como este districto se estendia ainda a algumas freguezias do termo de Guimarães, como a Santa Marinha da Costa, Santo Estevão d'Urgezes, S. Miguel de Creixomil e S. Pedro d'Azurey, que teem freguezes dentro da villa, quando algum d'estes fallecia, podia vir o respectivo parocho acompanhal-o de cruz levantada para a sua igreja; mas não assim, se por disposição o fallecido tivesse determinado o seu enterro em qualquer igreja da villa, porque então era a curaria a que tinha direito a acompanhar de cruz alçada, debaixo da qual seguia o parocho respectivo sem cruz, ficando à cargo d'este os officios e mais usos e costumes da sua igreja.

Em nenhum convento, parochia ou capella d'este districto se podiam celebrar officios de defunto, sem a assistencia da curaria, para a qual havia consignada a seguinte tabella de esmola: officio de nove lições a orgão dous mil reis, a canto-chão dez tostões, e sendo d'um só nocturno seis. Finalmente para qualquer procissão festiva ou funebre (como

a que todos os annos costuma fazer a santa casa da Misericordia em dia de Todos os Santos), quando tomasse parte alguma communidade, confraria ou irmandade, tinha de ser convidada a curaria, e era debaixo da sua cruz que seguiam as procissões, ainda mesmo as celebradas por devoção particular.

Era muito rica esta corporação pelos legados, que no correr dos tempos lhe foram deixando, e o preoste todos os dias de manhã distribuia pelos outros cureiros, na capella de S. Pedro no claustro, a missa, que cada um d'elles tinha de celebrar n'esse dia.

Hoje, perdidos todos esses privilegios por novas leis e costumes, ficou esta corporação reduzida a um limitado numero de cureiros, que pouco mais teem do que as obrigações coraes e a satisfação de varios legados.

Não era menos singular a isenção d'esta collegiada dos prelados bracharenses, considerando-se sempre alheia á sua jurisdicção e em tudo immediata á Santa Sé.

Este direito, que tanto devia contrariar os arcebispos de Braga, foi-lhe sempre reconhecido ou pelo menos respeitado, até á sahida de D. Affonso Henriques d'esta villa para a de Coimbra; porque então ficando esta igreja mais desamparada da regia protecção, ficaram os arcebispos bracharenses mais assistidos d'animo para se fazerem reconhecer seus legitimos prelados. Foi o primeiro o arcebispo

D. Estevão Soares da Silva, que accommetteu esta igreja á força d'armas, seguido de muita gente sua; mas encontrando a resistencia do D. Prior, cabido e clerigos — o que deu lugar a algumas mortes, ferimentos e damnos — retirou-se sem poder conseguir o seu reconhecimento. Reinava então em Portugal Affonso II e era summo pontifice Innocencio III, que interpondo a sua authoridade, commetteu a causa a dous arcediagos, o de Çamora e Astorga, os quaes conseguiram entre as partes uma concordata confirmada por Honorio III, na qual se assentou: *Que os priores fossem prelados ordinarios da igreja de Guimarães, e tivessem jurisdicção nos beneficiados e clerigos d'ella, como a teem os bispos; e sómente reconhecessem os arcebispos de Braga como metropolitanos; mas que não podessem os priores conhecer dos casos, que por direito merecessem deposição ou suspensão perpetua; e que em tudo o mais fossem os priores como bispos suffraganeos, tendo nos seus conegos e porcionarios aquella jurisdicção, que qualquer bispo tem nos seus e na sua diocese: a qual concordata foi celebrada no anno do Senhor de 1216 e confirmada pela Santa Sé.* Esta concordata foi em 1229 confirmada pelo cardeal Sabinense, legado *à latere,* que vindo á Hespanha por ordem de Gregorio IX tratar de varios negocios ecclesiasticos, visitou esta collegiada apostolicamente e mandou aos conegos e mais beneficiados, que tivessem como seu ordinario o prior d'ella.

Scientes e respeitadores d'estes direitos e deveres, ficaram os arcebispos bracharenses apenas com a sua jurisdicção metropolitana, até que sendo provido na sé primaz o infante D. Henrique, tentou vingar para si toda a jurisdicção; e entrando n'esta villa com poder real e com uma força, a que se não podia resistir, visitou esta igreja, da qual se haviam retirado o prior, dignidades e mais beneficiados, protestando contra um tal procedimento e levando a sua appellação á Sé apostolica. Corria esta pendencia no juizo apostolico, quando tomou posse da mitra bracharense o arcebispo D. Balthazar Limpo, que por ser muito privado d'el-rei D. João III e particular amigo do cardeal infante, julgou-se com direito de entrar em Guimarães á mão armada, o que realisou pelos annos de 1550.

O prior e mais clerigos na impossibilidade de lhe offerecer resistencia, mandaram fechar as portas da igreja, que o referido prelado mandou arrombar, bem como as do Sacrario e mais officinas; acudindo então o prior, como procurador, oppôz-se e protestou, apresentando ao prelado bracharense as inhibitorias passadas e as novas appellações, sobre as quaes debateram por tanto tempo, que interveio o cardeal infante para as ajustar, e segundo apontamentos pelo mesmo cardeal assignados, se lavrou nova concordata entre o arcebispo, prior e mais dignidades, em que se assentou o seguinte: *Que os arcebispos de Braga podessem pessoalmente e não por pessoa alguma visitar nos tempos deter-*

minados por direito a igreja matriz collegiada da dita villa de Guimarães, e quatro igrejas filiaes suas no temporal e espiritual, assim, e da maneira que podem visitar as igrejas do seu arcebispado; e que podessem despachar as culpas dos conegos, e beneficiados da dita igreja, que na visita se achassem, quando ellas se podessem despachar summariamente; porque então logo as remetterão ao D. Prior, como prelado ordinario, e juiz dos ditos conegos e beneficiados; os quaes as determinarão conforme ao direito; dando appellação e aggravo para ante os ditos arcebispos como metropolitanos; e sendo caso que os ditos arcebispos não fossem pessoalmente visitar aquella villa nos tempos instituidos por direito, não podessem mandar visitadores a visitar no espiritual, nem no temporal; nem os taes visitadores podessem contender em cousa alguma, que tocasse á dita igreja matriz.

Esta concordata, que acabou por dar aos arcebispos de Braga, exclusivamente e só nos tempos determinados em direito, a jurisdicção da visita, e na falta d'isto aos priores d'ella, como até alli, foi assignada em Lisboa a 3 de julho de 1553.

Por ella ainda os arcebispos bracharenses se podiam considerar simples visitadores dos D. Priores, porque quando vinham pessoalmente visitar, terminada que fosse a visita, mandavam entregar aos priores os processos das culpas dos seus subditos para que estes os sentenceassem e dessem appellação e aggravo, o que deu lugar a que um prior

dissesse n'uma occasião a um arcebispo: *Vossa senhoria é meu visitador n'esta igreja, eu sou prelado d'ella.*

Não pararam ainda aqui as tentativas dos arcebispos de Braga para despir a collegiada de Guimarães dos restos de jurisdicção, que lhe haviam poupado. O arcebispo D. Affonso Furtado de Mendonça tomando conta d'aquella sé no anno de 1619, mandou no de 1621 o seu bispo d'annel com muitos officiaes de justiça ecclesiastica proceder á visita d'esta igreja e das suas filiaes. Deve notar-se, que este prelado tinha obtido de Philippe III uma carta, datada de Madrid a 4 de julho de 1621, que mandava ao licenciado Manoel Montes Godinho, provedor da comarca, que notificasse os officiaes da camara para que deixassem, que elle arcebispo *visitasse a igreja da collegiada por sua pessoa, e as filiaes ou por si ou por seus visitadores.*

Logo que o bispo commissionado assentou em Guimarães a sua mesa de visita, a elle correram o cabido e a camara a apresentar-lhe os seus requerimentos — aquelle pela jurisdicção da sua igreja, e a camara pela jurisdicção real — e não sendo attendidos mas antes fulminados com excommunhões, levantaram-lhe a mesa, mas não puderam demover o bispo do seu proposito, porque este se dirigiu á igreja de S. Sebastião, uma das filiaes, onde de novo mandou levantar mesa, e acompanhado dos officiaes e muita gente, que trazia na sua companhia, tentou dar alli principio á sua visita, onde a cama-

ra foi continuar com os seus requerimentos, que da sua parte foram tantos como do bispo as censuras, das quaes os vereadores e officiaes da camara appellaram, e começando o disturbio e as palavras mal calculadas, á força lhe derrubaram as mesas por terra! Queria o bispo mostrar ao seu prelado quanto desejava fazer-lhe a vontade, e para isto, longe de desistir da sua missão, manda ainda outra vez levantar mesa na igreja de Santa Clara. Então a camara e o povo, levantando mão de requerimentos e de todos os meios conciliadores, sem paciencia e sem prudencia, invadem a igreja de Santa Clara, quebram as mesas da visita e travando-se de parte a parte uma séria desordem, reconheceu o bispo, que o mais seguro e acertado seria o recolher-se a Braga com todos os da sua comitiva e ainda alguns naturaes d'esta villa, que levados pelas promessas do *visitador* o favoreciam no intento.

Não foram estes excessos do povo de Guimarães tão peccaminosos e imprudentes, como á primeira vista podem parecer, porque o proprio arcebispo, que ordenou a visita e deu por tanto causa aos referidos conflictos, quando adiante em 1627 foi levado ao arcebispado de Lisboa, favoreceu tanto os vereadores, que tão bem souberam pugnar pelos direitos da sua terra, que não só os fez continuar a servir na camara por seis annos, mas sempre e da melhor vontade os attendia nos seus requerimentos, quando este prelado governou o reino

sem companheiros desde 21 de abril de 1627 a abril de 1630.

Mais engenhoso plano, mas igualmente infructifero, concebeu o arcebispo D. Verissimo de Lencastre, que entrando em Guimarães, acompanhado dos seus ministros, no anno de 1673, deu principio á sua visita, assentando a sua mesa na igreja da collegiada, na capella de S. Nicolau, e mandando assentar outras nas igrejas de S. Payo e S. Sebastião, onde os seus ministros fossem continuando a visita ao mesmo tempo. D'este modo corriam as cousas, quando no meio da visita o arcebispo pretextou a necessidade de se recolher por algum tempo a Braga, ordenando aos ministros, que continuassem com os seus trabalhos durante a sua ausencia. Mas a camara de Guimarães, vendo n'isto talvez uma intenção pouco legitima, logo que o prelado bracharense transpôz os limites da villa, mandou notificar os visitadores, que parassem com a visita, até que o arcebispo de novo voltasse. Queriam ainda recalcitrar os ministros visitadores contra os requerimentos da camara e as instancias do povo; mas como este se ia alvorotando em demasia e rompendo em ameaças, assentaram então no prudente proposito de suspender a visita, até que a veio concluir o proprio arcebispo.

Relação dos objectos preciosos do thesouro da collegiada

Na descripção d'estes objectos, que mais notaveis se tornam pelo seu merecimento historico ou valor artistico, seguirei muito de perto o erudito archeologo Vilhena Barbosa, porque cuidadosamente verifiquei a exactidão e o escrupulo com que minuciosamente estudou o assumpto; omittindo comtudo algumas observações criticas, alheias da minha obra, e rectificando uma ou outra inexactidão passageira, que por ventura lhe escapou ao correr da penna.

Guarda-se na sacristia da collegiada em um grande armario, embebido na parede, com portas chapeadas de ferro, o magnifico thesouro de vasos sagrados, cruzes, joias d'ornato da imagem da Senhora, e outras muitas alfaias, algumas das quaes são verdadeiros primores d'arte, e outros padrões gloriosos da nossa historia, formando por isso o thesouro mais rico d'objectos d'arte antiga, que existe no nosso paiz.

Sem attender á ordem chronologica apresentarei em primeiro lugar o famoso oratorio de D. João I de Castella, que tomado na batalha d'Aljubarrota por D. João I de Portugal, foi por este monarcha, com outros mais objectos de valor, offerecido á Santa Virgem. É exteriormente de madeira e em fórma d'armario, com duas meias portas, tendo de

altura $1^m,34$, de largura, estando fechado, quasi um metro, e se estiver aberto dous metros aproximadamente. No interior é todo de prata dourada e com obra d'esmalte. O corpo do armario, que terá de fundo uns dez centimetros, divide-se na largura em duas partes: a inferior, mostrando todo o fundo, representa uma camara; a superior apresenta a fórma d'uma fachada gothica, puxada á frente do armario, e fazendo abobada á inferior. N'esta acha-se a cama em que está deitada uma imagem de Nossa Senhora com o Menino Jesus: e aos pés da cama S. José sentado e encostado ao seu bordão. Por cima da cama e das imagens resalta da parede da camara, no centro, uma representação da manjadoura, que serviu de berço ao Menino, com as cabeças do boi e da mula, e nos lados dous meios corpos d'anjos com thuribulos, como incensando o recem-nascido. As imagens da Virgem e de S. José teem perto de trinta e quatro centimetros d'altura e são, bem como o Menino Jesus, de vulto inteiro, tendo o rosto e as mãos com encarnação e o resto a prata dourada. As paredes e abobada da camara são vestidas de folha de prata dourada com seus lavores. A fachada gothica é toda de prata dourada com esmaltes de differentes côres e compõe-se de dous corpos distinctos: o superior apresenta a parede ornamentada d'um edificio gothico, na qual se estende uma galeria de nove janellas contiguas, delineadas segundo o mais puro gosto d'aquelle estylo architectonico, resaltando da dita parede sobre

a galeria das janellas dous anjos, um em cada extremidade, segurando dous escudos d'armas d'él-rei D. João I de Portugal: o corpo inferior consta de quatro arcos, que formam a abobada da camara ou presepio, e sustentam outros tantos pavilhões sextavados, em que se abrem brincadas janellas ogivaes, tudo guarnecido de lindos esmaltes. São separados os quatro pavilhões por delgados pilares, que vão servir de base a cinco capellinhas, que se encostam á galeria acima referida. Nas cinco misulas dos quatro arcos vêem-se cinco pequenas estatuas d'anjos, de vulto inteiro, com tochas nas mãos, fazendo-lhes docel cinco formosos coruchéos, rendilhados, que terminam em esbeltas e delicadas agulhas.

As duas meias portas do oratorio teem o mesmo fundo d'este, e dividem-se tambem em duas partes, superior e inferior, tendo em cada divisão uma camara ou capellinha, com as paredes vestidas de folha de prata dourada com lavores, e coberta por dous arcos ogivaes, que sustentam uma como parede toda lavrada com diversidade de desenhos esmaltados. Na meia porta do lado direito está representada a Annunciação, na parte superior e na inferior a Apresentação; na outra meia porta está figurada na parte superior a Adoração dos Pastores e na inferior a Adoração dos Reis. Todas as figuras são igualmente de vulto inteiro, de prata dourada, com encarnação no rosto e nas mãos e da mesma altura das da Senhora e S. José, que estão no presepio.

Em tudo quanto respeita a architectura e ornamentação é este oratorio obra muito para se vêr e admirar; mas em quanto ás figuras deixa muito a desejar, principalmente em correcção de desenho.

Nos escudos das armas, que os dous anjos sustentam, foram substituidos os leões de Castella pelas quinas de Portugal, por ordem dos conegos, que d'este modo quizeram mostrar, que tal preciosidade fôra dadiva d'um monarcha portuguez; sem se lembrarem que tal alteração vinha escurecer a gloria, com que foi alli trazido, e daria occasião a ignorar-se a sua procedencia, como aconteceu a Gaspar Estaço, que nas suas VARIAS ANTIGUIDADES DE PORTUGAL diz, que este oratorio se fizera da prata, a que se pesou D. João I, e dera d'esmola á Senhora.

O costume de se expôr este oratorio no altar da capella-mór desde o dia de Natal até á Epiphania e na festa de Nossa Senhora, já cahiu em desuso, porque actualmente não sahe do thesouro.

É igualmente estimavel como reliquia santa e como objecto archeologico e mui antigo um calix chamado de S. Torquato, porque segundo a tradição e antiquissimas memorias escriptas, pertenceu áquelle santo arcebispo de Braga. É de prata dourada e de singular feitio, sobretudo pelo grande diametro da base, pesando cinco marcos e meio. Não sobresahe por delicadezas e primores d'esculptura, mas tem alto merecimento artistico pela obra d'esmalte. A base é recortada em oito grandes di-

visões ponteagudas, separadas por ornatos de volta redonda. Nas oito grandes divisões estão as imagens de Nossa Senhora e as de sete Apostolos, todas d'esmalte e cada uma occupando um d'aquelles oito repartimentos. A patena tem representada a Santissima Trindade tambem com esmalte.

Um outro calix de menos remota antiguidade, mas de maior belleza e de mais aprimorado trabalho na elegancia do desenho, na profusão e boa distribuição dos ornatos, na perfeição das esculpturas, e principalmente na phantasiosa invenção e brincados lavores dos ornamentos gothicos, o que mostra ser obra dos principios do seculo XVI, época em que a ourivesaria portugueza chegou ao seu maior aperfeiçoamento, *principalmente em Guimarães,* onde ha toda a razão para acreditarmos que fôra feito. Foi offerecido a Nossa Senhora nos fins do reinado de D. Manoel, por Fernando Alvares, mestre-escóla d'esta collegiada. É de prata dourada e pesa oito marcos menos uma onça. Na base avultam as figuras de oito Apostolos esculpidas em alto relevo, e por cima a meia altura do calix, vêem-se seis esbeltos nichos, unidos por columnas e variados ornamentos gothicos, e coroados por baldaquinos rendilhados. Occupam estes nichos as estatuas da Virgem e de cinco Apostolos, e na parte superior tem em torno do calix, em esculptura relevada, um formoso grupo d'anjos em adoração.

Um calix de prata dourado a massa, que serve nas maiores solemnidades.

Outro igualmente de prata com umas armas reaes na base, que serve na sexta-feira santa, e ainda mais dez calices, alguns dourados, que são todos do uso da igreja, e que pesam com as respectivas patenas quasi trinta e tres marcos.

Entre as diversas *custodias,* que se guardam n'este thesouro, extrema-se pela sua grandeza, pelo seu valor intrinseco, pela originalidade e belleza do feitio e pelo primor com que está fabricada, uma custodia de prata dourada com o peso de vinte e cinco marcos e mais duas oitavas, offerecida a Nossa Senhora pelo conego Gonçalo Annes em 1534. Tem d'altura noventa e cinco centimetros e quasi a mesma medida de circumferencia na base, incluindo as figuras em que assenta. Estas figuras representam dous grifos e duas esphinges, tendo nos intervallos quatro garras d'aguia, empolgando quatro bolas. Eleva-se a base em tres degraus á maneira de throno, tendo esculpidas no ultimo em meio relevo as imagens de Nossa Senhora com o Menino, Santa Isabel e seu filho, S. João Baptista e S. Pedro. D'esta base ou peanha levanta-se o tronco, lavrado com diversidades de desenhos, tendo a meia altura seis nichos com estatuas de santos, debaixo de baldaquinos vasados e lavrados como rendas. Sustenta este tronco um como prato oblongo, do centro do qual se ergue a pyxide entre dous pilares, compostos de delgadas columnas, e rematando em nichos com pequenas estatuas e com floreados baldaquinos. Junto da pyxide e dos pilares sobre a

borda do prato, estão dous anjos em adoração, tocando instrumentos de vento, e no lado opposto outros dous em posição igual. O prato é guarnecido d'uma brincada renda e adornado com seis campainhas, que pendem da base dos pilares de cada um dos anjos. Seraphins, silvados e rendas fazem tres cercaduras em volta da pyxide, sobre a qual se eleva um pavilhão, em que se abrem quatro nichos com as estatuas dos quatro Evangelistas, a que fazem docel outros tantos baldaquinos de delicadissimo lavor. Um elegante coruchéo todo lavrado de arabescos, flôres e cherubins, e coroado pela imagem de Christo crucificado, serve de remate a esta preciosa e formosissima custodia. Debaixo do prato em que pousa a pyxide está gravada a seguinte inscripção: *Esta custodia foi acabada na era de 1534.* Tambem não ha noticia positiva da terra em que foi feita, mas crê-se com muito plausivel fundamento, que fôra em Guimarães.

Uma outra custodia de prata com o peso de seis marcos, e com uma reliquia do calcanhar direito de S. Torquato, dada pelo D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira; e ainda outra de prata dourada com a reliquia do Santo Lenho; parece-me que foi dadiva de fr. Agostinho de Jesus, arcebispo de Braga.

Não é menos admiravel pela excellencia do trabalho uma cruz grande de prata branca, fabricada na mesma época—anno de 1534—e doada á igreja da collegiada pelo mesmo conego Gonçalo Annes. Fórma a base da cruz um como throno sextavado,

composto de quatro corpos, tres a modo de degraus, e o quarto, em que assenta a cruz, representando o Calvario. Toda esta obra é de prata e em cada uma das dezoito faces d'aquelles tres corpos tem esculpido um quadro de baixo relevo.

Os seis do corpo inferior representam: Judas entregando Christo; Jesus Christo em casa de Pilatos; o Senhor com a cana verde; Christo amarrado á columna; os judeus açoutando o Senhor; e Jesus Christo indo para o Calvario. Nos seis paineis do segundo corpo, que são mais pequenos, porque os degraus vão diminuindo de altura, representam-se: dous passos da vida de Nossa Senhora; dous da vida de Christo; a degolação de S. João Baptista, e o propheta Daniel. Nos seis baixos relevos do terceiro corpo vêem-se: S. João Evangelista escrevendo o Apocalypse; S. Matheus escrevendo o Evangelho; Nossa Senhora com o Christo morto nos braços; A Resurreição; S. Marcos, e S. Lucas. Todos estes quadros são divididos uns dos outros por mui bem lavrados pilares, adornados de nichos com as estatuas de Salomão, Moysés, seis prophetas, quatro Evangelistas e quatro doutores da Igreja. Os pilares, rematando em esbeltas agulhas, ornadas de mui delicados relevos, os brincados baldaquinos que cobrem as estatuas e os quadros, e os variadissimos relevos, que resaltam por toda esta fabrica, tudo no estylo gothico florido, dão-lhe um aspecto grandioso e encantador.

O pequeno calvario, sobre o qual se ergue a

cruz, é todo lavrado em arvores, penedos, caveiras e ossos. A cruz é toda guarnecida com muita diversidade de lavores, entre os quaes avultam onze medalhas de cada lado, umas quadradas, outras circulares, com differentes bustos. Serve na procissão de *Corpus Christi*, alçada n'uma haste de madeira.

Uma cruz grande de prata, com a imagem de Christo, dourada, que serve no altar-mór durante os officios da Semana Santa, e na adoração em sexta-feira santa. Pesa treze marcos e vinte e oito oitavas, e é de fabrica relativamente moderna. N'outro tempo esta cruz com mais seis castiçaes de prata, e iguaes á ella na altura e na fórma, servia de banqueta d'uso na capella-mór.

Mais duas cruzes ambas de prata e antigas, uma das quaes serve nas procissões do cabido e outra nos enterros da curaria.

Outra peça antiga e muito curiosa é um cofre de prata maciço, todo guarnecido de lavores em relevo, com o brazão d'armas dos Cunhas. Foi offerecido a esta collegiada pelo seu D. Prior Ruy da Cunha. N'elle se depositaram algumas reliquias de differentes santos, as quaes trouxe de Roma para esta igreja o arcipreste Fernando Gonçalves. Pesa vinte e sete marcos e duas onças, e era d'antes conduzido em algumas procissões.

Um cofre de folha de prata sobre madeira, que serve no enterro do Senhor, e outro mais pequeno, todo de prata, que se mette dentro d'aquelle no mesmo enterro.

Um outro cofre de prata com madeira por dentro, em que se guarda a cabeça de S. Rodrigo, d'antes muito procurada pelas pessoas mordidas de cães damnados.

Uma imagem de Nossa Senhora da Oliveira com um collar de quarenta contas d'ouro; tem na peanha as armas dos Pereiras e pesa tudo dezeseis marcos e quatro onças. Outra do Anjo Custodio, com peanha, tudo de prata, e outra de S. Sebastião, igualmente de prata, dada pelo dr. Balthazar Vieira, e pesa dezesete marcos e tres onças menos duas oitavas.

Um relicario do Bedel ou Masseiro, com a imagem de Nossa Senhora, e cadêa para o suspender do pescoço sobre o peito, tudo de prata, e a massa com quatro cadêas do mesmo metal, pesando tudo dezoito marcos e duas onças.

Oito pequenos calices ou purificadores de prata, que servem nas missas dos fieis defuntos e nas do Natal.

Um crucifixo de prata, que serve na administração da santa-unção.

Uma capsula de prata lavrada com peças de latão ou cobre dourado, obra moderna, que serve para expôr o Santissimo Sacramento em quinta-feira maior.

Um porta paz, de prata, com a imagem de Nosso Senhor Jesus Christo.

Um rosario de jacinthos encadeado em ouro; outro de contas enfiado em cadêa de prata delga-

da, com as extremidades de filigrana e cruz de prata, e outro d'alambres com sessenta e seis ditos grandes.

Uma bandeja grande, antiga, de prata; e outras duas mais pequenas, modernas, igualmente de prata.

Tambem aqui se guarda, como objecto de valor historico, o *pellote* d'el-rei D. João I, o qual — segundo a tradição — este monarcha trazia sobre a armadura, na memoravel batalha d'Aljubarrota, e é uma especie de casaco, sem gola e sem mangas.

Este trajo usou-se entre nós desde o seculo XIV até fins do XVI.

O de D. João I era primitivamente de brocado d'ouro e sêda; porém agora pouco ouro se lhe divisa: tão gasto se acha do correr dos tempos, e das mãos que teem pegado n'elle.

Não obstante achar-se despojado do metal, que o devia tornar muito pesado, ainda assim não pesa menos de seis a sete kilogrammas, por causa dos volumosos chumaços que tem, principalmente no peito.

Foi offerecido a Nossa Senhora pelo referido monarcha; e ainda hoje a 14 de agosto, anniversario da gloriosa batalha, é esta veneranda reliquia exposta ao publico, suspensa d'uma vara, n'um dos arcos do Padrão de Nossa Senhora da Victoria.

Além d'estas peças, que são as mais notaveis do thesouro, e algumas outras, cuja descripção omitti, muito dignas de particular attenção não só pela

sua notavel antiguidade, mas tambem pela elegancia das fórmas e bellezas de esculptura, existem ainda no mesmo thesouro muitas joias d'ornato da imagem da Virgem da Oliveira, que apenas servem em dias festivos, e das quaes mencionarei as mais importantes.

Uma corôa grande d'ouro maciço, toda cravejada de brilhantes, esmeraldas e rubis, de muito merecimento artistico e de subido valor. Termina esta corôa por uma pequena pomba, que tinha cravado no peito um grande e formosissimo brilhante, que lhe foi roubado com abuso de confiança, sendo a primitiva pedra substituida por uma de igual volume, mas sem valor. Esta corôa foi mandada acabar em Lisboa pelo D. Prior D. Paulo de Carvalho e Mendonça, custando o seu feitio 400$000 reis.

Um *peitoril* d'ouro, todo cravejado de pedras preciosas, e coberto de tremedeiras falsas; tem no centro e cravada no mesmo uma cruz de Aviz de formosas esmeraldas verdes, dadiva de el-rei D. João I.

A *meada da Senhora,* consiste em numerosos e compridos cordões d'ouro, muito delgados, reunidos em fórma de meada, d'um trabalho esmerado e delicadissimo. Enfeita-se com ella a imagem da Virgem, quando conduzida em procissão no dia 15 de agosto. É entre nós tradição, que esta meada fôra feita do primeiro ouro que recebemos da India.

Um collar d'ouro com cruz, esmaltada no meio.

Uma cruz prelaticia, peitoral, d'ouro, suspensa

d'uma cadêa do mesmo metal, que era de uso do arcebispo de Goa D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, que sendo depois arcebispo de Braga a offereceu á Virgem, por occasião da sua romaria a esta igreja.

Além das peças descriptas, que são as mais valiosas, ainda a Senhora possue anneis, pulseiras, broches, commendas e outras joias e peças d'ouro, guarnecidas de aljofares e esmaltes, etc., de bastante valor e merecimento. Este thesouro era ainda opulento e notavel em variadas e numerosas reliquias de santos, como consta do extracto seguinte:

Dominis Invictissimis, ac Triumfatoribus gloris, Sancti Salvatoris, Sanctæque Genenitricis Mariæ semper virginis; primos in ecclesia positos sanctos apostolos, Petrus, et Andreas, Jacobus et Joannes, Philipus et Bartholomeus, Thomas et Matheus, Jacobus et Thadeus, Simon et Judas Cananeus, cum glorioso ultimo Paulo, dogmate egregie Celesti curia sublimatus. Pontificum etenim Christi, Cleti, Cypriani, Martini, Christofori, cum comitibus Torquati, Saturnini, Augustini; atque his, felici martirio consecratos, nonnulli confessione floribus ornatos, Sanctis Dei Martyribus, Acycli, Romani, Valeriani, Facundi et Primitivi, Justi et Pastoris, Adriani, Juliani, Sebastiani, Gregorii, Felicis, Tirsi, cum socios sacro cruore perfuzos: Beatissimarum Dei Virginum, Eulaliæ, Leocadiæ, Christinæ, Victoriæ, Basiliçæ, Nataliæ, Justæ, et Rufinæ, Agnetis, et Emerentianæ, cum ceteris Virginibus,

thalamo Christi sociatas, et ejus Genetricis adnexas, quorum Baselica sita est in jam dicta villa vimaranes, etc.

Confirma-se a existencia d'estas reliquias, n'outra doação de D. Gonçalo, filho da fundadora, a favor d'esta mesma igreja, outorgada em 983. Veja-se o artigo *Reliquias* no ELUCIDARIO de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

Se todos estes objectos são muito para vêr e admirar, não nos deve causar menos admiração acharmos alli conservadas todas essas riquezas, depois de duas invasões estrangeiras, que assolaram a provincia do Minho até á cidade do Porto, a do exercito hespanhol, commandado pelo general Taranco nos fins do anno de 1807 e a do exercito francez sob as ordens do marechal Soult, duque de Dalmacia, na primavera de 1809. Deve-se a conservação d'estas preciosidades a alguns membros da collegiada, zelosos e diligentes, que esconderam todos esses objectos, apenas constou da aproximação dos invasores. Não se pense, porém, que estes deixaram Guimarães sem exercerem a rapina na collegiada. Levaram ainda assim d'aqui muitas peças de prata, que representavam um grande valor, e cujo peso se calcula em trinta e seis arrobas! Entre muitas outras peças roubadas foram oito tocheiras de prata, que pesavam duzentos e quarenta e tres marcos, com as armas de Luiz Alvares de Tavora, conde de S. João da Pesqueira e primeiro marquez de Tavora; seis piveteiros grandes, muito bem obrados, que

pesavam doze marcos e seis onças; seis castiçaes grandes de prata, que com a cruz, que ainda existe, formavam a banqueta do altar-mór: muitos outros castiçaes pequenos, e cinco alampadas de prata, que alumiavam continuadamente á Senhora, e das quaes uma pesava setenta e tres marcos, duas onças e meia oitava, dadiva de el-rei D. João I: outra que pesava cincoenta e um marcos e meio e duas oitavas, dada pelo conego Luiz Mendes; e outra do peso de sessenta e um marcos e tres oitavas, que igualmente alumiava a Virgem por obrigação do morgádo, que instituiu D. Jorge da Guerra, bispo d'Angola; o que tornava este thesouro muito mais rico do que é presentemente.

Relação das alfaias e paramentos da collegiada, segundo o antigo inventario

PARAMENTOS BRANCOS

Um paramento branco, composto de dous pannos de pulpito, frontal do altar-mór, casula, dalmaticas — tudo apparelhado — capa d'asperges, bolsa de corporaes, véo e panno d'estante, tudo bordado a ouro e com borlas do mesmo metal.

Outro paramento de tela, novo, composto de capa d'asperges, casula, dalmaticas, bolsa de corporaes e frontal, e ainda duas dalmaticas de damasco já usadas.

Um véo de calix de *primavera* com rosas d'ouro no meio.

Um setial e panno para baixo d'elle, tudo guarnecido de galão d'ouro.

Um panno grande d'estante, de damasco com franja e galão d'ouro.

Vinte e seis capas d'ilhama de prata, guarnecidas de galão e franja d'ouro, que servem na procissão de *Corpus Christi.*

Um paramento de lustrina, que consta de frontal d'altar-mór, um panno dos livros, capa d'asperges, casula, dalmaticas, tudo apparelhado, e quatro vestimentas igualmente apparelhadas de tudo e da mesma lustrina; um véo d'hombros de garça d'ouro, cinco véos de nobreza com espiguilha d'ouro, uma estante vestida e com pyramides douradas para o missal do altar-mór.

Um paramento de damasco com galão d'ouro, e consta de dalmaticas e casula.

Sete capas de damasco branco usadas. Um véo d'hombros de lustrina d'ouro com matiz. Um véo de calix de lustrina d'ouro com espiguilha d'ouro. Uma bolsa de corporaes, bordada a ouro com matiz.

Uma vestimenta de setim branco, bordada a ouro com estola e manipulo, dadiva do D. Prior D. João de Sousa.

Duas dalmaticas pequenas de damasco, com galão d'ouro, que servem para os cureiros nas procissões, e mais cinco vestimentas de damasco branco com galão d'ouro.

*

PARAMENTOS VERMELHOS

Um paramento completo de lustrina carmezim d'ouro.

Outro igualmente completo de velludo lavrado, menos o panno da estante do missal, e o panno do pulpito, que é de sebastos.

Um outro de damasco, constando apenas de casula, dalmaticas e panno d'estante.

Um paramento de velludo, já velho, com sebastos amarellos, e que só tem casula e dalmaticas; mais quatro capas de damasco vermelho.

Uma casula e duas dalmaticas de velludo com sebastos, e figuras n'elles bordadas, muito antigas e de merecimento.

PARAMENTOS VERDES

Um paramento de damasco verde com galões d'ouro, comprehendendo casula, dalmaticas, com estolas e manipulos, capa d'asperges, pannos d'estante e de missal, bolsa, véo e frontal.

Quatro vestimentas de velludo verde com sebastos.

Quatro vestimentas de damasco verde, e outra de ilhama d'ouro com tudo que lhe pertence.

Um paramento de velludo com sebastos de lã, composto de casula e dalmaticas iguaes, panno de estante do missal de damasco, capa de ilhama e véo d'hombros, de sêda.

PARAMENTOS RÔXOS

Um paramento de lustrina composto do seguinte: pluvial, casula e dalmaticas, véo d'hombros, panno d'estante do missal, frontal, pannos de pulpito, e respaldo do capitulante; e mais quatro vestimentas da mesma fazenda com bolsas correspondentes e véos de sêda rôxa com espiguilha de prata.

Quatro capas de damasco lisas e apparelhadas.

Quatro estantes de damasco rôxo e galão d'ouro com pyramides douradas.

Um paramento de damasco liso, casula, dalmaticas, panno d'estante, véo d'hombros, pannos de pulpito e capa d'asperges de velludo.

Quatro vestimentas completas de damasco com galões d'ouro.

Um paramento de velludo e sêda, com casula e dalmaticas, e mais duas vestimentas de damasco e um estolão.

PARAMENTOS PRETOS

Um paramento de velludo com sebastos de brocado amarello, composto de capa, casula, dalmaticas, panno d'estante e respaldo, tudo com franjas d'ouro.

Quatro capas de damasco com sebastos de velludo preto, galão e franja d'ouro.

Tres vestimentas de damasco apparelhadas, e oito de velludo igualmente completas.

Uma bolsa de damasco de cobrir a unção, outra de velludo para o mesmo fim, tres estolas, quatro estolões e tres manipulos, com galões e franja d'ouro.

PARAMENTOS DO D. PRIOR

Um paramento d'ilhama branca com flôres amarellas, guarnecido a galão fino e franja igual, composto de capa, casula, dalmaticas com estolas e manipulos, e outra estola para a capa, bolsa, cordões com borlas douradas, frontal, pannos de pulpito, dous do missal, e o véo d'hombros e o do calix de garça com ramos d'ouro.

Quatro vestimentas de ilhama com estolas e manipulos de côr branca, verde, rôxa e vermelha, com as respectivas bolsas, guarnecidas a galão de ouro.

Uma vestimenta de damasco branco com galão fino.

Duas dalmaticas, vestimentas, capa d'asperges, de sêda preta com ramos d'ouro e galão do mesmo, um frontal, capa dos missaes, com o restante apparelho, tudo igual.

Não descrevo aqui, por brevidade, outros muitos paramentos e vestimentas, menos importantes, mas alguns ainda de valor; bem como deixo igual-

mente em silencio muitas alfaias, cortinados, cobertores, almofadas, capas da cadeira prioral, doceis, etc.; porque seria d'outro modo obrigado a compôr um inventario demasiadamente longo, e para a maior parte dos leitores fastidioso em excesso.

VESTIDOS DE NOSSA SENHORA DA OLIVEIRA

Um vestido de tela d'ouro, com ramos de differentes côres, e galão falso.

Outro de ilhama branca, bordado a ouro.

Outro completo, de damasco com flôres, côr de ouro, e galão falso.

Um vestido de *primavera* vermelho, com ramos brancos, sem galão.

Outro vestido de sêda antiga, com ramos de prata, e galão falso.

Outro de sêda vermelha, com ramos brancos, e espiguilha branca.

Um vestido de Melania de sêda branca, bordado a ouro, e manto igual, offerecido por el-rei D. João V.

Sete mantos de diversas côres, além de muitas almofadas, véos, capêllos, e roupas brancas.

Privilegio das Tábuas Vermelhas

Como estes privilegios, concedidos por varios monarchas á collegiada de Guimarães, constituiam

uma das suas mais notaveis grandezas; e porque eram, além d'isso, os unicos d'este genero em nosso paiz, não devo deixar de offerecer aqui uma succinta noticia a este respeito.

Sem fallar nas regalias que ao mosteiro de *Mumadona* dispensaram os reis de Leão, e nomeadamente D. Fernando Magno, o qual em 1049 lhe confirmára já muitos privilegios que esta igreja gozava, dando ao seu abbade, n'este mesmo anno, toda a jurisdicção civel e crime nas terras de S. Torquato, e nas que se estendem entre os rios Ave e Vizella, podemos affirmar que não houve nunca n'este reino corporação que recebesse dos seus monarchas mais subidas provas de consideração e respeito, como esta insigne e real collegiada de Guimarães.

O conde D. Henrique, e seu filho D. Affonso Henriques, que tanto concorreram para o engrandecimento d'esta igreja — concedendo-lhe e obtendo-lhe de Roma tantas regalias e isenções — foram verdadeiramente supplantados pela magnanimidade de D. João I.

Este monarcha, tendo obtido do summo pontifice novos privilegios para esta collegiada, com os quaes muito a exalçára em dignidade e esplendor, usando do seu poder real, engrandeceu com prerogativas o D. Prior e os conegos; e concedeu honras e favores a quantas pessoas dependiam d'esta igreja.

Para se apreciar a singularidade e importancia de taes privilegios, basta dizer-se, que não só os

seus priores e conegos, mas tambem os seus familiares e domesticos, caseiros e lavradores, estavam isentos do pagamento das fintas e talhas; não eram obrigados a conduzir dinheiros, nem presos; e estavam dispensados de servir quaesquer encargos do concelho: sendo além d'isto determinado, nas cartas dos mesmos privilegios:

« *Que nem lhe tomem mancebo nem manceba, nem os filhos de seus labradores; nem sejam constrangidos que morem com amo contra suas vontades; nem velem, nem roldem, outrosim; nem uma pesoa De nossos Reinhos, por poderosa que seja, nom pouze com elles, nem com os seus labradores; nem lhe tomem palhas, nem Sebadas, nem roupas, nem galinhas, nem bestas, nem outras nenhumas cousas contra suas vontades; nem paguem em nenhum nosso serviço, que por nós e por nossos conceilhos sejam lansados; e outro sim nom nos sirvão por mar nem por Terra* ».

Fulminava-se com a pena de seis mil soldos os que violassem taes privilegios, os quaes tão generosamente concedidos a esta igreja, pelos nossos primeiros reis, foram depois confirmados e ampliados por carta de D. João I, em 7 de novembro de 1423.

No correr dos tempos, e por occasião das necessidades do thesouro real, quasi sempre motivadas por guerras; o fisco attentava contra taes isenções, querendo obrigar os privilegiados ao pagamento de impostos, e a outros encargos. Mas de-

pois das queixas dos lesados; das representações do cabido; e das inquirições ordenadas pelos soberanos; a collegiada e os seus ficavam sempre vencedores, como o foram nomeadamente no reinado de D. Affonso v.

N'este reinado, queixando-se ao monarcha o prior, chantre, e cabido, de que as justiças constrangiam certos caseiros, lavradores, domesticos, e servidores d'esta igreja, a encargos de que estavam escusos; e representando ao mesmo tempo Gonçalo Affonso, contador nos almoxarifados de Guimarães e Ponte do Lima, que a certos individuos se não deviam guardar os privilegios; manda el-rei ao dr. Pero Esteves, cavalleiro e ouvidor das terras do duque de Bragança, e a João Gonçalves, escrivão dos coutos na comarca de Guimarães, que soubessem por inquirição, quantos casaes, quintas, lavradores, hortelões, domesticos, servidores, mancebos e mancebas tinha a igreja da collegiada; e quem eram e onde moravam, e quaes eram os escusados.

Colhida a inquirição, e vista por Affonso v com os vedores da sua fazenda; e reconhecendo-se por ella, que á dita igreja sempre foram guardados privilegios aos seus caseiros, lavradores e hortelões — exceptuando onze caseiros e herdades — mandou el-rei, por carta de 21 de julho de 1455, que além de se respeitarem todas as antigas isenções, a estes mesmos onze caseiros se estendessem; e que em todo o tempo fossem acatados e respeitados.

Esta carta, que se guardava no archivo da col-

legiada, escripta em pergaminho, foi encadernada entre duas tábuas cobertas de marroquim vermelho, e encerrada n'uma bolsa do mesmo marroquim, d'onde se lhe deriva o titulo de PRIVILEGIOS DAS TÁBUAS VERMELHAS; a não ser que provenha antes do facto de serem os casaes, e os caseiros privilegiados, inscriptos n'umas tábuas pintadas de vermelho, as quaes se guardavam no cabido e casa da camara, para por estas se saber quaes os isentos dos encargos, a que os não privilegiados eram obrigados.

Tão assignalados como honrosos privilegios, confirmados em Extremoz em janeiro de 1497 por carta d'el-rei D. Manoel, e por outra de D. João III, dada em Almeirim em fevereiro de 1526, foram generosamente ampliados por alvará de D. João V, a 4 de março de 1707; o qual, além de sanccionar todas as antigas regalias, ordenou mais, que os privilegiados ficassem escusados de todos os tributos solitos e insolitos, não só a respeito das fazendas foreiras á collegiada, mas tambem de todas as mais, que fossem proprias dos mesmos privilegiados.

Esta ampliação foi cerceada por el-rei D. José, o qual, confirmando por alvará de 20 de setembro de 1768 todos os privilegios concedidos á collegiada nos alvarás anteriores ao de 4 de março de 1707, isentava os bens a ella foreiros, sómente da decima e sisa nas vendas; concedendo por esta occasião aos conegos o tratamento de *senhoria*.

Ainda em 1713, querendo os officiaes da arrecadação incluir os privilegiados no imposto do usual — que era 1$200 reis em cada pipa de vinho — obtiveram estes nova carta, que os isentava d'isso.

Por alvará de 11 de agosto de 1831, foram confirmados todos os privilegios, na fórma do alvará de 20 de setembro de 1768; menos na parte que diz respeito ás sisas, cujo privilegio de isenção foi abolido por alvará de 24 de outubro de 1796, o qual o annullou e cassou a todas as pessoas dos tres estados, sem excépção das mais altas dignidades, quer ecclesiasticas, quer seculares.

Estes privilegios foram ainda confirmados por D. João VI em 1823; e chegando a Guimarães tal noticia, a 11 de dezembro, houve por este motivo tres dias de luminarias, com os regosijos do costume.

Finalmente, entrando em Guimarães o exercito liberal a 25 de março de 1834, e principiando desde este dia a executar-se plenamente a Carta constitucional, a qual a ninguem isenta de concorrer para as despezas do estado; nem reconhece privilegios que não estejam inteiramente ligados aos cargos por utilidade publica; ficou então esta collegiada despojada de taes honras e antiquissimas regalias.

Estes privilegios encontram-se textuaes e na sua integra nas Provas da Historia Genealogica da Casa Real.

Igreja e convento de S. Francisco

No primeiro quartel do seculo XIII, passando por aqui o veneravel S. Gualter, discipulo e companheiro do patriarcha S. Francisco d'Assis, enamorado da belleza e amenidade do lugar, que hoje se chama a Fonte Santa, não podendo resistir aos seus ardentes desejos, projecta e realisa alli a fundação d'um humilde e pobre eremiterio, que apenas se compunha d'algumas choupanas de troncos e ramos entrelaçados, onde se decidiu viver em oração e penitencia, assistido d'alguns companheiros da mesma Ordem. Não puderam alli gozar por muito tempo á paz e as delicias do deserto, porque os habitantes de Guimarães, anciando ter mais perto de si homens, que tanto edificavam pelas suas virtudes e sabedoria, de tal modo instaram com os humildes eremitas para que deixassem o deserto e aceitassem abrigo á sombra dos muros da villa, que elles não querendo desgostar quem tanto os estimava, sem se aproximarem tanto do povoado, como queriam os habitantes, nem ficarem tão distantes, como era vontade sua, escolheram, aproximadamente em distancia média de Guimarães á Fonte Santa, um campo, que confrontava com a quinta de Villa Verde, campo e deveza do Minhôto, campo do Cavallinho e caminho publico, e n'elle edificaram, com o auxilio dos vimaranenses, um pequeno e modesto convento, onde por espaço de cincoenta e cinco an-

nos viveram na cultura das mais acrisoladas virtudes. Floresceram e morreram aqui S. Gualter, seu primeiro guardião, — que Guimarães proclama por seu padroeiro, festejando-o n'outros tempos com um solemne triduo desde o 1.º domingo de agosto — S. Zacharias, seu companheiro e natural de Italia, e outros muitos varões apostolicos em que esta Ordem foi sempre fertilissima.

Tal foi a primeira fundação dos conventos franciscanos em Guimarães.

Convencidos cada vez mais os habitantes da villa do quanto lhes convinha a visinhança do convento, resolveram transferil-o para mais perto dos seus muros, onde os frades com maior facilidade e promptidão pudessem exercer as obras da caridade christã, a que noite e dia se entregavam, visitando os enfermos nos hospitaes — então a seu cuidado — sepultando os mortos e acudindo aos vivos com a medicina dos sacramentos. Para tal fim mandou a camara chamar o guardião frei Miguel, e fazendo-lhe conhecer os desejos da nobreza e do povo na mudança do convento, logo lhe fez doação de terras e casas, que n'esse tempo serviam de hospital e albergaria de pobres passageiros, o qual por ser administrado pelo governo da villa se chamava *hospital do concelho*.

Alguns escriptores, que se occupam d'esta segunda fundação, dizem que ella tivera lugar no hospital do concelho, *que actualmente serve de recolhimento ás beatas do Anjo*, e que fica dentro dos

antigos muros da villa a norte da Torre Velha. Todavia se attendermos ás palavras da doação, que se lêem na Historia Seraphica dos frades menores da provincia de Portugal, se apreciarmos bem os acontecimentos historicos e avaliarmos outras circumstancias, teremos de rejeitar o erro, e convencer-nos de que o hospital em questão estava fóra de muros, occupando um lugar, muito provavel, entre a actual Fonte dos Passarinhos e a igreja de S. Damaso, não podendo por isso ser nunca o recolhimento do Anjo. Pelo que diz respeito ás palavras da doação dizem ellas, que o hospital ficava junto da villa, *juxta villam,* á roda dos muros d'ella, *circa murum villæ,* e perto da porta chamada da Torre Velha, *prope portam, quæ vocatur de turre veteri,* e nenhuma d'estas phrases, como se vê, nos authorisa a dar ao hospital assento dentro de muros, mas antes fóra, embora perto d'elles. Acresce a isto que no correr dos tempos, como reza a historia, crescendo a fabrica d'este segundo convento, tambem a cerca se foi dilatando *d'aqui até ao rio da rua de Couros,* portanto o convento devia ficar fóra de muros, pois que não era natural, que entre o convento e a sua cerca corressem os muros da villa, separando o que por todas as razões devia estar ligado. Finalmente um ponto historico vem ainda corroborar a minha opinião.

El-rei D. Diniz depois do cerco, que Guimarães briosamente sustentou contra as tropas de seu filho rebelde, mandou derrubar este convento, *que*

por estar muito perto dos muros da villa servira de baluarte á gente de D. Affonso, que *d'alli* causára grandes prejuizos e damnos ás tropas sitiadas. Portanto o segundo convento dos franciscanos, demolido por ordem regia, nada tem com o actual recolhimento.

D'esse hospital, do qual hoje não restam vestigios, tomaram posse os frades, n'esse mesmo dia de manhã, 23 de novembro de 1271, fazendo alli a sua entrada solemne acompanhados pela camara, clero, nobreza e numeroso povo no dia 25 do mesmo mez e anno; mas só d'ahi a dez annos, em 1281, se principiou a igreja d'este novo convento, sendo-lhe lançada a primeira pedra a 22 de fevereiro pelo arcebispo de Braga D. Frei Tello.

Aqui, mas com algumas interrupções, viveram os frades, luctando com muitas perseguições e provando amargos desgostos — a que deram lugar os frades e seus contendores por motivos de mesquinhos interesses — até o anno de 1322, em que D. Diniz mandou, como disse, lançar por terra o convento indicando a distancia e o assento para nova edificação.

Tristes os frades por verem reduzido a ruinas o seu segundo e já vasto convento, recolheram-se ao fundo da cerca, e aqui estiveram até que para seu recolhimento lhes offereceu casa um fidalgo da familia dos Cunhas, cujo nome se perdeu pelo correr dos tempos.

Animados d'ahi a pouco pelas indemnisações de

D. Diniz, que tantos damnos lhes havia causado e pelas generosas promessas do povo resolveram-se finalmente a lançar a primeira pedra a um novo convento e igreja, ainda no primeiro quartel do seculo XIV, e no assento, onde ainda hoje se vêem. Foram coadjuvados na sua obra pelo pontifice Innocencio VI, que concedera quarenta dias de indulgencia aos fieis, que para tal fim concorressem com qualquer esmola; por el-rei D. Diniz, que com valiosos donativos os quizera resarcir dos damnos causados; por el-rei D. Fernando, que applicára para a obra os residuos dos testamentos n'esta villa e seu termo, e por el-rei D. João I, que estendera esta mercê a Entre Douro e Minho e bispado de Lamego, tomando ao mesmo tempo o convento debaixo da sua protecção.

Era vasta e muito espaçosa a fabrica do convento, embora d'uma architectura humilde e acanhada, e tanto este como a igreja passaram por variadissimas restaurações e reformas até á extincção das Ordens religiosas.

A capella-mór da igreja é, como diz o padre Torquato d'Azevedo, uma das melhores do reino, toda d'abobada, fechada no remate com as armas reaes, por serem administradores d'ella os duques de Bragança. Assenta esta abobada sobre cinco altas paredes, tres das quaes formam o fundo da mesma capella.

A luz projectava-se dentro d'este recinto através de sete grandes espelhos, tres dos quaes se

abriam nos tres panos do fundo, medindo cada um d'elles em aberto $7^m,50$ d'alto por 2^m de largo, tendo os quatro espelhos dos dous lados $6^m,50$ d'alto sobre $2^m,75$ de largo. Actualmente apenas se vêem dous d'estes espelhos ao lado da tribuna, sendo os outros inutilisados em posteriores restaurações. Pela abertura d'estas grandes janellas, que desciam muito abaixo, vê-se que o primitivo altar-mór não podia supportar sobre si mais que a banqueta, sendo por isso semelhante ao antigo da Sé de Braga. A grandiosa tribuna, provavelmente feita em 1784, e que agora se levanta em bellas esculpturas até a abobada, tomando todo o fundo da capella, alterou-lhe o seu aspecto primitivo, arrojado e severo.

Tem igualmente algum merecimento artistico a pequena abobada da capella lateral do lado do Evangelho; e o arco abatido que sustenta o côro, medindo na sua abertura $10^m,65$, e não se afastando a curva na sua maior distancia da base mais que $2^m,93$.

A capella-mór dividida da igreja por um arco de pedra tem do lado do Evangelho a capella do Senhor Jesus, que pertence á casa da Azenha, e da parte da Epistola a de Sant'Anna, da casa da antiga rua Escura, hoje das Lamellas.

Na parede sul, entre o arco cruzeiro e a capella de Sant'Anna, estava n'outro tempo a capella dos Martyres de Marrocos, instituida por Francisco da Silva, e que se mudou para a ante-sacristia para se abrir alli a entrada para a mesma, e logo

abaixo vê-se hoje o altar do Senhor da Paciencia, que tem uma magnifica pintura a oleo sobre madeira; foi levantado por Silvia Francisca, como consta da inscripção lapidar, que o remata e diz:

DOM
Altare erexit sibi q
ve sepulchrum con
struxit Sylvia
Francisca.

Defronte d'este está o altar do Descendimento, tendo sobre a banqueta as reliquias de S. Gualter. Foi mandado fazer por Simão de Mello, do conselho d'el-rei, que o annexou ao seu morgado de Airão, e d'elle foram administradores o marquez de Monte-Alvão, no seculo XVII, D. Fradique de Menezes com Francisco Freire d'Andrade e finalmente o conde d'Oeiras, marquez de Pombal, que o tirou a Gonçalo Christovão de Sergude, como consta do livro das sepulturas d'esta igreja — já era altar, com sepulturas dos avós e paes do instituidor, em 1571.

Tem ainda mais seis altares lateraes além do altar de S. Marcos, que á entrada da porta principal occupava á direita o vão d'um antigo tumulo, que em 1501 pertencia a Lopo Vaz, ouvidor geral Entre Douro e Minho, e que actualmente está fechado ao nivel da parede, forrada d'azulejo.

Era antigamente esta igreja atravessada por tres arcos de pedra grandes, que lhe formavam o cruzeiro, sendo o do meio muito mais alto.

Estes arcos foram apeados para dar lugar ao unico, que hoje alli se vê, tendo lugar esta reforma, a mais importante do templo, no anno de 1746, como consta d'uma antiga tábua, que entre outras noticias nos offerece para o assumpto a seguinte: «No anno de 1746 deu a irmd.e aos p.es do conv.to trez.tos e sincoenta mil reis p.a o arco de pedra do croz.o da igr.a do dir.o q̃ rendeu todo o ouro q̃ o S.to — Santo Antonio — tinha per guarnisão q̃ para iso se ouve de vender com autorid.e de todos por um termo a f. 76. No anno de 1749 deu esta irmd.e do seu rendim.to s.to e sincoenta mel reis q̃ tantos emportou o arco de pedra da capela do S.to e a sua custa pagou todas as demais obras que daqui resultaram como consta do 3º a f. 80. v.» Que estas obras se prolongaram até 1749, consta tambem de uma sessão da mesa da irmandade do Cordão e Chagas — então alli erecta — em que se resolve que esta corporação concorra com a quantia de 120$000 reis para as obras da igreja, que consistiam «na reforma d'altares lateraes, grades, frestas e arco cruzeiro: obrigando-se os frades a dar-lhe a capella abaixo da de Santo Antonio, e a conservar-lhe a posse da quadra do claustro, do lado da igreja, para sepultura de seus irmãos». Foi este contracto reduzido a escriptura publica em 17 de abril de 1749 pelo tabellião Manoel Pereira da Silva, sen-

do guardião do convento o padre frei Salvador da Guia.

Já outra reforma tinha havido na igreja em 1627, por iniciativa do seu guardião fr. Manoel de Jesus, natural de Lisboa, e ultimamente em 1843 outra ainda soffreu, deitando-se-lhe abaixo o antigo tecto, que era apainelado em altas molduras, e forrando-se a liso. Abriu-se por esta occasião a inutil *clara-boia* sobre os dous arcos cruzeiro e da capella-mór, principiando esta obra a 26 de maio do anno citado e acabando em igual mez do anno seguinte, em que se fez a mudança do Sacramento para a igreja, com solemnes festejos.

No claustro, que foi quasi todo levantado com as esmolas dos fieis, ha ainda duas grandes e n'outro tempo muito acçadas capellas, sendo a da parte nascente levantada em honra de S. João Baptista por Gonçalo Dias de Carvalho, no seculo XVI, e a de poente é de S. Pedro e S. Paulo, e foi instituida no anno de 1620 por Pedro Vieira da Maia, cavalleiro fidalgo da casa de S. M. e sua mulher, que a dotaram com missa quotidiana. Este mosteiro, que se conta o terceiro da Ordem seraphica, era casa de noviciado e foi *collegio* por muitas vezes.

Depois da extincção das Ordens religiosas foi a igreja dada á Ordem Terceira por carta de lei de 28 de fevereiro de 1835, tomando-se posse d'ella a 5 de agosto do mesmo anno, e o convento, que por muito tempo ficou devoluto e que por varias vezes serviu de quartel a diversas forças militares, e de

tribunal a esta comarca, foi mais tarde entregue ao ministerio da guerra, que o converteu em hospital militar. Actualmente é propriedade da mesma Ordem Terceira, que o obteve por carta de lei de 4 de março de 1875 a troco de dous contos de reis e com obrigação de n'elle estabelecer duas escólas d'instrucção primaria para ambos os sexos, onde se eduquem gratuitamente os filhos dos irmãos pobres. N'uma das suas dependencias a nordeste esteve por muitos annos o theatro de Guimarães e por concessão da Ordem tem servido de abrigo a algumas familias indigentes. Toda esta parte que foi concluida em 1718, e que havia principiado no primeiro quartel do seculo XVII a expensas de Pedro Vieira da Maia, como consta d'uma inscripção lapidar alli cravada, anda-se actualmente apeando para dar logar ao edificio das escólas. Na padieira da porta de entrada para esta parte do convento lê-se a seguinte inscripção:

Divo. Gualthero. D. F. D. Vimaran. Patrono. ins-
Taurati. Festi. Voto. IIII Anno. Que. M.D.LXXVII. P. V. F. C

Na sacristia da igreja ha a vêr-se de valor artistico algumas alfaias e vasos sagrados, a mesa de marmore marchetada de formosos mosaicos, e no atrio da mesma sacristia um retabulo de S. Francisco recebendo as chagas, que principiou a restaurar-se em 1878 e concluiu-se em 1881.

Por baixo da tribuna da capella-mór vê-se n

chão esculpido n'uma pedra em tamanho natural o busto da duqueza de Bragança, D. Constança de Noronha, — fallecida a 26 de janeiro de 1480 — vestida com o habito da Ordem e sustentando nas mãos um livro aberto. Esta pedra, que servia de tampa no seu tumulo, que se levantava com grande veneração na capella-mór entre as escadas do altar e a estante do côro, é hoje o unico vestigio que nos resta de tão respeitavel monumento, junto do qual antigamente se lia n'uma tábua a seguinte modesta inscripção:

Alfonsi conjux Ducis hoc Constança Noronha
Regia progenies, conditur in tumulo.

Trata-se actualmente da restauração d'esta igreja, principiando-se já pela construcção d'um novo anteparo, collocação de piscinas de marmore branco para a agua benta, mudança do altar de S. Marcos para o primeiro altar lateral, á direita de quem entra; e assim continuará até final, se não arrefecerem, como é de esperar, os ésforços do actual benemerito ministro, o commendador Christovão José Fernandes e Silva.

Igreja e convento de S. Domingos

Em dezembro de 1270, quatro religios[illegible] dominicos — entre os quaes o prior de S. Domingos do

Porto — dirigiram-se a Guimarães, com o fim de levantarem aqui um convento da sua Ordem: e reunidos para tal fim com as pessoas mais notaveis da villa, na capella de S. Thiago da Praça, alli lhes foi concedida gostosamente a licença para a fundação projectada, demarcando-se-lhe um local, fóra e perto da torre da Senhora da Piedade, na embocadura da rua da Rainha para a praça do Toural.

Por meio de esmolas compraram os frades algumas casas e quintas e principiando a obra em 1271, no reinado d'Affonso III, tinham-a concluido oito annos depois, poderosamente coadjuvados por João Pires Arruda, pelo conego Pero Soares e sua irmã, por Gonçalo Gonçalves, cavalleiro da Ordem da Rosa, e sua mulher, e ainda pelas piedosas senhoras Orraca Anes, Orraca Manteigada, e D. Maria Monja no hospital de Chavo.

N'este convento assistiram os filhos de Domingos de Gusmão até 1323 — anno em que el-rei D. Diniz o mandára derrubar pelo mesmo motivo, que demos a respeito do de S. Francisco.

Contrariados por este revez, só mais tarde é que os frades — marcado novo local para nova edificação, poucos passos ao poente do antigo convento — principiaram as obras, concorrendo muito para o custeamento d'ellas o arcebispo de Braga, D. Lourenço, que do seu bolso fez o côro, a sacristia e grande parte da igreja, — mandando collocar as suas armas no oculo sobre a capella-mór — o fidalgo João Affonso de Briteiros, que mandou levantar o lanço

da parede sul da mesma igreja, a porta principal e outras officinas, um bispo de Burgos, que fundou a livraria; não devendo omittir-se no catalogo dos benemeritos d'esta casa a D. Maria de Berredo, mulher de Ruy Vaz Pereira, que igualmente concorreu com valiosos donativos.

Esta casa foi por largos annos um seminario de varões illustres, e n'ella se guarda ainda religiosamente n'um pequeno tumulo, na capella lateral do lado do Evangelho, a ossada do *beato Lourenço Mendes,* o frade virtuoso e benemerito, que á custa de esmolas e sacrificios construira a ponte de Cavez sobre o Tamega, no lugar que divide as terras do Minho das de Traz-os Montes.

A igreja de tres naves e dez altares lateraes — uma das mais espaçosas e elegantes de Guimarães — passou no decorrer dos tempos por varias reformas; e assim a actual porta principal foi feita em 1770 por voto de Rodrigo de Sousa da Silva Alcoforado, como reza o distiço da mesma porta. Antes d'isto, em 1744, quando se tratava d'outra restauração da igreja, resolvera a camara e a nobreza, em sessão de 3 de março, dar para o retabulo da capella-mór 400$000 reis tirados do *cabeção da siza.* Finalmente em 1874, á custa da Ordem Terceira e irmandades alli erectas, reformou-se de novo toda a igreja com pinturas, douramentos e estuques, sendo depois benzida e restituida ao culto publico a 21 de fevereiro de 1879.

Depois da extincção das Ordens religiosas esta

igreja foi cedida á Ordem Terceira de S. Domingos pela rainha D. Maria II em 24 de janeiro de 1851, e dado o convento á camara por decreto de 25 de abril de 1842: tendo servido em 1839 de quartel militar aos officiaes do 18, serve actualmente de tribunal judicial d'esta comarca.

Chama aqui a attenção dos visitantes a formosa arcaria gothica do claustro, hoje a ameaçar ruina, pela demolição quasi total do convento; e as imagens em tamanho natural, dos patriarchas S. Francisco e S. Domingos, na capella-mór. Era tambem muito notavel o relicario da sacristia, hoje infelizmente profanado e roubado.

Ultimamente foi esta igreja enriquecida com mais uma excellente imagem em tamanho natural, do SS. Coração de Jesus, que se fica venerando na capella lateral, ao norte do arco cruzeiro. Foi dadiva de D. Maria José da Silva Costa; esculpturada em Villa Nova de Gaya, por João d'Affonseca Lapa e benzida pelo cardeal bispo do Porto, D. Americo a 11 de agosto de 1880. Expôz-se aqui á veneração publica a 5 de dezembro d'este mesmo anno, e tem agora uma confraria, que no dia 31 de julho de 1881 inaugurou solemnissimamente uma escóla d'instrucção primaria para meninos.

Igreja de S. Payo

Debalde revolvi os archivos da confraria e irmandades erectas n'esta parochial igreja, com o alvo de encontrar o anno da sua fundação primitiva. É todavia certo — a não ser mais notavel a sua antiguidade — que ella já existia como igreja parochial, apresentada pelos D. Priores de Guimarães no anno de 1216.

Consta isto d'uma composição feita em Benavente, a 23 de outubro d'este anno, entre o arcebispo de Braga D. Estevão e cabido bracharense d'uma parte e com o D. Prior, conegos e porcionarios de Guimarães da outra parte. N'esta composição figura esta igreja como uma das tres parochiaes do *burgo*.

Acanhada e humilde na sua origem, tendo comtudo já em 1600 quatro altares no corpo da igreja, passou esta por varias reformas e acrescimos, sendo levantada a capella-mór em 1703. Mas como ainda n'esta obra não fosse ella dotada de capacidade bastante para o movimento da freguezia, determinou a confraria do SS. Sacramento, em 1789, dar-lhe mais largo espaço, e á igreja mais altura e mais agradavel aspecto: e principiando-se desde logo as obras, continuaram com algumas interrupções, até 1796, em que se concluira a restauração, no estylo moderno, em que hoje se vê.

Era esta igreja n'outro tempo toda forrada de azulejo, e a capella-mór, dividida do corpo da igre-

ja por um arco de pedra, era apainelada; mas hoje tudo desappareceu para dar lugar a estuques sem valor e sem belleza.

Tem no corpo da igreja quatro altares de talha dourada, sendo o primeiro do lado do Evangelho, dedicado a Jesus Christo; o de baixo é das Almas, ultimamente restaurado pela respectiva irmandade, que alli manda celebrar missa quotidiana, e dos dous fronteiros é o de cima consagrado a Nossa Senhora da Misericordia e o outro a S. Bom Homem.

Durante as obras e no impedimento da igreja, serviu de matriz — para o serviço da freguezia e da confraria — a capella das Beatas do Anjo.

Na noite de 5 para 6 de janeiro de 1841, foi esta igreja assaltada por ladrões que — arrombando a porta travessa — levaram d'alli o vaso do Sacrario, deixando as particulas consagradas sobre o altar. Levaram tambem algumas peças de prata da sacristia, resplendores de santos, etc., tudo no valor aproximado de 600$000 reis.

Em desaggravo de tal sacrilegio houve em 16 de janeiro, e nos dias seguintes, preces publicas na collegiada e outras igrejas; e em 21 na igreja de S. Domingos, sahindo d'aqui em procissão solemne para S. Payo o SS. Sacramento em 24 do mesmo mez, dia em que esta igreja parochial foi de novo restituida ao culto publico.

Tem esta igreja lavradas nas paredes interiores oito cruzes, que parecem accusar a sua sagração; é todavia forçoso duvidar que a igreja recebesse tal

honra, visto não possuir para isso um altar fixo de pedra; nem de tal sagração se reza, como é praxe; nem d'ella existe memoria ou documento, nem tradição que a comprove.

Igreja e convento de Santa Clara

Por alvará passado em Lisboa a 17 de julho de 1553, obteve o conego mestre-escóla Balthazar de Andrade, a posse d'umas casas, pardieiros e quintaes, na rua de Santa Maria, para n'este local erigir um convento que projectava, em honra da Virgem Santa Clara; lançando-lhe a primeira pedra com notavel solemnidade, a 29 de setembro de 1559, assistindo o cabido da real collegiada, e as Ordens religiosas de Guimarães.

A bulla que authorisa a fundação d'este convento, escripta em pergaminho, tarjada graciosamente de bellos desenhos á penna, e de sello pendente, determina que tenha o convento o titulo de Santa Maria *d'Ara-Cœli e da Assumpção,* debaixo da regra de Santa Clara, conforme a Ordem dos frades menores, chamados conventuaes claustraes: e ordena que sejam seus visitadores, e superiores ordinarios, tanto no espiritual como no temporal, os priores da collegiada, e na sua falta, duas das mais graduadas dignidades do cabido; que a visita se faça na ultima oitava da Paschoa, recebendo os vi-

sitadores pelo seu trabalho um carneiro e seis gallinhas, pagas pelo convento; e finalmente que seja sua primeira abbadessa Helena d'Andrade, e prioreza Joanna d'Andrade, ambas conventuaes em Amarante, e consanguineas do instituidor Balthazar d'Andrade. E legislando ainda a mesma bulla a respeito do padroado d'este convento, acrescenta, que no caso de se faltar a estas determinações, reverta metade dos bens do instituidor para a collegiada, e a outra para a redempção dos pobres captivos em terras d'Africa.

Esta bulla expedida em Roma a 15 de outubro de 1559, carecendo de pastor a Sé apostolica, foi confirmada por Pio IV, no primeiro anno do seu pontificado, em 1560. Todavia, apesar das determinações da bulla, o pontifice Clemente VIII, em Breve de 1592, prohibiu sob penas canonicas, que a visita fosse feita pelos priores; e mandou que exclusivamente se fizesse pelos arcebispos.

Fizeram as religiosas a sua entrada solemne n'este convento em dia de Santa Clara, em 1562. Como depois vivessem luctando com difficuldades pela cobrança das suas rendas, obtiveram d'el-rei D. Sebastião em 1563, e por intervenção da infanta D. Isabel, uma carta regia em que se lhes concedia licença para possuir bens de raiz, que rendessem annualmente até 50$000 reis; e igualmente obtiveram do cardeal archiduque, em 1587, um alvará em que se lhes mandava dar cento e cincoenta medidas de milho, das quatrocentas que no convento de Pal-

mella, em todos os annos, se repartiam pelos pobres.

Estas circumstancias precarias foram desapparecendo pelo correr dos tempos; pois que este convento chegou depois a ser o mais rico de Guimarães; e de modesto e acanhado, como era no seu principio, cresceu prodigiosamente na sua fabrica, gastando-se valiosas sommas nas suas varias restaurações e reformas.

A fachada principal, dividida em tres corpos, é magestosa, embora incompleta, e tem ao centro sobre o portão d'entrada a imagem de Santa Clara, em pedra e em tamanho mais que natural. As dependencias e annexos, a dentro d'este portão, foràm levantados em 1746 por esforços do arcebispo de Braga, D. Gaspar, como consta da seguinte inscripção, que se lê sobre um arco do centro:

Principis auspicio condecoratur
opus — 1746.

A capella-mór foi notavelmente acrescentada em 1733, e por essa occasião enriquecida de valiosa talha e formosos quadros a oleo, que lhe cobrem as paredes; e as capellas e as naves do claustro foram benzidas em 1737.

A igreja tem dous altares lateraes, além de mais dous encostados aos lados do arco cruzeiro, tendo estes sobre si duas formosas esculpturas em

madeira, baixo-relevo, representando uma a sagrada familia e outra o baptismo de Jesus Christo.

A sacristia, uma das mais alegres e espaçosas de Guimarães, é ornada com quadros a oleo, representando passagens do Antigo Testamento; e tem no centro uma grande mesa de marmore preto, de notavel merecimento.

No grosso da parede da capella-mór, do lado do Evangelho, vê-se um simples e modesto monumento, onde se guardam os ossos do instituidor, e tem a seguinte inscripção:

Aqui estão os ossos de Baltazar Dan
drade instituidor deste
Mosteiro e de seus f.os Fran.co Dandrade,
Trocade Peres Dandrade. e
Izidro Dandrade pr.os
Pad.os delle. E instituidor
d'esta capella. G.o de Fr.a
Dandrade q̃ a mandou recolher.

Em 18 de junho de 1559, aterradas as freiras com os estragos da peste, que então grassava em Guimarães, deixaram unidas o convento, e foram viver juntas para a quinta de Guminhães, que dista d'aqui nove kilometros para sul, e que generosamente lhe fôra offerecida por Fernão Martins de Sousa. Aqui viveram todas por alguns mezes; até que aplacada a epidemia, voltaram de novo para o seu convento em fevereiro do anno seguinte.

D'esta quinta de Guminhães, sita em Vizella na freguezia de S. João das Caldas — onde nascera o pai do author d'estas linhas — faz menção especial a CHOROGRAPHIA PORTUGUEZA do padre Carvalho, quando trata da mesma freguezia de Vizella, com o antigo nome de S. João de Guminhães: freguezia notavel, em que fôra abbade D. Theotonio de Bragança, filho do duque de Bragança, D. Jaymè, e elevado posteriormente a arcebispo de Evora em 1578.

Foi coutada e honrada esta quinta por D. João I, com a confirmação de D. Duarte a 27 de agosto de 1434. (Veja-se o documento respectivo na MEMORIA PARA A HISTORIA DAS CONFIRMAÇÕES REGIAS, pag. 151). — N'esta quinta, actualmente conhecida por quinta do Paço e pertencente aos fidalgos *Cirnes,* do Porto, ainda hoje existe uma lapide romana com inscripção, de que dá copia errada José Diogo Mascarenhas Neto, nas MEMORIAS DE LITTERATURA DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, tom. III, e n'uma MEMORIA SOBRE AS ANTIGUIDADES DAS CALDAS DE VIZELLA.

Como é inscripção memoravel e existente no berço de meu pai, darei aqui a copia exacta da mesma.

Eil-a, com letras minusculas, como é d'uso, nos lugares agora falhos d'ellas:

C. POMPEIVS
GAL. CATVRO
NIS. F (il) (r). E (ct)
VGENVS. VX
SAMENSIS
DEO. BORMA
NICO. V. S. L. M.
QVISQVIS. HO
NOREM. AGI
TAS. ITA. TE. TVA
GLORIA. SERVET
PRÆCIPIAS
PVERO. NE
LINAT. HVNC
LAPIDEM

É uma *lapide votiva,* como se vê das *siglas* (V. S. L. M.): e foi consagrada ao deus *Bormanico,* protector das nascentes e fontes, por Caio Pompeio Rectugeno, da tribu *Galeria,* filho de Caturon, e natural d'Uxama. É singular o fecho d'esta inscripção, *recommendando se não deixem urinar as crianças na lapide, em honra do seu alvo religioso.*

A cidade d'Uxama, de que reza esta inscripção, e que tivera entre outros o nome de *Auxima,* é hoje representada por *Osma,* na Castella-Velha.

Esta lapide foi achada no lugar dos banhos da Lameira, em S. Miguel das Caldas, onde fôra erigida ao deus *Bormanico:* divindade esta, de que nos banhos do Mourisco, em S. João das Caldas,

fôra achada tambem outra inscripção votiva, n'umas excavações, igualmente em janeiro de 1841.

Este convento de Santa Clara, que chegára a recolher dentro dos seus claustros sessenta e duas freiras, está hoje reduzido apenas a duas senhoras professas.

Igreja de S. Sebastião

No extremo occidental do campo de S. Francisco, no adro de S. Sebastião, que anteriormente ao campo santo servia de cemiterio publico para os pobres fallecidos nos hospitaes da Misericordia e do Anjo, havia antigamente uma pequenina capella, dedicada ao santo martyr, e que já tinha erecta a sua irmandade.

Foi n'este local que o cabido e D. Prior da collegiada mandaram construir em 1570 a actual igreja dedicada ao mesmo santo; e concluidas que foram as obras, elevaram-a á categoria de parochial, ficando a ser da sua apresentação.

Tem a igreja interiormente quatro altares lateraes, separados da capella-mór por um arco de pedra, tudo sem a menor importancia. É o primeiro altar do lado do Evangelho de S. José e Nossa Senhora, administrado pela respectiva irmandade, e o de baixo da Senhora do Soccorro, fundado por Antonio Paes do Amaral, cavalleiro da Ordem de Christo, e hoje pertencente a uma irmandade sua.

O primeiro da parte da Epistola é da irmandade do Senhor Jesus, que alli tem capellão com obrigação de missa quotidiana, e o de baixo, que antigamente era dedicado a S. Caetano, pertence hoje á imagem e irmandade do martyr padroeiro, que aqui se festeja a 20 de janeiro de cada anno, precedendo á solemnidade concorridas novenas, com Senhor exposto e pratica.

Em 1835, alguns parochianos d'esta freguezia, com o intuito de demolir a sua igreja para dar mais amplo espaço ao campo de S. Francisco, obtiveram uma portaria do governo, que lhes concedia a igreja de S. Francisco para matriz da mesma freguezia; podendo a Ordem Terceira continuar alli com as suas festividades e actos do culto publico. Mas o resto dos parochianos que não foram ouvidos, e as irmandades erectas em S. Sebastião, oppuzeram-se, representando em contrario, e obtiveram outra portaria, que annullava e cassava a primeira. Por este motivo houve aqui no dia 12 de agosto do mesmo anno uma pomposa festividade, no fim da qual sahiram em apparatosa procissão, pelas ruas da villa, a imagem de S. Sebastião e as dos padroeiros das outras irmandades.

Igreja da Misericordia

A rainha D. Leonor, viuva d'el-rei D. João II, governando estes reinos em nome d'el-rei D. Manoel, então ausente, movida dos conselhos e instancias do esclarecido e piedoso varão castelhano, frei *Miguel de Contreras,* seu confessor, fundou em 1498 uma confraria com o titulo de Misericordia, para exercer a caridade christã em toda a sua plenitude.

El-rei D. Manoel, logo que chegou a Lisboa, não só confirmou com a sua authoridade esta santa instituição, mas comprehendendo a elevação do pensamento, altaménte civilisador e *sem rival na Europa,* inscreveu-se na lista dos irmãos d'esta confraria, e fez n'ella inscrever a todos os principes da familia real: exemplo este desde então seguido de todos os soberanos e principes portuguezes, assim como dos fidalgos da côrte.

Guimarães, que nas instituições de piedade e beneficencia foi sempre das primeiras terras a dar signal de si, não deixou para muito tarde a imitação de tão santo exemplo.

Alguns dos seus habitantes mais benemeritos, logo no primeiro quartel do seculo XVI, comprehendendo as vantagens e a necessidade d'uma tal instituição, esforçaram-se devéras para dotar o seu berço com este novo brazão de verdadeiro progresso: e assim o conseguiram, dando por assento á sua nova e caridosa confraria a capella de S. Braz, nos claustros da collegiada; sendo nomeado para seu

primeiro provedor o D. Prior de Guimarães, D. Fulgencio, filho do quarto duque de Bragança, D. Jayme.

No declinar do mesmo seculo, reconhecendo-se n'esta capella de S. Braz demasiada estreiteza para o serviço da confraria, principiou-se em 1588 a edificação da actual igreja, por iniciativa e impulso do benemerito vimaranense Pedro d'Oliveira, cavalleiro da Ordem de S. Thiago; e começou aqui a funccionar a irmandade em 1606.

Ornada d'um frontispicio elegante e nobre, com o portão entre quatro esbeltas e altas columnas da ordem corinthia, era no interior bastante acanhada e defeituosa. Para evitar estes defeitos e remediar tal acanhamento, já no correr dos annos se haviam feito algumas reformas; mas eram todas incompletas e de pouca importancia, sendo d'estas a mais notavel a collocação do altar-mór e tribuna em 1615, que era de talha magnifica e soberba, mas que os vandalos do camartello deturparam em 1814, roubando-lhe os mais bellos ornatos, e dando-lhe uma fórma mais singela e menos esbelta, que attestasse aos vindouros o espirito imbecil, acanhado e mesquinho dos seus destruidores.

Mais tarde, em sessão de mesa de 13 de maio de 1775, resolveu-se uma restauração mais completa e bem dirigida; a qual se concluiu no correr de 1781.

Por esta occasião abriu-se em lugar mais conveniente a porta lateral da igreja, para assim dar

lugar a mais dous altares novos; rasgaram-se por mais largo as frestas, convertendo-as em espaçosas janellas, que inundam a igreja em torrentes de luz; construiram-se os pulpitos e o anteparo; lançou-se o arco de pedra, que sustenta o côro, que até então pousava sobre uma simples trave; montou-se o orgão, que é um dos melhores de Guimarães, e circuitou-se o corpo da igreja com uma balaustrada de pau preto — mandada fazer por D. José de Menezes, D. Prior de Guimarães, e então provedor d'esta igreja — sendo a porta principal da mesma madeira. Esta balaustrada foi mais tarde substituida por outra de castanho, que a mesa mandou remover em 1880.

É esta igreja muito alta e espaçosa; e tendo antigamente os tectos de madeira apainelada e o da capella-mór de abobada, igualmente apainelada, com os mysterios da Paixão de Christo, pintados e dourados, são hoje cobertos a estuque profusamente lavrado. A capella-mór, que fica mais alta, é dividida do corpo da igreja por um arco de pedra.

No antigo retabulo d'esta capella abriam-se tres altares; servindo o do meio para a exposição do Santissimo; o da parte do Evangelho era de Santo Eloy, que hoje está na igreja de S. Damaso, e o da Epistola era da Senhora da Misericordia. Hoje o altar-mór, como o descrevi, serve apenas para as exposições; e ha no corpo da igreja cinco altares lateraes: sendo o primeiro do lado do Evangelho do Senhor da Pedra-Fria; o de baixo de S. Bento,

segundo a instituição do dr. João Carneiro de Moraes, chanceller do reino, e ainda outro mais pequeno e moderno do Senhor da Cana Verde. Do lado da Epistola levanta-se o altar da Senhora das Dôres e abaixo o de Nossa Senhora da Paz, do qual foram primitivamente fundadores, Francisco José Mendes e sua mulher Maria Thomaz, que o dotaram com rendas para uma missa quotidiana.

A sacristia, que era pobrissima e escura, foi completamente restaurada em 1876.

Ha n'esta igreja um côro regular de nove capellães, que alli rezam quotidianamente os officios divinos; e foi instituido pelo desembargador Paulo de Mesquita Sobrinho, em 1649. Tanto no côro, como nas outras ceremonias religiosas seguia-se, desde a instituição, o rito bracharense, até 21 de outubro de 1879, em que, por permissão do exc.mo prelado, se principiou a fazer uso do rito romano.

Ha *lausperenne* em todas as quintas-feiras do anno, cuja instituição a 11 de maio de 1820, foi devida á piedade e devoção de D. Antonia Narcisa Cardoso de Macedo Portugal, viuva de Leandro de Sá Sotto-Maior, da casa das Hortas, que para tal fim legára em vida oito contos de reis.

Junto da sua igreja tem a irmandade a vasta casa do despacho, escriptorios e galeria dos retratos dos bemfeitores; do que darei mais larga noticia quando me occupar do hospital d'esta santa casa.

Igreja e convento de Santa Rosa de Lima

Em 1630, por iniciativa d'algumas pessoas piedosas, e nomeadamente do padre frei Sebastião, prior em S. Domingos de Vianna, procedeu-se em Guimarães á fundação d'um recolhimento, onde pudessem viver honesta e clausuradamente algumas donzellas, na observancia da regra do principe dos prégadores.

Para tal fim, e por meio dé esmolas, compraram-se pequenas casas, e algumas terras, na rua Travessa, hoje de Santa Rosa de Lima: e aqui viveram em recolhimento, dedicado a esta santa virgem, algumas poucas senhoras, até que em 1680 obtiveram da confraria da Senhora da Graça, a qual era administradora do antigo hospital ou albergaria de S. Roque, a cedencia das casas d'este hospital, com a sua capella e hortas, tudo n'esta mesma rua, para alli viverèm collegialmente e em clausura, e professarem os tres votos da sua religião.

D'isto se lavrou escriptura publica a 3 de fevereiro do mesmo anno, com a approvação do provedor da comarca, ficando os confrades còm o encargo da administração dos bens da confraria e hospital, e ellas com obrigação de comprarem casas, com capacidade bastante para o recolhimento dos pobres, no modo como este hospital estava obrigado.

Estas casas são as que estão hoje junto do convento, no lado sul, pois que n'estas ainda actual-

mente existem dependencias reservadas, para se dar gasalhado aos passageiros pobres que alli queiram recolher-se, e ficar n'ellas por tres dias; pertencendo-lhe tambem ainda outras casas, onde hoje está levantado o mirante do convento.

Ficando as recolhidas, em virtude d'este contracto, senhoras do hospital, que existia de tempos immemoriaes, tomaram n'esse mesmo anno o habito das mãos do prior de S. Domingos, de Guimarães: e em numero de dez fizeram entrada solemne na sua nova casa ou conservatorio, acompanhadas por uma grande parte do povo d'esta antiga villa, magistrados regios e nobreza, havendo para tal fim precedido licença do Ordinario.

No anno seguinte, professaram perante o provincial frei Agostinho de S. Thomaz, ratificando então expressamente os votos de obediencia, pobreza e castidade, e jurando guardar perpetua clausura.

Constituidas assim em communidade regular, alli viveram as freiras até o primeiro quartel do seculo passado, principiando então a desenvolver as obras do convento, até alli pequeno e pobre.

Em 1725, sendo prioreza a madre Catharina das Chagas, levantaram-se os muros da cerca, que custaram 644$475 reis e mandou-se tirar a planta do mosteiro; sendo encarregado d'este serviço frei Pedro da Conceição, carmelita descalço, *mestre architecto.*

A 31 de março de 1727, occupando o priorato

a mesma senhora, lançou-se a primeira pedra ao primeiro dormitorio da parte sul do convento. Esta pedra foi benzida e collocada pelo prior frei Antonio de Santa Rosa no alicerce da parede do corpo do dormitorio da parte do poente, 55 palmos do cunhal do sul para norte.

Com o andar dos tempos surgiram entre as religiosas e os confrades difficuldades e duvidas, porque aquellas eram as senhoras do hospital e d'outras casas, foreiras ao mesmo, que haviam comprado para o alargamento do convento; e os confrades eram os administradores, como se contractaram na primeira escriptura.

N'este estado de cousas alcançaram ellas uma provisão d'el-rei D. João V, em 6 de novembro de 1733, em consulta do desembargo do paço de 9 de setembro do mesmo anno, para fazerem com os confrades um novo contracto: e em virtude de tal provisão, e estando de accordo ambas as partes, entre ellas se lavrou escriptura publica pelo tabellião Braz Lopes, a 14 de setembro do anno seguinte, sendo prioreza soror Marianna da Encarnação: e n'ella se assentou, que as freiras tomassem, como administradoras, conta de tudo o que pertencia ao hospital de S. Roque, e confraria da Senhora da Graça; tomando a seu cargo todas as obrigações, encargos e legados a que esta confraria estava sujeita.

D'esta escriptura se vê, que o hospital constava d'uma casa, com quatro alcovas para os pobres, e uma chaminé para o lume; e que n'elle havia uma

campainha, com a qual o hospitaleiro era obrigado a *encommendar as almas* todos os sabbados á noite, nos sitios do costume; e finalmente que aos confrades, administradores do hospital, se davam dez tostões para uma *merenda* em todos os annos.

Crescendo pelo correr dos tempos o numero das freiras, e com estas as rendas da casa e a necessidade de a ampliar ainda mais, compraram as religiosas novos predios para o lado norte, em 1737; e deram então ao seu convento a extensão e fórma em que hoje se vê.

Em agosto de 1733 estava feito já o dormitorio grande sobre o refeitorio e cozinha, o dormitorio pequeno sobre a casa do forno, sacristia nova até a altura da fresta, importando toda esta obra 4:793$939 reis: e em 1734 estava a igreja concluida de pedra, custando com o mirante 4:636$355 reis. As obras de madeira na mesma igreja foram feitas em 1736, sendo prioreza a madre Marianna da Encarnação, e o retabulo do altar-mór, debaixo do risco do mestre portuense José d'Affonseca Lima, custou 650$000 reis em 1741, sendo prioreza a madre Maria de Jesus, que em 1745 mandou fazer igualmente os altares lateraes.

Em 1737 obtiveram do pontifice Clemente XII a graça de usar de véo preto e capa da mesma côr, e passar para a segunda regra do patriarcha S. Domingos, sujeitas sempre no espiritual á jurisdicção do provincial da sua Ordem. Todavia tal jurisdicção passou em 1747 para os arcebispos de

Braga, por determinação do arcebispo D. José de Bragança, quando se achava de visita aqui em Guimarães.

Em 1776, recorreram as freiras ao pontifice Pio VI, para lhes confirmar a graça do véo preto, com as condições do primeiro Breve; authorisando-lhes a mudança para a jurisdicção dos arcebispos, e ser o numero das professas elevado a quarenta. E sendo-lhes conferidas taes graças, receberam outras noviças o véo com toda a solemnidade, das mãos do vigario geral, por ordem do arcebispo D. Gaspar de Bragança, a 24 de junho de 1777.

Este convento que hoje conta apenas tres freiras professas, era muito procurado n'outro tempo; sendo sempre muito conhecido pelo excellente dôce de fructa, e mimosos trabalhos em linha, que alli se manufacturavam e exportavam para fóra do reino, principalmente para a Inglaterra e Brazil, onde eram muito apreciados: e por isso constituiam em épocas passadas, um dos ramos mais productivos e notaveis da industria vimaranense.

Veja-se Albergue de S. Roque.

Igreja de S. Damaso

O illustre e benemerito varão Lucas Rebello, abbade de Santa Comba de Regilde, nas margens do Vizella, deixou entre os filhos de Guimarães honrada memoria da sua piedade e benemerencia no testamento que fez a 9 de junho de 1609.

N'elle institue por herdeira universal de todos os seus bens, a irmandade das Chagas e Cordão de S. Francisco, com a obrigação de edificar uma capella para o serviço da mesma irmandade, e junto d'ella um hospital, para o tratamento d'ecclesiasticos pobres, e seculares igualmente pobres de Santa Comba.

Esta irmandade, que na mingua de capella propria funccionava na igreja de S. Francisco, só em 1625 conseguiu a compra d'umas casas, e quintal de Diogo de Miranda d'Azevedo, pela quantia de cem mil reis; com o fim de n'este local, hoje rua de S. Damaso, realisar as determinações do instituidor.

Do anno em que se lançára á terra a primeira pedra d'este duplo monumento christão da piedade e caridade, dedicado ao nosso compatricio S. Damaso, não achei memoria alguma; mas é certo, que esta obra correra excessivamente demorada, com direcção pouco escrupulosa ou muito inexperiente, attendendo ás reformas por que esta igreja passára antes de concluida, e ás épocas sensivelmente afastadas, em que se construira cada uma das suas partes.

Em 1641 estava apenas concluida a capella-mór, a que se dera principio provavel em 1636, havendo n'este periodo sido alterada a sua construcção: e em 1679 ainda o côro não estava feito, nem havia tão pouco sacristia.

Do escrupulo, cuidados, e pericia, que presidi-

ram á administração d'estas obras, fallam-nos muito eloquentemente os dous factos seguintes.

Em 1691, achando-se a capella-mór quasi em estado de ruina, foi necessario apear-lhe a parede do nascente até os alicerces, e desmontar a abobada e o arco cruzeiro até os capiteis das columnas, que o sustentavam:—obra que n'aquelles tempos custára 334$500 reis.

E em 1694, ameaçando por sua vez ruina o corpo da igreja, tornou-se urgente reformal-o quasi desde os alicerces.

Assim correram desastradamente as obras até ao seu termo, cuja época não pude averiguar tambem.

Na espessura da parede da capella-mór, no lado do Evangelho, e servindo d'urna ás cinzas do fundador, accommoda-se um modesto tumulo de granito, pintado a oleo, com a seguinte inscripção:

Re-bellus Lucas Abbas qui rexerat olim
Regildæ templum, conditus hocce jacet
Ipse sibi tumulum Damaso quoq construxit
Aedem.
Iaetite ut natos patria tanta duos.
Iam quod pastor ovem cœlesti sede locavit,
Pastorem templo grata reponit ovis.

Renovada
no anno de 1825.

E n'uma das bases do arco, que sustenta o côro, está cravada uma lamina de latão, que contém em lingua latina igualmente o elogio do fundador, nas seguintes e textuaes phrases:

Et Damaso templum, et miseris extructa proseucha
Abbati Lucæ nomina magna dabunt.
Aequum erat Abbatem pastori templa dicare,
Pastoris siquidem munere pastor erat.
Consulto, meditor, constructa est machina duplex.
Multiplici ut Dominum colligat arte pius.
In templo Christum specie nam suscipit escæ,
Pauperis informa colligit hospitio.
In templo Dominus pascit, qui pascitur æque
Limine cum nostro fercula pauper edit.
Pauperis hospitio Domino convivia præbet,
Conviva in templo qui simul ipse fuit,
Hic ovibus tantum propriis sacrisq ministris
Esuriem terræ pellere cura fuit.
Queisq famem extinxit vivens, hos pinguia cœli
Pocula nunc avido corde sitire cupit.
Non habet adstrictam mensuram temporis æger,
Ast veniens sospes triduus hospes erit.
Catholici fructus operum cæmenta dedêre,
Sic docet expendi quomodo sacra decet.
1698. D. fr. Grg. a Sp. S. ihuen.

Na parede exterior do hospital, vê-se ainda outra inscripção latina, que será tambem transcripta,

quando em lugar competente me occupar do mesmo hospital.

Igreja e convento dos Capuchos

Ao norte da cidade, e pouco abaixo do seu castello, defronte da antiga e hoje derrocada torre da porta da Guarrida, em sitio ameno e deleitoso, assentava o convento dos frades capuchos da Piedade, conhecido n'esta Ordem pelo nome de Casa de Saude.

Foi-lhe lançada a primeira pedra em 1664 por D. Diogo Lobo da Silveira, D. Prior da collegiada de Guimarães, acompanhado do cabido e religiões da villa; correndo as obras á custa das esmolas dos devotos, e do imposto de sete reis, que os frades obtiveram, por uma provisão, em cada arratel de lombo que se vendesse nos talhos d'esta villa: o que mais detidamente se póde vêr na *Tabella dos preços d'alguns generos.*

Vendo os frades capuchos que taes recursos lhes não chegavam ainda para a sua obra, trabalharam e obtiveram outra provisão, que lhes concedia toda a pedra dos paços historicos do conde D. Henrique, berço do nosso primeiro rei!

Impunha-lhes a referida provisão as condições seguintes:

Que deixassem intactas as paredes exteriores; e que tapassem todas as portas e janellas a pedra e

cal, ficando apenas uma porta fechada á chave, a qual conservariam em seu poder.

O povo, e a nobreza da villa, indignados contrá a provisão, que authorisava tal vandalismo, comparecendo na sessão da camara de 31 de janeiro de 1666, protestaram energicamente contra ella, allegando:

«Que o desmoronamento de tal obra trazia gran-
« dissimo damno ao credito e honra d'esta villa,
« por ser alli onde nasceu o senr. Rei D. Affonso
« Henriques, primeiro deste Reino. E eram os dit-
« tos paços a primeira côrte delle, e a obra mais no-
« tavel que nesta villa vizita toda a pessôa grande
« que vêm a ella; e faltando, ficava esta villa sem
« esta maior honra com que se acredita ».

Não sei o que se conseguiria com este protesto, mas parece que os frades por algum tempo se utilisaram da provisão; pois quasi toda a pedra do edificio desappareceu, restando hoje d'elle pouco mais que a fachada exterior, no lado do norte.

D'este modo, em meados do seculo XVII, pugnava-se pela conservação dos monumentos historicos: e em pleno seculo XIX, a Sociedade patriotica vimaranense propõe a demolição do castello de Guimarães!...

Quatro annos depois de lançada á terra a primeira pedra do convento, a 29 de julho de 1668, continuando ainda as obras, entraram n'elle os frades capuchos, que viviam até alli nas dependencias da igreja de S. Miguel do Castello.

Era de fabrica humilde, e muito irregular esta casa, apesar da sua vastidão; e trataram por isso de a reedificar em 1742, pedindo os frades á camara quinhentos mil reis, *das sobras dos bens de raiz.*

Viveu aqui por alguns annos, e aqui morreu com fama de santidade, o insigne varão frei Luiz do Porto, chamado vulgarmente frei Luiz das Chagas, cujos ossos se guardaram no meio do pavimento da capella-mór, em sepultura rasa.

Tem esta igreja a capella-mór bastante espaçosa e alegre, e no seu retabulo moderno e elegante vêem-se as imagens de Santo Antonio e S. Francisco em tamanho natural. É dividida do corpo da igreja por um arco de pedra, ao qual se encostam dous altares de talha, sendo o do Evangelho pertencente á nova irmandade de Nossa Senhora das Dores, ahi erecta, e o fronteiro dedicado á imagem de S. João Baptista. No resto das paredes abrem-se confessionarios dentro d'arcos de pedra, que estão em communicação com os claustros do convento. Debaixo dos trés arcos da entrada e á esquerda havia antigamente uma capella de Santo Antonio, que foi demolida para dar lugar ás obras do hospital em construcção.

Pela extincção das Ordens religiosas, ficou este convento pertencendo á fazenda nacional, a quem a irmandade da Misericordia o comprára, com todas as suas dependencias, por um conto e seiscentos mil reis, em 13 de julho de 1842: com o in-

tento d'installar n'elle, como effectivamente installára, o seu hospital geral.

Mas como o convento, por muito acanhado e mal dividido, não se prestava opportunamente para um estabelecimento de tal ordem, está sendo demolido pelos alicerces, para em seu lugar se levantar um hospital condigno, como adiante veremos.

De toda a sua antiga fabrica, apenas se aproveita a igreja, cuja frente é de pedraria fina, elegante, e bem lavrada: ficará por isso occupando o centro da fachada principal.

Convento da Madre de Deus, vulgarmente das capuchinhas

Catharina das Chagas, que aos seus provados sentimentos religiosos ajuntava uma energia e força de vontade, não muito compativeis com a fraqueza do seu sexo, vivia na companhia de outras beatas da Ordem Terceira de S. Francisco, no recolhimento do Anjo, ainda hoje existente no largo de S. Payo.

Mas como lhe custasse ao coração, que recolhidas debaixo do mesmo tecto não formassem todas uma verdadeira communidade, por quanto cada uma tratava particularmente de si e da sua individual sustentação, empenhou-se deveras com o seu confessor, o padre frei Francisco do Salvador, com-

missario da Ordem, para que este, com o valor dos seus conselhos e peso da sua authoridade, a isto persuadisse as suas companheiras, e as reformasse n'este ponto.

Frustrados porém todos os esforços do commissario, por isso que a maior parte d'ellas não assentira ao alvitre, resolveu-se Catharina das Chagas, coadjuvada pelo mesmo commissario, a procurar outro recolhimento, onde com novas companheiras pudesse observar aquella imitação da vida monastica: e com o auxilio d'um rico proprietario d'Atães, Pedro Francisco, para logo se comprou uma morada de casas na rua do Valle de Donas — que d'este facto tomára o seu titulo — e n'ellas se installou o novo recolhimento, em junho de 1672.

Foi dedicado este recolhimento a Santa Isabel, que ellas veneravam n'um pequeno e provisorio altar, tudo sob os conselhos e direcção de Catharina das Chagas, que tomára o modesto titulo de regente.

Assim viveram por algum tempo as recolhidas n'este improvisado convento; até que o padre frei Francisco do Salvador, desejando dar a estas senhoras, e a outras mais que se lhes foram juntando, uma vida religiosa mais completa e regular; promovendo com incansavel zelo algumas esmolas e donativos, principiou a fundação d'um novo convento, hoje o da Madre de Deus, em 1681, no lugar do Campo do Gallego, chamado tambem o Rosal de Santa Isabel.

Tão bem succedido foi tudo n'este intento, que dous annos depois, em 4 d'abril de 1683, fizeram as suas protegidas entrada solemne na sua nova casa, acompanhadas pelo cabido da real collegiada, pelo clero, e por todas as religiões d'esta antiga villa.

Pelos documentos que pude obter, consta ser levantado o actual convento em terrenos de Francisco de Sousa da Silva, que os cedera para este fim por 50$000 reis, que era menos de metade do seu valor n'aquella época.

A varonil Catharina das Chagas, lastimando que um tal recolhimento não tivesse uma sancção pontificia, nem uma regra authorisada pela Igreja, deixa Guimarães em 1690, e desfigurada em trajes d'homem, para evitar os perigos da jornada, parte para Roma, onde, luctando por mais de tres annos com as maiores difficuldades, e vencendo pesados sacrificios, a que qualquer homem succumbiria, nem se cança, nem desanima ainda: pelo contrario, redobra d'esforços de dia para dia, sósinha, como se vê das curiosissimas cartas, que ella de lá escrevera ao seu confessor, e a uma sua irmã recolhida n'este convento.

Protegida finalmente por cartas d'el-rei D. Pedro e dos duques do Cadaval, consegue do pontifice Innocencio XII a approvação para o Instituto, e Regra primeira de Santa Clara, a 21 de junho de 1693.

Não teve esta notavel heroina o prazer de vêr

em pratica o Instituto, que tantas fadigas e esforços lhe custára; porque na volta para Portugal, foi em Hespanha surprehendida pela morte, sendo sepultada em Carauz, diocese de Pamplona, a 13 de maio de 1694.

Ficou sem execução este Breve: e só mais tarde o arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles, desejando em tudo proteger esta casa, insigne pela virtude das recolhidas, obtem um novo Breve de Clemente XI, que sendo sentenciado em Braga, a 8 de janeiro de 1716, o mandou para logo executar e fazer cumprir.

E julgando ainda o arcebispo este favor muito limitado, em relação á vontade que o dominava, de concorrer para o esplendor d'esta casa; outra grande fineza lhe dispensa, nomeando para sua primeira abbadessa a sua irmã, soror Luiza Maria da Conceição, religiosa do mosteiro da Senhora da Madre de Deus em Lisboa.

Para este fim, sahiu esta senhora de Lisboa em companhia do arcebispo, a 18 de março de 1716, visitando por essa occasião os conventos de freiras em Coimbra, Porto, Villa do Conde, Barcellos e Braga. Chegada a Guimarães, com mais duas senhoras, uma do convento de Santa Clara de Coimbra e outra do Porto, recolheram-se no nosso convento de Santa Clara, até fazerem a sua entrada solemne em o novo convento.

Nas actas da camara de 1716 encontra-se a des-

cripção da entrada das fundadoras nos seguintes termos:

« A 13 d'abril de 1716, a primeira oitava de Paschoa das duas para as tres horas da tarde se achou o senado da camara no convento de Santa Clara d'esta villa para acompanhar a procissão, da parte de fóra da portaria ao lado esquerdo da sahida d'ella. Foram sahindo as fundadoras e ao sahir fizeram ao dito senado uma devida cortezia, que por elle foi correspondida. Foram estas tres senhoras fundadoras sahindo adiante e se lhe seguia sua Ill.ma e querendo este — o arcebispo —, que o senado se seguisse ás fundadoras, ficando elle presidindo; mas a isto se oppoz o Juiz de fóra e o Senado, resolvendo entam o Arcebispo com semblante menos carinhoso a ir sahindo para diante encorporando-se com o cabido da collegiada, levando dum lado o rev.º Dr. Mestre-escola e do outro o rev.º arcipreste, hombro com hombro uns com os outros todos trez, sem ficar atraz ou egual pessoa alguma que pertendesse presidir ao dito Senado da Camara: e n'esta forma se houve o Senado na dita procissão acompanhando-a no dito logar da sua presidencia, desde o dito convento de Santa Clara até o da Madre de Deus, á qual procissão dava principio o estandarte da Camara, o qual levava Antonio Peixoto dos Guimarães, e as pontas delle Antonio Pereira de Azevedo Vieira e seu filho, e debaixo do mesmo estandarte toda a nobreza da ditta villa,

composta pelos dous lados. E nos trez dias seguintes havendo triduo no dito convento da Madre de Deus assistiu-lhe o dito Senado e lhe deram assento com alcatifa defronte do pulpito entre a porta da egreja e arco da capella-mór, logar melhor no parecer ».

Foram de festa e regosijo para Guimarães os tres dias seguintes ao da sua entrada; celebrando-se na igreja do convento pomposas solemnidades, sempre com a assistencia do prelado bracharense, assim como do bispo do Rio de Janeiro, que então vivia ainda na familia franciscana da observancia.

No terceiro dia, o arcebispo de Braga, com a parte possivel do seu cabido, celebrou pontifical com toda a grandeza; fazendo parte d'esta, e das outras solemnidades, a musica da sua capella, que para tal fim viera expressamente de Braga.

Em 17 d'abril benzeu o cemiterio interior do convento; a 18, na companhia do padre guardião de S. Francisco, lançou o habito a vinte senhoras, que alli se achavam recolhidas; e na segunda-feira, 20 d'abril, e dia dos Prazeres de Nossa Senhora, poz a clausura a esta communidade, dando-lhe com este ultimo favor o brazão de filhas da Madre de Deus, com a invocação dos seus Prazeres.

As vinte recolhidas, que tomaram o véo, entraram logo no anno do noviciado, sob a direcção sempre vigilante e prudente da fundadora; e terminado que foi este periodo, aqui voltou o arcebispo: e em dia do Espirito Santo de 1717, dezenove das

recolhidas — porque uma fallecera durante o noviciado — professaram em presença da madre abbadessa, e de seu excellentissimo irmão, o arcebispo, que lhes lançára então o véo preto.

Soror Luiza Maria da Conceição, a illustre filha dos condes de Val de Reis, e irmã estremecida do primaz das Hespanhas, deixou gratissima memoria do seu primeiro abbadessado, que durára vinte e tres annos: dando na fundação, e augmento d'esta casa, brilhantes provas da sua prudencia, sabedoria e magnanimidade.

Igualmente solícita em promover os bens temporaes d'esta casa, alcançou, da benignidade de seu irmão, meios para realisar aqui obras importantes.

Ladrilhou o claustro, que era terreo; e dividiu-o em sepulturas; levantou um novo dormitorio, dotando-o com uma sala de labor, ampla e alegre; e acrescentou varias cellas, casas do noviciado, e livraria.

Recebendo mais tarde uma esmola de 750$000 reis, que da India hespanhola um devoto lhe mandára, e com mais 4:000 cruzados, que seu irmão por fallecimento legára ao convento, construiu uma vasta e espaçosa enfermaria, com cozinha dentro d'ella para o serviço da mesma; refeitorio para comerem juntas as convalescentes; capella ao fundo da enfermaria para alli dizerem missa os padres, que vão administrar os sacramentos; e mais duas capellas para uso das convalescentes.

Superior a todas as mortificações e sacrificios, e

incansavel ainda quando a vida lhe pendia para o occaso, continuou as obras do convento, mandando construir uma cozinha com quatro torneiras d'agua dentro, e varias casas terreas e celleiros. Alargou e ornou o côro, que era muito limitado e escuro; e conseguiu licença para n'elle terem o Sacramento, que ahi foi collocado a primeira vez, com grande solemnidade, em dia das Chagas de S. Francisco em 1734.

Fatigada finalmente de tão valiosos serviços, descançou da vida na morte, em 1 d'abril de 1739, tendo vivido 69 annos e 4 mezes.

Tão bem conceituadas estavam na opinião publica as recolhidas d'este convento, que a camara de Guimarães, reunida com a nobreza e representantes do povo, em sessão de 3 de dezembro de 1689, se compromettera a assegurar-lhes o sustento — quando para elle não chegassem as esmolas, e em quanto o seu numero não excedesse a vinte, e se conservassem na observancia da primeira regra.

Este numero de vinte, authorisado no primeiro Breve, foi elevado a vinte e tres pela Sagrada Congregação, em 5 d'agosto de 1720; e chegou ao numero de trinta e tres, por ordem do geral d'esta provincia, em definitorio de 17 d'agosto de 1737.

Ainda hoje este convento, o mais respeitavel da cidade, conta em si tres freiras professas, além de outras recolhidas, que vivem em estreita regra; sendo quasi exclusivamente sustentadas pela caridade publica.

ção pela nova de S. José. Mas como o lugar de honra, no altar-mór da igreja, era occupado pela imagem de Nossa Senhora do Carmo, ficou sendo esta a sua invocação mais vulgar e conhecida.

Viveu esta religiosa communidade até 1743, debaixo da obediencia do provincial dos carmelitas calçados; sustentando repetidas e complicadas demandas sobre pontos de jurisdicção; muito principalmente no governo do arcebispo de Braga, D. Rodrigo de Moura Telles, que pôz ás freiras um interdicto, por haverem tomado, independentemente e contra sua vontade, véo preto, a 24 de junho de 1726.

Parecia impossivel, que depois de tão renhidas questões, entre esta communidade e os differentes arcebispos, fosse um dia aceite de bom grado n'este convento a plena jurisdicção do Ordinario; mas felizmente assim succedeu no episcopado de D. José de Bragança, que a instancias e repetidos rogos das freiras aceitou a sujeição do convento á sua jurisdicção em 1748.

Em boa hora se acolheu esta communidade á protecção do regio prelado; pois a este devem as freiras a construcção da capella-mór da sua igreja — ainda por concluir a 31 de maio de 1748 — a edificação do mirante, que tornára mais vistoso o edificio, a maior extensão da cerca e o alargamento do terreiro defronte da igreja.

É de muito merecimento e bom gosto toda a talha dos altares, pulpito e sanefas; e divide a capel-

O fuste d'este cruzeiro foi feito d'uma columna da antiga alfandega, que a camara cedera ás freiras em 1733.

Igreja e convento do Carmo

Em 26 de março de 1685 foi lançada a primeira pedra para a edificação d'esta igreja e convento na rua de Santa Maria; dizendo-se alli a primeira missa, apesar do atrazo da obra, a 8 de abril de 1687.

Antes ainda de concluida a mesma obra, e a 13 de março do mesmo anno, tomaram aqui o habito carmelitano algumas donzellas, com o titulo de recolhidas, mediando as competentes licenças do provincial dos carmelitas, frei Pedro da Purificação e do arcebispo de Braga, D. Luiz de Sousa. Foi dedicado este convento a Santa Thereza, ignorando-se até hoje o nome do seu fundador; mas no precioso *Manuscripto da Costa* se declara, a par d'outras minuciosidades correlativas, que Guimarães deve tal fundação *ao mercador Francisco Antunes* — embora o padre Torquato d'Azevedo queira alienar-lhe tal gloria — que depois fallecera pobremente.

Passados alguns annos — talvez em 1704 — estando o edificio concluido, chegou a Bulla do Papa, que authorisava as recolhidas de Santa Thereza a tomarem o véo das religiosas carmelitas calçadas, trocando então o convento a sua primeira invoca-

Igreja de S. Pedro

A irmandade de S. Pedro — a *primeira* d'este titulo em Portugal, conforme o dizer da GAZETA DE LISBOA, n.° 20, de 1751 — esteve erecta desde a sua primitiva fundação até 1697 na capella da invocação do seu padroeiro, nos claustros de Nossa Senhora da Oliveira.

Gastou largos annos em amargas pendencias, e dispendiosas questões com o cabido, por causa da presidencia d'esta irmandade, ou da curaria da Oliveira nos actos publicos religiosos.

Descontente a irmandade por estes motivos; e não desejando viver em casa dos seus adversarios, tentou a compra d'um altar lateral na igreja de S. Damaso, onde pudesse celebrar os seus officios. Mas não podendo realisar-se tal contracto, installou-se provisoriamente n'outra capella dos claustros de S. Francisco, nos annos de 1733, onde esteve collocada até 1750.

N'este decurso de tempo, anciando sempre a irmandade a posse d'uma capella exclusivamente sua, pediu licença á camara para a edificar sobre o *socalco* da rua de Couros, hoje largo do Trovador, junto ás *oliveiras* de S. Sebastião; mas não podendo ainda realisar tal projecto, resolveu finalmente, em 1737, dar principio ás obras no largo do Toural, onde existe a sua igreja actual.

Em 1750, a 11 de novembro, benzida a nova capella, e conduzida para ella a imagem do pa-

droeiro a 29 do mesmo mez, principiou a funccionar aqui a irmandade, atribulada sempre pelas questões do cabido, que lhe custaram a extincção desde 1768 a 1778, em que foi restaurada, ficando comtudo bastante damnificada pelas extraordinarias despezas das obras, que de novo foi projectando. Estas obras por falta d'um plano primitivo, e depois por um plano excessivamente grandioso, não puderam chegar a concluir-se; e foram suspensas em 1824, até aos nossos dias, em que se recomeçaram os trabalhos para a sua conclusão.

Este templo, apesar de incompleto, como dissemos, foi elevado por indulto da Santa Sé á categoria de basilica, *a primeira, que na prima diocese se reconhece e a terceira que illustra o orbe lusitano,* como diz Freitas e Sampaio no seu ELOGIO METRICO em louvor do snr. Luiz Antonio da Costa Pego. Elevou-a a esta categoria de basilica o Papa Benedicto XIV, em Breve de 26 de março de 1751.

As pendencias a que acima me refiro, nada teem de singulares. Analogas a estas, com dispendios congeneres, teve tambem a irmandade de S. Pedro em Braga, estabelecida a principio na Sé primaz, até chegar a conseguir uma igreja propria. E ainda em 1702 deixam entrever isto os seus raros *Estatutos,* então impressos n'um volume in-folio, e de que possue um bello exemplar o nosso mestre e amigo Pereira Caldas.

Como dissemos, não chegou nunca a concluir-se a obra, e no interior ainda hoje é provisorio o al-

tar-mór e sanefas dos altares lateraes, que apenas constam de pinturas ordinarias sobre tábuas lisas. Os tectos do corpo da igreja estão ainda mostrando a armação do telhado, estando apenas estucada a capella-mór. Divide esta do corpo da igreja um arco de pedra; e tem quatro altares lateraes, o primeiro dos quaes do lado do Evangelho é dedicado ao pontifice S. Pedro, imagem de roca com habitos pontificaes, o segundo é de Nossa Senhora das Dôres, sendo os dous fronteiros do Senhor da Agonia e de Nossa Senhora.

Ha n'esta igreja lausperenne ás segundas e quartas-feiras, de quinze em quinze dias; sendo o das quartas instituido por Christovão José Rodrigues e sua mulher Maria Thereza, inaugurado com toda a pompa em 28 de junho de 1828; e aquelle instituido por D. Maria da Luz do Sacramento, viuva, em 1863.

Existem na sacristia d'esta igreja dous quadros a oleo, representando as cabeças dos Apostolos S. Pedro e S. Paulo, os quaes os peritos julgam preciosidades de consideravel valor.

A mesa actual d'esta irmandade, aproveitando já alguns serviços das mesas antecedentes, reuniu a 4 de novembro de 1880 a junta magna, a fim de lhe apresentar um risco e planta para a conclusão das obras da igreja. Este risco approvado pela mesma junta foi em seguida submettido á approvação da real associação dos archeologos e architectos de Lisboa, ficando desde logo a mesa authorisada

a dar principio ás obras, approvado que fosse o risco. E assim foi; principiando-se a demolir o que era provisorio a 4 de abril de 1881.

N'um livro de Termos d'esta irmandade, encontrei a respeito da sua igreja a seguinte memoria, que passo a transcrever: «Aos 23 de março de 1809 entraram os francezes n'esta villa de Guimarães. O Padre Sacristão desta Egreja levou toda a prata desta Irmandade para casa do Rev.º Abbade do Salvador de Pinheiro e a enterrou, ao depois os Francezes a desenterraram e a levaram, que constava de cinco calices e hum principalmente precioso de figuras levantadas, que tinha dado o Rev.º Beneficiado Luiz Antonio da Costa Pego, e tambem levaram huma caldeira e hissope de prata, humas galhetas de prata e o resplendor de S. Pedro, como tambem um anel de diamantes, as chaves de S. Pedro, a coroa de Nossa S.ª d'Assumpção, a coroa de N. Senhora do Rosario, a do Menino, a custodia de expor o SS. Sacramento, a chave do sacrario, o resplendor de S. Pedro pequeno e as chaves, um jarro e bacia de prata de botar agua ás mãos, tudo isto levaram os Francezes no dito dia assima, e no dia 13 de maio do dito anno, entraram nesta Egreja de S. Pedro, em que encheram toda a Egreja de cabalos, como tambem a sacristia, e levaram varios ornamentos e toalhas e foram ao sacrario e quebraram o santo lenho que estava metido no sacrario e não apareceu o santo lenho. Os altares apareceram cheios de milho e tam-

bem toucinho, os caixões de guardar os aparamentos cheios de milho e palha, os esguiches de lavar as mãos quebrados, o supedaneo onde se assentam os Padres ás missas cantadas cheio de cinza e carbões, que ahi cosinharam, e para em todo o tempo constar mandou a presente Meza fazer esta declaração, a qual a escrevi como Secretario actual da Irmandade. O Padre José Antonio Ribeiro da Rocha, Secretario. — Guimarães 28 de junho de 1809».

Igreja de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

Situada n'um ameno e formoso local, ao fim da magestosa ponte do campo da Feira, levanta-se com notavel elegancia a igreja, que hoje tem o nome vulgar do Senhor dos Passos.

Na sua origem não havia aqui mais que uma humilde capellinha, precedida d'uma grande alpendrada com assentos de pedra, dedicada a Nossa Senhora da Consolação, por um morador da villa, chamado Duarte Sodré. N'esta capella foi instituida uma irmandade com o titulo da sua padroeira, e era exclusivamente composta de estudantes, com estatutos approvados pelo arcebispo de Braga a 9 de dezembro de 1594.

Foi provavelmente no principio do seculo XVIII, que demolida a pequena capella, se dera principio a outra de mais amplas dimensões; todavia as obras

ficaram em meio, não se chegando a dar principio ao frontispicio.

Passados annos e reconhecendo a irmandade os muitos inconvenientes e faltas de respeito, que provinham ao templo, por se achar incompleto e aberto a toda a hora, determinou levantar uma parede para o fechar: o que se realisára em 1767. Mas ainda a obra não estava completa, e sendo já reconhecida a insufficiencia d'ella, resolve-se fazer maior esforço, procedendo-se a uma reconstrucção completa, ou para melhor dizer a uma nova fundação.

Foi encarregado do risco André Ribeiro Soares da Silva, natural de Braga, e simples curioso n'estes trabalhos.

As esmolas acudiram promptamente; e as obras começaram em 1769, estando concluido o corpo da igreja, benzido e aberto ao culto a 16 de outubro de 1785.

A reliquia de S. Fortunato Martyr, posta aqui á veneração publica a 11 de dezembro de 1787, attrahiu de tal modo a devoção e as esmolas dos fieis, que d'ahi adveio ás obras o mais animado desenvolvimento.

A capella-mór principiada em 1789, com a pedra da muralha dos Palheiros, hoje rua Nova de Santo Antonio, e da torrinha que ficava ao pé da porta da Freiria, foi concluida em 1798.

Ultimamente em 1862, por iniciativa da mesa da irmandade, coadjuvada pela muita devoção dos habitantes de Guimarães, principiaram as obras das

duas torres, debaixo do risco de Pedro Ferreira e ficaram concluidas em breve, sendo dotadas con um carrilhão de sinos afinados, que tocaram pel primeira vez a 28 de maio de 1875. Éstas torre pela sua notavel altura e final ponteagudo, preci savam ser defendidas por um para-raios, que send o primeiro que se usára em Guimarães, foi alli col locado em 1870.

É hoje esta igreja uma das mais bellas e com pletas da cidade; e principiou a ter Sacramento des de o 1.º de junho de 1800 por Breve apostolico d S. S. Pio VI, sendo installado um lausperenne en sua honra, todas as terças-feiras do anno, a 7 d fevereiro de 1861 e 9 de abril de 1876, por seren duas as instituições. Igualmente aqui tem lugar, n quinta dominga de quaresma, a mais rica e pom posa procissão de Passos — chamada vulgarment de *Lazaro* — que tem lugar em todo o reino. Po esta occasião são dignos de vêr-se o pallio e alfaia de tela e velludo rôxo, bordados a ouro, bem com a nova capa e estola do prestes e a manga da cruz, tudo de lhama bordada a ouro, e que serviu pel primeira vez em 1878.

Antigamente vinham os conegos da collegiad fazer a esta igreja a benção e solemnidade dos *Ra mos*.

É muito d'esperar que n'esta corporação tud prospere e augmente — como vai prosperando — s não arrefecer a fé vivissima de todos os vimaranen ses áquella devotissima imagem.

A cruz offerecida por um negociante do Porto, natural de Guimarães, Matheus José de Freitas, foi estreada a 20 de março de 1836.

A veneranda imagem de Jesus com a cruz ás costas, á qual anda ligada uma lenda sem bases, foi mandada fazer, sendo juiz da irmandade, Manoel da Cunha Maranhas, por muitos annos residente na India hespanhola.

Do Asylo de mendicidade e collegio, fundados por esta irmandade, darei noticia em lugar opportuno.

Capellas publicas

S. Thiago da Praça

A capella de S. Thiago, erecta na praça do mesmo nome, conhecida antigamente como praça do Peixe, foi na sua primitiva — segundo a tradição entre nós constante, e as varias opiniões d'antigos escriptores — um templo do gentilismo, provavelmente dedicado a Ceres.

Á falta d'outros testemunhos, seguirei n'este ponto essa opinião dos escriptores, que me precederam, acostando-me nomeadamente a frei Ber-

nardo de Braga, que sobre o assumpto se exprimiu do modo seguinte:

« No Rocio ou Praça de Guimarães está um Templo que foi da Gentilidade, era obra moysaica, magestoso, e antiquissimo, e das noticias que tenho, foy dedicado a Ceres, a este destruiu Santiago vindo a esta terra aonde bautizou a São Torcato, e lançando por terra os falsos idolos, collocou no Altar a Virgem Senhora nossa, cuja imagem é hoje a Senhora da Oliveira, e bem se colhe — continúa o author — de um lettreiro, que vi, e se achou no interior da parede junto á torre, quando esta se principiou a arruinar pelos annos do Senhor de 1559. Cahio uma pedra, e porque se partio, se fez ajuntar, para se lerem as letras, e diziam:

« *In hoc simulacro Cereris collocavit Jacobus filius Zebedaei Germanus Joannis imaginem Sanctae Mariae IIIS. CISX* — Era o letreiro Gotico, e em breves, mas a sustancia era esta, e tambem se acharão medalhas por onde alguns Escriptores tomarão motivo para dizerem que o Templo fôra de Minerva ».

Mais affirma o citado escriptor, que no archivo da collegiada encontrára mais claras noticias d'onde se inferia igualmente o mesmo asserto.

Para nos convencermos da sua notavel antiguidade, repare-se n'uma tosca esculptura em pedra, agora mettida na parede, que sustenta a alpendrada da mesma capella, ao lado do sul; a qual representa uma criança nua, sentada e sustentando nas

mãos dous grandes peixes em posição horisontal, symbolo muito usado nas igrejas christãs dos primitivos tempos.

A imagem da Senhora conservou-se aqui até o anno de 417; quando invadida a Galliza pelos alanos, suevos e outros barbaros, mandou o arcebispo de Braga, *Pancracio,* esconder todas as imagens de santos, á sanha dos invasores; sendo por esta occasião, e por tal motivo, escondida esta santa imagem perto de Guimarães, logo acima do campo de D. Affonso Henriques, n'um monte, que ainda hoje se chama de Santa Maria; e é principalmente a parte mais visinha d'aquella sua igreja.

Finda a invasão e pacificados os tempos, d'alli voltára a santa imagem para o seu templo, conduzida em procissão solemne.

Por esta occasião levantou-se no antigo campo do Salvador um pilar de pedra tosco para a collocação do andor, e para d'alli se ordenar a procissão. D'este facto ficou memoria, — diz um manuscripto antigo, que tenho presente — *n'um letreiro gothico lavrado na parede exterior sobre o mesmo pilar onde esteve, que dizia:*

Hic sita fuit S.ta Maria
E.a M.a V.a

Esta igreja, que fôra no seu principio, como fica exposto, dedicada a Nossa Senhora, e depois a

S. Thiago, por haver sido o primeiro que levantou alli altar, cahiu desfeita em ruinas em 1607, e d'ellas surgiu a actual capella, como testifica a padieira da porta principal, onde se acha este distico:

Magna domus quondam penitus submersa ruinis,
Dum jacet, in brevius denuo surgit opus.

Pelos annos de 1426 o D. Prior e cabido apresentavam reitores n'esta igreja. Hoje pertence á dignidade do conego mestre-escóla, que d'ella recebe alguns fóros, com obrigação de vigiar pela sua fabrica.

Está hoje aqui erecta a irmandade de Nossa Senhora das Dôres, que teve a sua fundação pelos annos de 1797.

Esta mesma irmandade e a imagem da sua padroeira, estiveram na capella do Anjo, tambem chamada de S. Chrispim e Chrispiniano, desde 1811 a 1822, em quanto andavam obras na capella da Praça.

Pelas reformas a que alludi, e por outras ainda que ignoro, não conserva actualmente esta capella nada que accuse a sua grandeza primitiva nem a sua antiguidade respeitavel.

Capella do Anjo dá Guarda e S. Chrispim

Situada na rua da Rainha, tem junto a si o *albergue dos pobres passageiros,* do qual em outro lugar me occuparei.

Tem esta a capella-mór dividida do corpo restante por um arco de pedra, encostando-se a este dous altares lateraes.

Foram seus fundadores e installadores da confraria e irmandade dos mestres sapateiros, João Bahiao e Pero Bahiao, em 1315, legando ambos para fundo d'esta piedosa instituição todas as suas rendas e herdades.

O cabido da real collegiada de Guimarães, por um antigo contracto com esta confraria, reformado já em 1492, era obrigado a acompanhar para a sua igreja os pobres fallecidos n'este albergue, para lhes dar sepultura, e a cantar na capella da confraria cinco missas acolythadas e acompanhadas a orgão, em determinados dias, pela esmola de *cincoenta reis* cada uma.

É curiosa, além de singular, a seguinte disposição dos instituidores:

« Ordenou Pedro Bahiao e João Bahiao que todas as quartas-feiras de Cinza de cada um anno lhe dicessem um Responso com uma vigilia sobre a sua sepultura que está em S. Paio e darão de esmola aos Padres aquillo que bem parecer aos mordomos e hirão com cruz alevantada e estarão presentes todos os mordomos e rezarão todos sobre suas sepul-

turas por suas almas, e este responso e vigilia se dirão no ditto dia de Cinza a tarde e acabado elle farão os dittos confrades pôr hua' meza na ditta Egreja e todos assentados a ella com muita quietação farão hua consoada e gastarão nella aquillo que bem lhe parecer e comerão e beberão por hum copo e não querendo obedecer o riscarão da Confraria e o que se puzer á meza não sendo confrade pagará meia libra de cera».

Esta celebre disposição tinha por fim, muito louvavel, o terminar odios e desavenças entre os confrades, que se dariam por congraçados bebendo pelo mesmo copo.

Foi reformada esta capella em 1849, e levantaram-lhe o novo frontispicio no anno de 1852.

Recolhimento do Anjo

É opinião commum entre nós, que o actual recolhimento do Anjo, sito no largo de S. Payo, fôra o antigo hospital chamado do *concelho,* onde os frades franciscanos vieram de Villa Verde — arrabaldes de Guimarães — installar o seu segundo convento.

Mas se attendermos á posição do recolhimento, e ao local, que os antigos escriptores assignam ao hospital, em breve nos convenceremos, que havia dous edificios muito distinctos, e collocados em lu-

gar muito diverso, sem que este recolhimento jámais servisse aos frades de S. Francisco. — Veja-se *Igreja e convento de S. Francisco.*

A memoria mais remota que pude encontrar a respeito d'este recolhimento, attinge aos annos de 1600: época em que elle servia ás beatas franciscanas, como se vê na parte em que trato do convento da Madre de Deus.

Passou este recolhimento por varias reformas na sua fabrica; sendo mudada a capella para o lugar, que hoje occupa, e benzida em 1748. Consta esta apenas d'um altar-mór de talha sem importancia, pintado a côres, e tem fronteiro á porta da sacristia outro pequeno altar, dedicado ao Senhor da Cana Verde. O côro de cima occupa quasi meio recinto de toda a capella, e sobre os degraus do altar-mór do lado da Epistola ha uma grade, que serve de commungatorio ás recolhidas. Tem ainda ao lado do pulpito sobre uma peanha de madeira a imagem de S. Francisco d'Assis.

Ainda hoje serve de recolhimento de beatas franciscanas, que alli são admittidas pelo administrador do concelho: e usam de capa côr de cinza e véo branco, segundo as determinações do arcebispo de Braga D. José de Bragança em 1751; o qual no anno seguinte lhe concedera o uso d'escapulario.

Capella de S. Lazaro

Está no fim da rua de D. João I, e nos limites da freguezia de S. Miguel de Creixomil, sendo edificada em 1600 como consta da inscripção lavrada na padieira da porta de entrada.

Festejam-se aqui a expensas e cuidado dos devotos, as imagens da Senhora da Ajuda, em dia incerto; a de S. Lazaro, no domingo da quaresma do mesmo titulo; e a de Santa Martha a 29 de julho, sendo n'esta noite a capella muito visitada pelos habitantes de Guimarães.

Tinha antigamente esta capella, junto de si o seu hospital ou gafaria, administrada pela camara da villa, que cobrava alguns fóros e rendas, que a mesma camara annualmente arrematava; passando mais tarde esta administração para a Santa Casa da Misericordia em 1681, por alvará do principe regente.

Capella de Santa Luzia

Foi edificada em 1600, como consta da data respectiva, na pequena sineira, sobre a frente, e está situada na rua a que dá o nome. Tem a porta principal debaixo d'uma alpendrada, sobre columnas de pedra, além de mais duas portas lateraes a sul e norte.

É muito concorrida de devotos, principalmente no dia da sua padroeira, a qual o cabido festeja com missa cantada e sermão, recebendo por isso todas as esmolas.

Havia aqui em 1488 uma gafaria para mulheres, que anteriormente estivera no Cano, hoje rua d'Arcella, chamada então *Cano das Gafas*.

É tão pequena esta capella de Santa Luzia, que por falta d'espaço tem o pulpito de pedra debaixo da alpendrada.

Capella de Santa Cruz

Edificada em 1639, está ao lado nascente da rua, a que dá o nome, e perto da antiga porta da Freiria, hoje demolida. Tem alli instituida a irmandade de Santa Cruz, que gozava de muitas indulgencias por bulla apostolica, e que celebra a sua festividade a 3 de maio.

Tem a porta principal debaixo d'uma alpendrada sobre columnas de pedra, e defronte, no meio do adro superior á rua, levanta-se um cruzeiro de pedra com esta inscripção: *O conego Arrouchella o poz. Anno de 1640.*

Capella e recolhimento das Trinas

Está situada esta capella com o titulo de Nossa Senhora das Mercês, e vulgarmente das Trinas, na rua de D. Luiz I, antigamente chamada rua do Gado.

Junto a ella levanta-se um modesto recolhimento, onde vivem algumas religiosas mulheres, que n'elle são admittidas pela irmandade da Misericordia; e usam de habito branco, com a cruz da Trindade ao peito, e mantilha preta.

Deve-se esta instituição ao dr. Paulo de Mesquita Sobrinho, que a realisára em 1653, dotando-a com dous mil e quinhentos cruzados, dos quaes é administradora a mesma Santa Casa da Misericordia.

Do rendimento d'esta dotação, manda o instituidor, que por seis recolhidas se reparta um vintem diario *ou meio alqueire de pão por semana*, com a obrigação de irem todos os dias ouvir missa á igreja da Misericordia, segundo a intenção do mesmo instituidor: e se por qualquer motivo esta casa fôr extincta, ordena o mesmo, que este rendimento se applique para a sustentação de mais dous capellães do côro da Misericordia.

Por emquanto ainda esta instituição persiste, segundo a intenção de Paulo de Mesquita; mas além das seis recolhidas que este determina, recebe a mesa da Misericordia alli mais algumas, que a casa possa commodamente recolher, mas sem direito á distribuição da esmola.

Um dos capellães do côro da Misericordia é obrigado a ir alli dizer missa, em todos os domingos e dias santos; e no domingo da SS. Trindade tem alli lugar, em cada anno, uma festividade em honra d'este augustissimo mysterio, com o Senhor exposto, missa cantada e sermão.

Capella de S. Domingos

Defronte da porta principal da igreja de S. Domingos, levanta-se a magestosa capella d'esta veneravel Ordem: a qual, pelo seu espaço e notavel elegancia, antes mereceria o titulo de igreja.

Foi fundada em 1743; e tem quatro altares lateraes, sendo o primeiro d'estes, da parte do Evangelho, dedicado á imagem do Coração de Maria e o immediato a Santo Affonso Maria de Ligorio, e dos dous da parte da Epistola pertence o primeiro á imagem de Nossa Senhora das Dôres e o de baixo a Santa Barbara.

Todas estas imagens são d'uma esculptura muito aceitavel; assim como as do patriarcha S. Domingos e Santa Catharina de Senna, que se levantam no elegante retabulo da capella-mór.

A frente é de pedra fina, bem trabalhada e esbelta, tendo no frontão em tamanho mais que natural a imagem de Santa Catharina de Senna.

Além d'outras solemnidades que n'esta capella

são celebradas, ha um *Lausperenne* em todos os domingos do anno, instituido em 6 de maio de 1816, por D. Anna Margarida dos Guimarães Golias; outro ás quartas-feiras, de quinze em quinze dias, instituido por D. Maria Thereza do Amaral Branco, a 3 de março de 1861, e ainda outro mais, igualmente de quinze em quinze dias, ás segundas-feiras, por instituição da condessa de Villa Pouca, Margarida, a 6 de dezembro de 1865.

Capella de S. Francisco

Junto da igreja de S. Francisco, e um pouco a poente, com a frente voltada a norte, está a capella d'esta veneravel Ordem, que dos seus rendimentos a mandára edificar em 1750.

É elegante e bastante espaçosa; pois além do altar principal e capella-mór, a dentro d'um arco de pedra, tem mais dous altares lateraes, pulpito e côro.

A frontaria de pedra é formosa e bem lançada; tendo a porta principal entre elegantes columnatas e adornando-lhe o frontão a imagem, em pedra, da rainha Santa Isabel.

Esta capella, hoje a mais aceada da cidade, foi ultimamente restaurada no interior, pela magnanimidade do benemerito ministro da Ordem, o commendador Christovão José Fernandes e Silva: o

qual com o subsidio de mais algumas esmolas de particulares, a mandou estucar, azulejar e dourar, adaptando os dous altares lateraes para receberem duas novas imagens, a Virgem das Dôres e o Coração de Maria, offerecidas ambas á Ordem: aquella em cumprimento d'um voto de D. Custodia de Mattos Chaves, e esta pela piedade de alguns fieis.

Concluida esta restauração, em que se gastaram perto de cinco annos, foi a capella solemnemente benzida na sexta-feira, 30 de julho de 1880, pelo commissario da Ordem, padre Antonio Joaquim Teixeira; cantando-se missa em seguida com exposição do SS. Sacramento, e assistindo a todos os actos a mesa d'esta corporação.

É igualmente formosa e aceada no gosto moderno a sacristia, tendo no centro um altar dedicado ao Senhor dos Passos: celebrou-se aqui missa pela vez primeira a 17 de janeiro de 1881.

Ha n'esta capella, além d'outras solemnidades religiosas, *Lausperenne* em todas as sextas-feiras do anno, instituido por Manoel Pereira Soares, da cidade do Porto, em 1809.

Capella do Campo Santo

No principio do seculo XVI, quando a antiga confraria da Misericordia existia na capella de S.

Braz, nos claustros da collegiada, era o cemiterio publico — para enterramento dos pobres — nos mesmos claustros, e no espaço circuitado por estes. Mas com a mudança da confraria para a sua nova igreja, no campo da Misericordia, ficou servindo de cemiterio publico o adro de S. Sebastião, junto ao campo de S. Francisco.

A irmandade da Misericordia ainda hoje, em 1 de novembro de cada anno — por occasião da *procissão de defuntos* e da visita a varias igrejas da cidade, encommendando a Deus as almas dos mortos, que n'ellas repousam, canta um *Memento* no mesmo adro, do lado sul; honrando assim a memoria dos fieis que alli foram sepultados.

Todavia, como este lugar era improprio para tal fim, por ser pouco extenso e cercado de visinhos, que se queixavam das pessimas condições hygienicas do mesmo; a mesa da Santa Casa da Misericordia, em sessão de 19 de junho de 1770, e por proposta e offerecimentos do D. Prior de Guimarães, Domingos de Portugal e Gama, resolveu transferil-o para um lugar eminente e um pouco afastado do centro da povoação, chamado o *campo do Capitão Farrapo,* onde até agora esteve.

A obra principiou no mesmo anno; e o novo cemiterio ficou servindo desde logo, circuitado por uma parede demasiadamente baixa, e que dando por isso entrada aos gados e lugar a muitas profanações, foi no principio d'este seculo elevada a mais conveniente altura, e fechada com um portão de

ferro e pedra, sobre o qual se esculpiram as armas do D. Prior, como hoje ainda se vê.

Ao lado d'este portão está gravada a seguinte inscripção lapidar:

Hic Gama hic sua Portugalia figit et arma
Quæis vitæ invigilat quæis fugat urbe necem:
Cum tumulis mors urbe fugit: stat vita superstes
Arma necem et vitam sub ditione tenent.
MDCCLXX.

É a capella d'este cemiterio, como toda a mais obra, acanhada e humilde. Tem no altar-mór a imagem de Christo crucificado, e adornam-lhe as paredes interiores mais seis imagens do Redemptor, nos Passos da Via Sacra, em tamanho menos que natural, mas notaveis pela semelhança das feições, que n'elles se encontra; tem ainda por lado um altar raso e simples, onde se celebra missa.

N'uma dependencia adjunta, que serve de sacristia, venera-se com muita devoção uma imagem do Senhor Morto, a quem os filhos de Guimarães costumam encommendar-se, quando d'aqui partem para terras do Brazil.

Foi concluida esta capella pelos annos de 1824, sendo a imagem do Senhor crucificado conduzida para alli em procissão solemne, acompanhada pelo cabido, corporações religiosas e irmandades em 23 de janeiro do anno seguinte. A imagem da Senhora das Dôres, aos pés d'este crucifixo, foi mandada

fazer por devotos, e conduzida para a mesma capella, e com igual acompanhamento do cabido, clero e irmandades, em 10 de julho de 1836.

Na noite de 29 de setembro de 1841, foi a capella arrombada pelos ladrões, que apenas levaram alguma cêra, por mais nada de valor alli existir então.

Fechou-se este cemiterio para enterramentos no dia 11 de maio de 1879, depois de benzido o novo cemiterio municipal, no monte da Atouguia, do qual em seguida me occupo.

Cemiterio municipal

Já em 1855, reconhecendo a camara a necessidade de dotar a cidade com um cemiterio mais amplo e em melhores condições, resolvera em sessão de 27 de setembro, para tal fim, a escolha definitiva do campo da Quintam, um pouco a poente do hospital geral; todavia nunca isto chegou a realisar-se.

Só mais tarde, tratando-se do mesmo assumpto, em sessão de 14 de janeiro de 1870, foi escolhido e approvado um espaçoso local no planalto do monte d'Atouguia, onde actualmente se vê.

Vencidas as difficuldades da expropriação dos terrenos e a reluctancia dos que votavam contra a escolha do local, principiaram as obras e correram

morosamente até ao estado em que o vemos, ainda incompleto.

Fica este cemiterio n'um formoso e eminente lugar, no monte da Atouguia — como disse — limites da freguezia de S. Miguel de Creixomil, a noroeste da cidade, e distante d'ella menos d'um kilometro.

Foi solemnemente benzido no dia 11 de maio de 1879, ás doze horas da manhã, pelo rev.mo arcipreste d'este julgado, Antonio Manoel de Mattos, então abbade do mosteiro de Souto. Assistiram a este acto solemne as Ordens Terceiras, quasi todas as irmandades e confrarias de Guimarães, a camara municipal e grande concurso de povo.

Desde este dia terminaram na cidade os enterramentos dentro de barreiras.

Fallarei d'outros cemiterios ainda, embora muito de passagem, quando me occupar da gafaria de S. Lazaro e da capella de S. Roque da Serra.

Capella de Nossa Senhora da Guia

Situada primitivamente no interior d'uma das torres das muralhas a que a imagem dera o titulo, serviu á confraria da mesma invocação até 1788; mas como então o cabido da real collegiada obtivesse uma provisão, que o authorisava a demolir a torre; e como por esta obra se viesse a inutilisar a

capella, resolveu a confraria, então já erecta em irmandade, edificar para seu uso outra nova, no local onde actualmente existe.

Principiadas desde logo as obras, foi benzida a capella-mór e aberta ao culto publico a 15 de agosto de 1793; e n'este ponto pararam as obras, sem se continuarem do arco cruzeiro para baixo, por isso que a continuação do corpo da capella obstruia a rua, impedindo o transito.

Em 1852, resolveu a mesa restaurar a capella, fazendo-lhe a frente de pedra, que até alli era de madeira; e em 1855 a 1856 mandou metter-lhe cunhaes e cornija de pedra fina, e levantar-lhe a sineira. E assim ficará por concluir, pela má escolha e inconveniencia do local.

Igrejas e capellas ruraes

Igreja parochial de Santa Marinha da Costa

A um kilometro aproximadamente ao nascente de Guimarães, na meia costa da serra de Santa Catharina, assenta o antigo convento dos Jeronymos: mosteiro que primitivamente fôra dos conegos regrantes de Santo Agostinho, e que hoje é proprie-

dade particular, com excepção da igreja, que é a séde da freguezia de Santa Marinha da Costa. Fundado e largamente dotado pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, no anno mais provavel de 1154, foi doado aos conegos regulares de Santo Agostinho, que o possuiram pelo largo espaço de quasi quatrocentos annos, sendo seu primeiro prior o padre D. Mendo, um dos primeiros setenta e dous conegos do convento de Santa Cruz de Coimbra.

No primeiro quartel do seculo XVI, viviam aqui apenas tres conegos regrantes, completamente esquecidos da sua Regra, sem fazerem vida commum e repartindo entre si as rendas, que podiam sustentar vinte religiosos. Por estas e outras razões, allegadas ao pontifice Clemente VII pelo duque D. Jayme, IV na conta dos duques de Bragança e II e ultimo na dos de Guimarães, sendo padroeiro d'este convento e a instancias d'el-rei D. João III, que recommendou este negocio a D. Martinho de Portugal, seu sobrinho e então embaixador em Roma, baixou em 1527, com data de 2 de março, uma bulla, em que se ordenava a extincção dos conegos regulares de Santo Agostinho n'este convento, instituindo-se em seu lugar a Ordem de S. Jeronymo. O *exequatur* d'esta bulla, que principia *Ad hoc nos divina miseratio* e cujo original se guardava na gaveta 11 do cartorio d'este convento, veio confiado ao D. Prior de Guimarães, Sebastião Lopes, que fulminou a sentença da expulsão dos conegos em

Villa Viçosa, nos paços do reguengo do duque de Bragança, a 23 de novembro do mesmo anno.

Dous dias depois, entre o padre frei Jorge, procurador da Ordem de S. Jeronymo, professo em Belém, e o padre frei João de Braga, prior dos conegos regulares da Costa, ajustou-se, que o convento se obrigaria pelas suas rendas a dar annualmente para sustentação dos conegos expulsos a quantia de 34$000 reis; sendo 12$000 reis a frei D. João de Braga; 12$000 reis a frei D. João Affonso; e 10$000 reis a frei Alvaro Fernandes, por não ser sacerdote como os dous primeiros.

Em 27 de janeiro de 1528 tomou posse do mosteiro, em nome da Ordem de S. Jeronymo, o prelado superior da mesma Ordem, frei Antonio de Lisboa, mais conhecido por frei Antonio Moniz, o sabio reformador da Ordem de Christo, por diligencias d'el-rei D. João III. Foi-lhe dada esta posse pelo dr. João Lourenço, juiz de fóra de Guimarães; e serviram de testemunhas João Annes, Gonçalo Annes, Pedro Gonçalves e Sebastião Gonçalves, todos carpinteiros; assistindo á mesma, como representante da justiça, João Ribeiro, notario apostolico, assistente n'esta villa, e tabellião judicial em todo o seu districto. D'este modo ficaram os monges de S. Jeronymo, senhores d'este mosteiro — sendo seu primeiro prior o padre frei Innocencio de Evora, natural do appellido, professo em 1501 no mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, fundação do arcebispo d'Evora D. Vasco Perdigão em

1458, e confirmado no priorato a 23 de junho de 1529 — até á extincção das Ordens religiosas, que lhes fôra intimada em 31 de maio de 1834: com ordem expressa e geral de deixarem os seus conventos dentro de poucos dias, entregando as chaves da igreja e sacristia ao parocho da freguezia e as das casas e officinas ao corregedor da comarca.

Em Guimarães ficaram todos os conventos completamente abandonados em 9 de julho, por nova intimação do corregedor.

Não é da primitiva fundação o actual convento, que se vê agora voltado para Guimarães, com a galeria na linha e a sul da igreja. Toda a sua fabrica está accusando uma época muito mais recente, e de facto é como em seguida veremos; ficando-se desde já sabendo, que o mosteiro da fundação de D. Mafalda ficava poucos metros ao poente do actual: e ainda hoje d'elle existem notaveis reliquias, que são, em parte, as casas que actualmente servem de habitação aos caseiros que fabricam a cerca.

A igreja, com a frente de pedra, primorosamente lavrada, é ladeada por duas formosas torres — embora baixas em relação ao restante da fabrica — apresentando na base, cada uma em seu nicho, as estatuas de S. Jeronymo e de Santa Paula, foi principiada por iniciativa de frei José de Castro, natural de Lisboa, eleito prior em 25 e confirmado a 26 de setembro de 1748; ajustando esta obra e os pateos fronteiros por 15:500 cruzados.

Por variadas reformas e alterações passou esta

igreja, podendo dizer-se, que actualmente pouco resta do primitivo.

A capella-mór com uma bem architectada abobada apainelada foi, segundo tradição antiga, levantada por frei Belchior Mattoso, aqui prior desde 1628 a 1631; mas infelizmente tal abobada não acompanha a capella-mór até ao fundo, porque frei Alexandre de Jesus, de Santa Senhorinha de Basto, professo a 2 de abril de 1684 e eleito prior a 9 de junho de 1713, acrescentou á mesma capella 12 palmos de fundo, abrindo-lhe mais duas frestas, com o mau gosto de não continuar o tecto no mesmo estylo apainelado.

Frei José de Santo Antonio, professo a 17 de outubro de 1708, quando prior em 1725, mandou fazer o actual retabulo da mesma capella-mór — tendo como ajuda de custo 40 moedas, que as religiosas do Carmo deram pelo retabulo antigo — e fez esculpturar as duas imagens de S. Jeronymo Penitente e de Santa Paula, que ainda hoje se vêem aos lados do arco cruzeiro.

Aos lados do altar-mór veneram-se duas imagens em proporções naturaes: S. Jeronymo em habitos prelaticios e Santa Paula, sua irmã. São duas bellas esculpturas, dignas de todo o apreço. No corpo da igreja, que é elegante e espaçoso, ha quatro altares lateraes, além de mais dous por baixo do côro; sendo um d'estes dedicado ás Almas e o outro ao Bom Jesus do Monte da Costa, com irmandade modernamente installada.

Tanto a capella-mór como o corpo da igreja foram azulejados em 1748; do que hoje restam poucos vestigios.

No INSTRUMENTO DAS RELIQUIAS archivado no cartorio do convento, gaveta 11 n.º 18, constava que a igreja fôra sagrada antes da reforma, n'uma quinta-feira, 17 das calendas de agosto da era 1196, anno do Senhor 1158.

É a sacristia a mais magestosa de Guimarães e ladeada por largos gavetões de pau preto, que sustentam sobre si quadros a oleo sobre madeira, representando varias passagens da vida de S. Jeronymo. Foram mandados pintar por frei Chrispim da Conceição, prior em 1733.

A fachada principal do convento, voltada para Guimarães, a sul e na linha do frontispicio da igreja, foi mandada levantar por frei Antonio dos Serafins, natural de Barcellos, professo aqui a 9 de agosto de 1676 e eleito prior a 15 de fevereiro de 1701. Seguiu-a este desde a torre até a sexta janella, em cujo lugar estavam antigamente quatro cellas, das quaes a mais proxima á torre era a prioral — ficando reservada a gloria da sua conclusão, até á decima janella, a frei Diogo de Faro, prior em 1731, o qual igualmente mandou fazer o presepio do Nascimento de Christo, que se vê ao arco cruzeiro da igreja, do lado do Evangelho.

O dormitorio principal, que termina na formosa varanda, alpendrada sobre columnas, tendo ao centro um elegante chafariz abundante de gostosa agua,

foi principiado por frei Jeronymo de Barcellos, prior desde 1652 a principios de 1655; continuou-o depois frei Francisco de Barcellos, prior em 1670, addicionando-lhe o terceiro lanço frei Ignacio de Meirelles, desde 1673 a 1676. Em 1682 o prior frei Jeronymo dos Anjos fez-lhe a varanda do chafariz, *contra a vontade de toda a communidade*, que desejava prolongar o dormitorio ainda um quarto lanço; e finalmente lageou a varanda, collocou-lhe o chafariz e conduziu-lhe a agua frei Diogo de Santa Maria, professo a 5 de agosto de 1671 e prior em 1707.

Os formosos azulejos, que ainda hoje adornam este extenso e elegante dormitorio, bem como as escadas e sala contigua, — obra de frei Domingos do Rosario em 1679 — vieram de Lisboa, sendo prior frei Francisco de Santo Antonio, em 1745. Encommendaram-se quasi vinte e sete milheiros, pelo preço de 30$000 reis cada milheiro, posto a bordo, importando tudo, incluindo a collocação, um conto, mil e tantos reis. Este azulejo, destinado ao adorno d'uma casa religiosa, apresenta entre variadissimos desenhos, quadros da vida profana, que se gasta na ostentação e nas delicias. Os disticos allusivos, bem como os dos quadros da sacristia, foram feitos por frei Alexandre do Espirito Santo, natural de S. Romão d'Arões, filho de Nicolau de Arrochella e D. Leonor d'Almada, prior em 1736, e monge muito notavel pela summa facilidade com que compunha versos.

É a cerca muito amena e espaçosa, principalmente em mattas e bravios; e possue um grande lago redondo, e rodeado de assentos de pedra; lugar antigamente muito predilecto para as diversões dos monges, e obra do citado frei Alexandre do Espirito Santo. Tem esta cerca ainda varios tanques e fontes, das quaes por toda a parte se deslizam e correm as aguas por entre relvas e flôres.

A poucos passos do fundo da capella-mór vê-se um corpulento e secular carvalho, que se levanta do sólo em tres grossos troncos, um dos quaes já foi derrubado pelo tempo; e tem no pé nove metros e tanto de circumferencia. Chama-se a este gigante vegetal a *carvalha de D. Mafalda,* por se attribuir a sua plantação á época d'esta rainha. Outro carvalho igualmente secular e magestoso existe ainda n'um dos largos fronteiros á igreja. Deve-se a sua conservação ao intelligente vigario frei Francisco de Sousa, que energicamente se oppôz ao dono da *propriedade de Sant'Anna* — perto d'alli — que o quiz derrubar a 17 de outubro de 1836.

A 25 de julho, dia de S. Thiago, tem lugar aqui a chamada *romaria da Costa;* dirigindo-se em visita a esta igreja tres *rondas,* que conduzem em altos e garridos andores, das suas respectivas igrejas, as imagens de Santa Catharina da Serra, de Nossa Senhora de Attaes, e outra Senhora de Santo Estevão de Urgezes, além do andor de S. Thia-

go, que na despedida das *rondas,* ao fim da tarde, as acompanha até ao fundo dos grandes pateos, que descem da igreja.

Cada uma d'estas *rondas* traz comsigo uma musica marcial, e é acompanhada por numerosissimos romeiros, que de toda a parte, n'este dia, se dirigem á Costa, para gozarem das alegrias da festa e do aprazivel do local.

A irmandade das Almas, erecta na igreja d'este convento, possue ainda hoje, — e não sei se considera preciosidade valiosissima — um calix antiquissimo e notavel, que lhe adveio como credora dos monges Jeronymos.

É este calix de prata lavrada; e vê-se que o pé já fôra posteriormente soldado junto á base e ao copo. Tem d'altura 17 centimetros; de circumferencia no bordo do copo 52; e em volta da base 48; mostrando esta em relevo, dentro de circulos lavrados, tres leões e tres flôres intermeadas. A patena mostra gravada no centro uma mão com os dedos, maximo, indicador e pollegar estendidos, e os dous restantes curvados sobre a palma, em acção de abençoar.

Foi este calix dadiva da rainha D. Dulce, mulher de D. Sancho I, como consta da inscripção gravada em volta da base:

> † E ⁝ M ⁝ CC ⁝ XX ⁝ V ⁝ Rex ⁝ Sanci ⁝
> et Regina ⁝ Dulcia ⁝ offerunt ⁝ calicem ⁝
> istum ⁝ Sante ⁝ Marine ⁝ de ⁝ Costa ⁝

Ha ainda n'esta igreja, e em posse da mesma irmandade, outro calix muito mais moderno, mas de fórmas elegantissimas.

Acerca das escólas academicas, instituidas n'este notavel e historico convento, e dos monumentos que as comprovam, veja-se no 1.° volume d'esta mesma obra, debaixo do titulo COMMEMORAÇÕES ASSIGNALADAS a epigraphe *Escólas academicas da Costa.*

No tempo dos frades apresentava este mosteiro cinco igrejas, a saber: Costa, Santa Maria de Attaes, Santa Eulalia de Barrosas, Santa Maria de Pedroso, Santa Eulalia, a antiga de Monte Longo, hoje Fafe.

Capellas annexas da Costa

Gruta-Ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha

No môrro septentrional da serra de Santa Catharina, que se levanta a nascente de Guimarães, esconde-se entre penedias gigantescas a formosa gruta-ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha.

É ella formada de dous grandes penedos, um dos quaes lhe serve de parede do lado da Epistola,

compondo o outro o tecto e a parede do lado opposto.

Tem esta ermida, além do altar da Virgem, mais dous altares lateraes, com o pulpito; abarcando o seu ambito — afóra a sacristia — oito metros de comprimento, tres e oitenta centimetros de largura, e tres e vinte d'altura média.

Esta gruta notavel e original, apesar de já alterada nos seus lineamentos primitivos, foi aproveitada para tal fim, e dedicada á Virgem do Carmello, por um piedoso ermitão italiano, chamado Guilherme, da Ordem de Santo Antão, o qual chegou a estes desertos em setembro de 1702.

Foi visitada esta ermida pelo arcebispo de Braga, D. José de Bragança, a 2 de dezembro de 1748, repetindo-se nova visita a 31 do mesmo mez e anno.

Junto da ermida, e ainda sobre o montão enorme de rochedos, está uma pequena casa, hoje chamada a *casa da Senhora,* mas que em 1766 era humilde hospicio de monges carmelitas, então presididos pelo padre frei Joaquim de Santo Elias.

Esteve a ermida e a casa quasi desprezada por alguns annos: e hoje teria de certo desapparecido em ruinas, se alguns devotos vimaranenses em 1870, não tomassem a seu cuidado a restauração e o embellezamento d'aquelle pittoresco local.

Effectivamente ajudados das esmolas e donativos d'outros vimaranenses, conseguiram restaurar completamente a ermida e a casa; e construiram

mais tres *passos*, dedicados á Virgem; sendo o primeiro d'estes que se levanta no mais alto do monte, e allusivo á coroação da Virgem, solemnemente benzido a 23 de julho de 1871; o segundo, da Assumpção, benzido a 21 de julho do anno seguinte; e o terceiro em igual mez de 1873.

Em 1880 levantaram os mesmos devotos, sobre os rochedos da ermida e entre formosos terraços, mais uma capella, que destinam a *relicario*, ficando concluida a 18 de julho de 1881, dia destinado para a sua benção; a qual se não realisou por motivos imprevistos.

Ainda os iniciadores d'estes melhoramentos não arrefeceram no seu empenho: e é muito de esperar que aquella pittoresca montanha, uma das mais formosas e imponentes do Minho, sirva no correr dos annos de base a um santuario digno da Virgem, a quem a gruta fôra dedicada.

Para miudas informações a este respeito, veja-se um opusculo do author d'estes escriptos, com o titulo: LOCAL E GRUTA-ERMIDA DE NOSSA SENHORA DO CARMO DA PENHA, publicado na typographia Vimaranense em 1873.

Capella de Santa Catharina

Esta humilde e pequena capella, obra talvez de pobrissimos pastores, esconde-se entre penedias, no

ponto mais levantado da serra, a que déra nome, ao sul da Penha, e é, como esta, ainda pertença da freguezia de Santa Marinha da Costa.

N'outros tempos era fabricada pelos frades da Costa, que n'ella apresentavam um ermitão, e satisfaziam ás necessidades do culto. Hoje é administrada por uma irmandade, com a invocação da santa, instituida em 1738.

Acha-se a capêlla quasi em ruinas, principalmente no que diz respeito a altares e telhados, cujo estado não consente que a santa padroeira alli fique todo o anno. Guarda-se esta na igreja da Costa; e só recolhe á sua morada na vespera de S. Thiago, 24 de julho, para no dia seguinte voltar conduzida em *ronda,* como vulgarmente se chama a procissão que a conduz.

Ha de notavel n'esta capella um formoso pulpito portatil, de talha antiga e em fórma de calix, traste provavelmente pertencente ao antigo convento da Costa.

A pyramide geodesica d'esta serra, levantada poucos metros a norte da capella, tem sobre o nivel do mar a altitude de 617 metros — 616^{m},98. — É este o magnifico local escolhido, pela commissão promotora d'um monumento a Pio IX, para assentar tal obra, que se projecta grandiosa.

Capella de S. Roque

Está situada a pequena e humilde capella de S. Roque nos limites da freguezia de Santa Marinha da Costa, nas fraldas da serra de Santa Catharina, fronteira a Guimarães, d'onde dista pouco mais de um kilometro.

É incerto o tempo da sua fundação; mas consta que nos terrenos que em volta d'ella se estendem, estivera no principio do seculo XVI um cemiterio publico, onde eram sepultadas as victimas da peste, que dizimava então os habitantes de Guimarães; muitos dos quaes se refugiaram n'esta saudavel estancia, nos annos de 1507 à 1509, procurando assim evitar o contagio.

É provavel que n'essa época já se venerasse alli a imagem de S. Roque, que ainda hoje é tido como advogado contra a peste, costumando a sua imagem ser conduzida d'alli em procissão de penitencia para a igreja de S. Francisco de Guimarães, por occasião de iguaes epidemias.

Esta capella, que nada tem de notavel, serve ás festividades do seu padroeiro e da Senhora das Mercês, promovidas por devotos, na falta d'uma confraria ou irmandade.

Igreja parochial de S. Miguel de Creixomil

Ao poente de Guimarães, e a breve distancia entre verdejantes e extensas campinas, alveja a parochial igreja de S. Miguel de Creixomil, que é uma das ruraes da cidade.

É esta igreja de construcção moderna, sendo concluida em 1854 e interiormente pintada e dourada em 1865.

Tem actualmente a porta principal voltada para o norte e a torre do lado poente, completamente separada da igreja.

Levantam-se no interior quatro altares, separados da capella-mór por um arco de pedra. D'estes altares foram modernamente restaurados os dous do lado do Evangelho.

Antes d'esta igreja tinha a freguezia, outra pequena e pobre, no sitio da actual; mas estava em condições tão mesquinhas, que ainda não tinha sacrario no primeiro quartel do seculo XVIII. Impedida algumas vezes pelo desacato dos ladrões que a assaltavam — como na noite de 19 de dezembro de 1840 — e ultimamente pelo seu estado de ruinas, servia de igreja parochial a capella da Senhora da Luz, de que dou a descripção em lugar opportuno.

Na face exterior da parede da capella-mór, no lado occidental, está embutida uma lapide romana,

que antigamente estava no chão, n'aquelle mesmo local, e diz:

IVLIAE
AVITAE
NIGRI
SEMPRO

Não vejo conhecida dos archeologos esta inscripção, que julgo incompleta, devendo talvez faltar-lhe na primeira linha a conhecida *sigla* D. M. — *Diis Manibus* — e uma letra no fim da terceira, que seria um F. — attento o espaço em branco e o nome proprio da linha final, a que devia seguir-se alguma ainda complementar da mesma inscripção, com a *sigla* ao menos F. C. — *Fieri Curavit.*

Dir-se-hia assim n'esta lapide: *Aos Deuses Manes de Julia Avita, filha de Nigro, Sempronio... mandou erigir.*

De Nigro, como nome proprio, temos um *specimen* em Contador d'Argote nas MEMORIAS DE BRAGA, tom. I, pag. 157, n.º 255, na inscripção que se copía alli errada, como epigraphicamente o prova o nosso illustre amigo e mestre dr. Pereira Caldas, em folhetins do periodico politico *A Regeneração,* publicado na capital do Minho.

No *Sempronio* da inscripção de Creixomil, póde alludir-se a *marido de Julia Avita,* assim como a outra pessoa qualquer, de que é hoje impossivel a decifração, attento o estado incompleto da lapide.

De *Sempronios* e *Sempronianos,* assim como de

Nigros e *Nigrinos*, além de *Nigerios*, não é escassa a epigraphia romana da nossa peninsula.

De *Avitos* e *Avitas*, não são tambem poucas as inscripções lapidares, tanto em Portugal como na Hespanha. A familia dos *Avitos* — diz Argote nas MEMORIAS, tom. I, pag. 250, n.º 410 — era sem duvida mui dilatada em Braga; pois quando os barbaros entraram em Hespanha, nos consta existiam alli muitas pessoas principaes do nome d'esta familia.

A esta antiga igreja de S. Miguel de Creixomil — então ainda *ermida* — vinha a primeira das tres procissões, que o clero e povo da villa instituiram em voto a Deus para aplacar os estragos de uma grande peste, que assolára Guimarães desde 1507 a 1509.

O padre Torquato d'Azevedo, nas suas MEMORIAS, refere d'este modo o caso:

« Ficou esta villa tam despovoada naquella occasião, que dentro d'ella não ficou couza vivente. E para Deus Nosso Senhor applacar tam grande flagello lhe offereceo o povo trez dias de Ladainhas, a primeira da Real Collegiada a S. Miguel de Creixomil, a qual é acompanhada do cabido, camara, e clero, e povo; e chegando a esta ermida se canta a missa que a egreja tem para applacar o dito mal, e acabada a missa voltam em procissão para a Real Collegiada. Antigamente iam deante d'esta procissão muitos homens com bandeirinhas em umas varas compridas, dançando e cantando:

« S. Miguel de Creixomil,
Dai-nos favas, e perrichil.
Castanhinhas témol'as nós.
Senhor Deus ouvi-nos a nós.
Santiago que de Christo apostolo és,
Magdalena roga por nós,
E rogai a Deus por nós.

« D'esta antiguidade se não uza já: pois se tiraram aos povos muitas ridiculas de que uzavam, e a procissão se mudou para o mosteiro de S. Domingos, aonde vae todos os annos na segunda feira, antes do dia da Ascenção ».

« No segundo dia de Ladainhas costumava ir a procissão á capella de S.^to^ André — *de que hoje não ha vestigios* — que dista da villa um tiro de mosquete para o vendavel, a qual teve hospital, de que cobram os foros os confrades da Senhora do Ó, e o hospital se extinguiu passando os fóros para o hospital do Anjo. Tambem se mudou a procissão d'esta capella para o mosteiro de S. Francisco, aonde vae todos os annos.

« A terceira procissão era a mais penosa, pois iam todos os sobreditos ao mosteiro de S. Torquato, que dista da villa para nascente uma legoa, pelo que d'elle se fizeram tres mudanças: a primeira para Nossa Senhora Mãe de Deus, cuja capella fica no meio do caminho. A segunda para a capella do Salvador do Mundo, — *ficava no Campo de D. Affonso Henriques* — e a terceira para o mosteiro das

freiras de Santa Clara: aonde todos os annos continua em vespera da Ascenção.

« Quando o povo da villa se quiz recolher a suas cazas por estar applacado o contagio da peste, primeiro enchêram a povoação por alguns dias dos gados dos contornos, para que com seu bafo sanassem as partes infeccionadas ».

A respeito d'outras epidemias, que por vezes grassaram em Guimarães, nos dá noticia o mesmo padre Torquato d'Azevedo nos seguintes termos:

« Em 1575 houve nesta villa tão grande doença desde Abril até Agosto, que só na villa, e arrabaldes morreram passante de duas mil pessoas, e no termo cinco mil, e diz o jurisconsulto Manoel Barboza, que isto succedera nos seus tempos, e que já não havia nos adros das egrejas lugar onde se podessem enterrar os corpos dos defuntos, e que este contagio se seguira de uma grande fome no anno de 1514, em que tambem morreu muita gente á fome, e por maus mantimentos se seguiu este contagio nos povos.

« Outra peste houve nesta villa em 1595, que durou trez mezes, e não foi grande a mortandade pela muita cautella: por quanto apenas morreram os primeiros feridos do mal, logo pozeram guardas em suas casas, e habitações, e nas portas da villa, e se sahiram della buscando cada qual o melhor retiro para poder escapar ao ameaço da morte. A gente que ficou na villa se vestio de bocavim, e queimou muitos perfumes, com que se defenderam:

os serviços da gente da villa, e dos de fóra se obravam com cautellas por pessoas conhecidas, não entrando uns, nem sahindo os outros, por quanto eram impedidos pelos guardas das portas, os quaes eram as pessoas mais qualificadas, e assim com esta cautella permittiu Nosso Senhor não fosse o damno tam grande como nas passadas, cujos damnos vivem na memoria dos presentes ».

Em 1489 e por igual motivo, outra procissão singularissima se instituiu em Guimarães; como dizemos no 1.º volume d'esta obra, sob a epigraphe *Procissões e actos solemnes da camara*, pag. 364.

Capella da Senhora da Luz

Situada no lugar do Miradouro, annexa á freguezia de S. Miguel de Creixomil, fica voltada para poente n'um outeiro eminente á estrada de Villa Nova de Famalicão. Tem sobre a porta principal uma alpendrada, e n'esta o pulpito.

Era d'antes fabricada pelo cabido da collegiada, que se julgou exonerado d'este encargo pela devoção dos fieis que veneram a padroeira com festejo proprio a 2 de fevereiro de cada anno; havendo por esta occasião uma romaria bastante concorrida pelos visinhos.

Vão alli pelo correr do anno varias procissões da igreja de S. Miguel; e por varias vezes esta ca-

pella tem servido aos usos da parochia, no impedimento da matriz, umas vezes interdicta por sacrilegos roubos, outras quando impedida por causa de obras.

Igreja parochial de Santa Eulalia de Fermentões

Assenta esta igreja na ultima vertente do alto de *Penna de livre* ou *Pennalivre,* 2 kilometros a norte de Guimarães, e conta 215 fogos, sendo n'outro tempo vigariaria da apresentação dos D. Priores da collegiada, que recebiam as primicias do vinho, com obrigação da fabrica da capella-mór.

A primitiva igreja matriz d'esta freguezia, ficava situada 60 metros a nascente da actual, n'um terreno, hoje olival, pertença do casal do Assento, a que ainda hoje alguem chama a *igreja velha.*

Não póde bem designar-se a data da fundação da igreja actual, é todavia provavel que tivesse lugar pelo meado do seculo passado, pois que no livro dos capitulos d'esta freguezia, a fl. 3, se acha um termo de visita feita pelo D. Prior Domingos de Portugal e Gama, aos 30 de junho de 1770, em que se lê: «Achamos esta egreja toda feita de novo com toda a decencia e provida dos paramentos necessarios, louvamos muito ao reverendo parocho o zelo com que tem concorrido para a pôr no estado em que se acha». Porém só o altar da capella-mór accusa esta data, porque os quatro lateraes do

corpo da igreja são de talha moderna e d'este seculo. Eis a razão: Na noite de 21 de setembro de 1841, os ladrões com o intento de entrarem no cofre, onde se guardavam pratas e joias das irmandades, aqui erectas, incendiaram propositadamente a igreja, sendo todo o corpo d'ella devorado pelas chammas, que apenas respeitaram a capella-mór. Além das testemunhas vivas que ainda existem de tal sacrilegio, duas ainda restam, mudas mas accusadoras; são duas imagens que foram de Santo Antonio e da Senhora das Dôres, que se guardam carbonisadas no fundo da torre, que se levanta á esquerda da igreja, completamente separada d'ella.

Em virtude d'este desacato foi o SS. Sacramento trasladado para a capella da Senhora da Conceição, que então serviu de matriz á freguezia por espaço de seis mezes.

Ha n'esta igreja de Santa Eulalia as seguintes irmandades: das Almas, com estatuto approvado a 25 de fevereiro de 1793; de Santo Antonio, com estatuto approvado em 1674; da Senhora do Rosario, que já existia em 1650; a confraria do SS. Sacramento, com estatuto approvado em 1870.

Esta freguezia é atravessada pela nova estrada de Braga, desde Fervenças a Toriz, e pela velha desde a Conceição á Veiga de Fóra, e pelo rio de Selho desde a ponte de Minotes á das Pedras Alveiras, onde principia a freguezia de S. Miguel de Creixomil. Além das pontes referidas ainda o Selho n'esta freguezia passa as pequenas pontes: nova de

Caneiros, velha de Caneiros, Selho, Pinguella e Covilham.

Igreja parochial de S. Pedro d'Azurey — vulgarmente Azurem

Foi na sua primitiva fundação um antigo curato da apresentação dos D. Priores da collegiada de Guimarães, que mais tarde o cederam aos conegos da mesma collegiada, do modo e pelos motivos seguintes, como relata o padre Torquato d'Azevedo:

«... foi este Padrão — o de nossa Senhora da Victoria, fronteiro á collegiada — algum dia fechado de grades de pau fortes, e dentro d'ellas ao pé da santa cruz, estava uma bacia fechada com cobertura de ferro, que se fechava á chave, e dentro se botavam as esmolas dos devotos que vinham de romaria, as quaes eram da repartição do cabido, e de muito rendimento. Como o natural d'ambiciosos se não dá nunca por satisfeito com o que possue, e aspira a maiores haveres, e se agrada mais do alheio que do proprio, assim o mostraram os priores d'esta collegiada, que levados de ambição nos lucros do cabido, nas esmolas lançadas n'esta pedra, as quaes excediam o rendimento dos dizimos da sua igreja de S. Pedro d'Azurey: fizeram com o cabido uma escriptura de contracto em que lhes largaram o rendimento d'esta igreja pelo da dita pedra das esmolas, as quaes acabaram com a devo-

ção, e ficaram os priores perdendo, e o cabido interessou na igreja que lhe deram, que passa de render duzentos mil reis, e o Padrão só serve para assento de conversações».

Assim ficou sendo esta igreja da apresentação annual do cabido, que fez uso de tal direito até o S. João de 1833.

Pelos annos de 1820, recusando-se os conegos a fornecer o azeite necessario para a alampada do sacrario, ficou esta igreja despojada do Santissimo Sacramento por espaço de dous annos, que se gastaram em dispendiosas questões entre os freguezes e os conegos padroeiros. Até que emfim, pelas diligencias de Gaspar Leite d'Azevedo, fidalgo da casa do Salvador, no terreiro do Cano, hoje campo de D. Affonso Henriques, conseguiu a igreja a appetecida posse do Santissimo, desde 14 d'agosto de 1822. Por tal motivo houve aqui n'este dia pomposas solemnidades com procissão, vindo prégar o abbade de S. Salvador do Pinheiro.

É esta igreja pobre e humilde na sua construcção, dividindo a capella-mór do corpo da mesma igreja um arco de pedra, e tendo altares lateraes dedicados á Senhora do Rosario, Almas, S. Roque e Senhora da Luz. Passou por varias restaurações augmentando-se-lhe a área e a altura, e ultimamente, já no tempo do actual parocho Francisco José Vieira, experimentou novos melhoramentos, sendo talvez o mais importante o alargamento do adro, que fechado com suas grades e portão de ferro serve

actualmente de cemiterio parochial, que não tinha.

O povo d'esta freguezia ainda hoje satisfaz os seguintes antiquissimos votos ou *clamores:* domingo de Paschoella a S. Torquato; dia da Ascensão a Nossa Senhora do Monte, na freguezia de Serzedello; 11 de julho, se fôr n'um domingo, ou depois no primeiro domingo, ás capellas de Nossa Senhora da Conceição, Santa Luzia, Salvador — da qual não ha vestigios, mas era no campo de D. Affonso Henriques — terminando o *clamor* d'este dia na capella de Nossa Senhora da Madre de Deus.

Ficava n'esta freguezia, segundo a opinião do padre Carvalho na sua «Corographia» uma torre, solar dos Peixotos, que procedem de Gomes Peixoto o Velho, que se entende ser filho de D. Egas Henriques Portoçarreiro.

Capella de Nossa Senhora da Madre de Deus

Foi fundada pelo conego Gonçalo Annes — como consta do seu testamento, feito a 28 de setembro de 1540, e lançado no livro d'elles a folhas 426 v., no cartorio do cabido — com a obrigação de missa cantada e outros encargos, que a curaria da collegiada era obrigada a satisfazer.

Situada na freguezia de S. Pedro d'Azurem, na margem do lado léste da estrada de S. Torquato, fica a pouca distancia a nordeste da cidade.

Era n'outros tempos annexa — em virtude da sua instituição — ao morgadio de Philippe de Sousa Carvalho, fidalgo e cavalleiro da Ordem de Christo, alcaide-mór de Villa Pouca d'Aguiar. Tinha antigamente a porta principal, voltada a poente, defendida por uma alpendrada sobre columnas de pedra. Hoje é administrada por uma irmandade, installada em 1793; e festeja-se a sua padroeira, ordinariamente no segundo domingo depois de Paschoa, havendo de tarde arraial, que pela commodidade do passeio e belleza do local, costuma ser bastante concorrido pelos visinhos e habitantes de Guimarães.

Nossa Senhora da Conceição

Filial da parochia de S. Pedro d'Azurem, está situada esta capella n'um lugar eminente, a breve distancia da cidade, a norte, com a porta principal a poente, coberta d'uma alpendrada com columnas de pedra, tendo na primitiva mais duas portas lateraes.

Tem esta capella tres altares de talha antiga, e orgão na capella-mór; sendo o orgão restaurado em 1880. As paredes interiores são forradas a azulejo historiado, vindo expressamente d'Italia; e os tectos, traçados em gavetões de bella e custosa talha.

Festeja-se aqui a padroeira a 8 de dezembro, com precedencia d'uma novena, promovida e feita

quasi sempre pelos estudantes e devotos de Guimarães.

Possue a Senhora em volta da sua capella alguns terrenos cultivados, e uma casa, chamada *a do ermitão,* o qual n'ella vive e recebe as esmolas; pelas quaes trata da capella, e manda celebrar uma missa em todos os sabbados do anno.

Era antigamente esta capella do padroado da collegiada, sendo o cabido obrigado á fabrica.

Pelo sacrilegio commettido pelos salteadores na noite de 21 de setembro de 1841, arrombando e incendiando a igreja parochial de Santa Eulalia, com o intento, mal succedido, de roubarem um cofre com a quantia de 600$000 reis; serviu esta capella por algum tempo de matriz á mesma freguezia: vindo para ella o Sacramento em procissão solemne a 22 do mesmo mez.

Esta capella, que em tudo revela o zelo religioso dos nossos antepassados, tinha em 1601 muitas indulgencias concedidas pelo pontifice Clemente VIII. No largo fronteiro levanta-se um modesto cruzeiro de pedra com a data 1580.

Igreja parochial de Santo Estevão d'Urgezes

Perto de dous kilometros a sul de Guimarães fica esta igreja, antiga fundação do cabido da collegiada, que a elevou a vigariaria da sua apresentação. Não pude averiguar o anno de tal fundação,

porque nos livros velhos d'esta igreja apenas colhi noticias sem importancia desde 1709. São d'esta época os cadernos, em que se lavraram as obrigações dos vigarios e os titulos das sepulturas, etc.

Consta igualmente, que no principio d'este seculo, em 1815, estava a primitiva igreja completamente reduzida a um estado de ruinas, exercendo-se por isso, e por largo tempo, o munus parochial na capella da Senhora dos Remedios, da qual em seguida darei noticia.

Não sei por quanto tempo se prolongou este impedimento da antiga matriz; é todavia certo que a edificação do novo e actual corpo da igreja principiou a 21 de junho de 1826, por meio d'esmolas dos freguezes, proprietarios de fóra e cabido, sendo vigario José Martins Gonçalves, que deixou esta noticia escripta. Em outubro de 1830 fez-se segundo peditorio para a continuação das obras, que se achavam quasi em meio, e que depois foram correndo desde 11 de julho de 1831, debaixo da direcção do mestre pedreiro Francisco Franco. Por falta de meios ainda tal obra parou em junho do anno seguinte, ficando só concluida de pedra em 1839.

É esta igreja d'uma architectura lisa e modesta, servindo ainda hoje de torre a um unico sino um simples apparelho de madeira. Tem o corpo da igreja, dividido da capella-mór por um arco de pedra, tres altares lateraes, dedicado um ao Santissimo Coração de Maria, outro á Senhora do Rosario

e o ultimo ao Senhor das Chagas. Ha aqui erectas as confrarias da Senhora do Rosario e de S. Sebastião.

Desde tempos remotos estavam os naturaes d'esta freguezia, por votos feitos a Deus em occasião de calamidades publicas, sujeitos aos seguintes *clamores,* alguns dos quaes ainda hoje vigoram: No primeiro domingo de janeiro iam em procissão com ladainhas, e de cruz alçada, acompanhados do vigario, á capella de Santa Catharina, na serra, a que esta virgem dera o nome; a 25 de março á Senhora do Monte, no monte conhecido por este nome; segunda-feira de Paschoella ao Salvador do Mundo — provavelmente a antiga e já derrocada capella do Campo, hoje, de D. Affonso Henriques; no segundo dia das ladainhas de maio a S. Pedro d'Azurem; no dia da Ascensão á Senhora do Monte; a 26 de junho a S. Payo de Guimarães; a 29 do mesmo a S. Pedro de Polvoreira; a 24 d'agosto a S. Bartholomeu; e finalmente a 2 de setembro a Santo Antonio.

Capella de Nossa Senhora dos Remedios

Assenta esta capella poucos metros a distancia da margem oriental da estrada, que sahe de Guimarães para Vizella, a sudoeste da igreja matriz de Santo Estevão d'Urgezes, á qual é annexa. Tinha antigamente esta capella a porta resguardada por um

alpendre, que pousava na frente em duas columnas ou esteios de pedra, e era administrador d'ella em 1709 Bento Soares, morador na villa de Guimarães, sendo obrigado a pagar para a fabrica d'ella dous vintens em cada anno e a mandar dizer aqui, tambem annualmente, 30 missas rezadas e uma cantada. Esta capella, de que fallo, foi ultimamente, pelo seu estado de ruinas, completamente reparada desde os alicerces pelos exc.mos Coutos da casa do Campo da Misericordia, que me parecem ser na actualidade os seus administradores.

Depois de assim restaurada foi benzida e restituida ao culto publico no anno de 1868.

Capella e oratorio do Senhor das Pedrinhas

Um pouco abaixo da capella de S. Roque da Serra, mas já nos limites da freguezia de Santo Estevão d'Urgezes, veio em tempos remotos habitar um piedoso ermitão, construindo para seu gasalhado uma pequena casa terrea, em breve convertida em escóla de doutrina christã, frequentada pelos camponezes visinhos, e por algumas crianças de Guimarães, que seus paes confiavam a esse virtuoso ermitão.

Aqui viveu este por alguns annos, tendo mais tarde por companheiro o caritativo padre Francisco Ferreira, que procurára tal convivencia, levado da fama de tantas virtudes.

Por morte do velho ermitão veio a este padre ajuntar-se outro, chamado Leandro Corrêa, e foram estes os fundadores do oratorio do Bom Jesus do Calvario, vulgarmente conhecido por Senhor das Pedrinhas. Instituiram por padroeiro d'este oratorio a D. Francisco de Sousa, terceiro conde do Prado e primeiro marquez de Minas, para que este, depois da morte dos fundadores e ainda d'um outro padre, que a este tempo se lhes havia juntado, apresentasse capellão, que segundo a intenção dos mesmos fundadores alli celebrasse missa quotidiana — para o que legaram sobejadas rendas.

Perto do oratorio, alguns passos a sul, levantaram uma modesta casa de habitação; e junto d'esta uma capella dedicada ao Senhor da Cana Verde: e ajardinando, como puderam, os terrenos visinhos, transformaram por suas mãos a aridez, e o alcantilado da serra, em ameno e alegre eremiterio.

Era este fechado por um muro baixo, no grosso do qual abriram uns pequenos nichos, que converteram n'outras tantas capellinhas, onde se viam os passos da Paixão de Christo, com outras devotas imagens, todas esculpturadas em barro pelo padre Francisco Ferreira.

Por morte do padre Leandro, principiou Francisco Ferreira a entregar-se á contínua pratica da mais viva caridade christã. Duas vezes por semana deixava a paz, e o silencio do seu feliz eremiterio; e descendo á villa, percorria as ruas, pedindo em alta voz *esmola para os presos da cadêa pelo*

amor de Deus; indo alli depois repartil-as pessoalmente.

Mas algum tempo depois, ou porque este trabalho o cançasse; ou certo, que por sua morte não ficaria outro que o substituisse; celebrou um contracto com as freiras de Santa Clara, em que estas se obrigaram a mandar todos os dias ás cadêas da villa cinco cantaros d'agua, e uns tantos alqueires de pão, os quaes deviam ser igualmente repartidos pelos encarcerados.

No correr dos tempos, passou este eremiterio, já com alguns terrenos cultivados, para a fazenda nacional: a qual em 1876 o vendera em hasta publica á viscondessa de Roriz, que principiára aqui algumas obras; e restaurando igualmente a capella, foi esta benzida e restituida ao culto a 23 de junho de 1879, havendo alli no dia seguinte missa cantada, sermão e *Te-Deum.*

Em 1878, quando se tratava da restauração da capella junto á casa, debaixo dos entulhos do pavimento, defronte do altar, que tem hoje tambem a imagem da Virgem da Soledade em barro, appareceram, a par uma da outra, as sepulturas dos fundadores com duas tampas de pedra, nas quaes se lê o seguinte:

S. Do Padre Francisco Ferreira. 1654.	S. Do Padre Lean- dro Cor- rea. 1654.

O oratorio do Bom Jesus do Calvario, e vulgarmente e do Senhor das Pedrinhas, assim como a casa e capella do antigo eremiterio, ficam, como já disse, situadas nos limites da freguezia de Santo Estevão d'Urgezes, suburbana da cidade.

Oratorios e cruzeiros

Oratorios

Posto que estes modestissimos monumentos religiosos nada tenham d'importantes, nem pela arte nem pela historia, vou ainda assim offerecer d'elles uma rapida noticia, como honrosa commemoração d'esses humildes padrões, que ainda hoje attestam a indole religiosa dos nossos maiores.

Não sigo n'esta parte a ordem chronologica, mas antes a alphabetica, por ser desconhecida a maior parte das épocas das fundações.

Oratorio do Senhor dos Afflictos, na rua dos Terceiros, de S. Francisco. Fica encostado a umas casas da viuva D. Antonia de Sousa Gonçalves e foi erecto por iniciativa dos devotos Jeronymo José d'Abreu, louceiro, e sua mulher, os quaes para tal fim promoveram uma subscripção. É consagrado ao Senhor dos Afflictos, imagem de Christo pregado

na cruz, tudo de marmore branco, esculpturado no Porto por 45$000 reis. Foi solemnemente benzido pelo abbade de S. Sebastião no dia 10 de novembro de 1867. Tem luz d'azeite em todas as noites do anno e nos dias santificados.

Oratorio do Senhor da Agonia. Fica no alto da travessa do Picoto, e é uma pequenina capella de pedra lavrada, com a frente encimada por uma cruz. Tem a porta voltada a nascente, e foi dedicado ao Senhor da Agonia, que é um crucifixo de madeira em tamanho menos que natural. Não encontrei memoria da sua fundação.

Oratorio do Senhor da Agonia, na rua de Santo Antonio. É um pequeno nicho com porta, encravado na casa n.º 48 a 54 e dedicado ao Senhor d'este titulo. Uma das casas fronteiras tem imposta a obrigação de lhe fazer arder luz d'azeite, durante o anno; mas não vejo que tal se cumpra. Ignoro a sua fundação.

Oratorio do Senhor do Amparo. É um pequeno nicho de pedra com a frente de tabique, sobre uma base de pedra lavrada, collocado n'um estreito recinto com grades de madeira, a nascente do campo de D. Affonso Henriques, entre as casas n.º 34 e 35. Antigamente estava levantado no largo, sobre um pequeno outeiro e tinha na frente uma cruz de pedra com alguns instrumentos da Paixão lavrados

na mesma. Esta cruz ainda hoje está ao lado direito do oratorio, e tem na base a era de 1779, que não sei se seria o anno da fundação primitiva. Foi restaurado em nossos dias por devoção d'um particular.

Oratorio de Santo Antonio, nos Capuchos, hoje fim da rua Nova de Santo Antonio. É uma pequena capella de pedra com a porta voltada a nascente e recebendo luz por um *oculo* sobre a mesma porta e por mais duas pequenas janellas lateraes. É dedicada ao santo, que lhe dá o nome, e que se venera no seu modesto altar, tendo aos pés um curioso presepio do nascimento de Christo. Fica a facear com a parede, que fechava a antiga cêrca dos frades capuchos, a quem se deve a sua fundação em anno incerto.

Oratorio do Senhor da Boa Esperança e Boa Sentença, na rua de Villa-Flôr, n'outro tempo rua de Relho; ignora-se a fundação. Teve uma restauração em 1754, promovida pelos habitantes da rua, e ultimamente outra em maio de 1875, por iniciativa de Luciano Joaquim da Costa, coadjuvado pelos visinhos e outros devotos. Depois d'esta foi solemnemente benzido a 4 de junho do mesmo anno.

Oratorio do Senhor do Bomfim, na rua da Alegria — antigamente Cruz da Pedra. — Fica encravado este pequeno oratorio n'uma das casas d'aquel-

la rua, quasi fronteiro á *Meia Laranja,* que domina as campinas de Creixomil. Foi feito, segundo a tradição, ha mais de 120 annos por devoção d'um João Teixeira, oleiro, que o dedicou á imagem de Jesus Christo crucificado, com o titulo do Senhor do Bomfim. Em 1864 foi restaurado por alguns devotos, e depois d'isto benzido a 16 de julho do mesmo anno.

Oratorio do Senhor Bom Jesus, na rua da Caldeirôa, dedicado desde tempos antigos ao Senhor d'esta invocação, que é um crucifixo de madeira, em tamanho natural. É imagem de muita devoção não só para os moradores da rua, mas tambem para os que por ahi passam habitualmente, recebendo por isso esmolas em dinheiro, azeite e cera. Tem luz d'azeite dia e noite.

Oratorio do Senhor dos Desamparados, na rua Nova do Commercio. *Esta devosão mandarão fazer os moradores d'esta rua anno de 1712;* é a inscripção que se lê na pedra, que fórma o altar d'este oratorio dedicado á imagem de Jesus Christo crucificado, debaixo do titulo acima. Foi construido em terreno pertencente ao antigo proprietario dos predios fronteiros, que para tal fim o cedeu gratuitamente. Restaurado pelos moradores da rua no anno de 1879 é para os mesmos objecto de muita devoção, tendo luz d'azeite todas as noites.

Oratorio do Senhor da Liberação, na rua de Camões, antigamente rua das Oliveiras; estava n'outro tempo collocado mais aó centro da rua sobre uns rochedos, ou lages — que tambem deram o nome ao sitio —passando entre elle e a casa, onde actualmente encosta, uma estreita viella. Foi mais tarde retirado para o encosto da primeira casa abaixo do tanque a expensas d'um major de milicias, d'alli visinho. Tem um crucifixo de madeira, quasi em tamanho natural, que foi em 1866 encarnado de novo, e conduzido para ahi processionalmente da igreja de S. Sebastião. A devoção dos visinhos faz-lhe arder todas as noites uma alampada com luz de azeite.

Oratorio do Senhor da Piedade, na rua de Villa Verde, antigamente rua d'Além do Rio de Couros, foi erecto em 1866 por Christovão. José Fernandes e Silva na parede das suas casas voltada para a dita rua. Tem luz d'azeite todas as noites por devoção do seu instituidor. Antigamente havia fronteira á mesma rua uma cruz de madeira com o Senhor da Liberação pintado a oleo; mas como estorvava um pouco a passagem n'aquelle ponto, foi mudada para defronte das casas de Christovão da Silva, que notando ainda a inconveniencia do local a substituiu pelo actual oratorio, sendo o antigo crucifixo levado para a igreja de Matamá.

Oratorio do Senhor da Piedade; fica situado

n'um pequeno largo, entre a rua das Hortas e a da Costa. A fundação é de tempo incerto, por não poder averiguar-se. Foi reformado em 1880 por devoção dos visinhos, e depois de restaurado, benzido a 25 de julho do mesmo anno. Tem no centro a imagem de Jesus crucificado e aos lados a Virgem e S. João Evangelista, sendo todas estas imagens em tamanho menos que natural.

Oratorio do Senhor dos Remedios, no largo do Trovader — antigamente do Pelourinho. — Era na sua origem um simples telheiro pousando na frente em duas columnas de pedra e sustentado ao fundo por uma parede de pedra, forrada por dentro de madeira, em que se viam pintadas as imagens de Nossa Senhora e S. João e no centro uma cruz igualmente de madeira com um Christo pintado. Mais tarde foi todo fechado com paredes de taipa, abrindo-se-lhe na frente uma porta d'arco. Ultimamente, em 1875, os moradores do largo mandaram levantal-o de pedra desde os alicerces e collocaram n'elle as imagens de Jesus Christo crucificado, Nossa Senhora e S. João.

Oratorio do Senhor dos Passos. Fica ao nascente da rua de Santa Luzia, na embocadura da travessa do Picoto, e é um pequeno oratorio de pedra, dedicado á imagem do Senhor dos Passos, que alli se venera. Consta-me ter sido feito por iniciativa

dos moradores visinhos, sem poder averiguar a época.

Oratorios dos Santos Passos. São sete pequenas capellas, todas de pedra, compondo a Via-Sacra, com sete passos da Paixão de Jesus Christo, com o figurado em madeira do tamanho natural e de boa esculptura. Foram levantados a expensas da irmandade, e são todos os annos visitados pela procissão de Lazaro, no respectivo domingo, e pela *Via-Sacra,* que costuma sahir de S. Francisco em todas as domingas de quaresma depois do sermão, n'esta igreja. São igualmente visitados no decurso da quaresma por muitas *Vias-Sacras,* particulares, e por grande numero de fieis, que se entregam a estes exercicios de piedade. O primeiro d'estes *passos,* que representa a primeira queda do Redemptor, fica ao lado direito da capella da Senhora da Guia, encostado á antiga muralha; o segundo encosta-se á capella de S. Braz, nos claustros da Oliveira; o terceiro em Santa Clara; o quarto no largo do Carmo, fronteiro á igreja; o quinto na rua de D. Luiz I, n'outro tempo chamada, n'este ponto, largo dos Laranjaes; o sexto na rua Nova de Santo Antonio, encostado á antiga muralha, para onde veio, do Campo da Misericordia, em março de 1879, tendo estado antes d'isso no largo de S. Bento, hoje tambem rua de D. Luiz I; o setimo finalmente encosta-se á igreja de S. Sebastião, sobre o adro, a norte.

Cruzeiros

Cruzeiro do campo da Feira, no largo das Oliveiras do campo da Feira. É uma cruz singela — com um Christo pintado a oleo — sobre um monte artificial tudo de pedra e resguardado por uma cobertura, e guardas de ferro, na base. Tem este cruzeiro, fóra da cobertura, uma cruz de cada lado e na frente mais tres, todas de pedra fina. É dedicado ao Senhor do Calvario, e foi restaurado em 1880 pelos bemfeitores, como declara uma lamina de ferro fundido, cravada na base.

Cruzeiro dos Capuchos; fica no largo e defronte da porta principal da igreja de Santo Antonio dos Capuchos. É uma elegante e bem lavrada cruz de pedra sobre uma base correspondente. Ignora-se o anno em que foi levantado, mas suppõe-se obra dos frades da Piedade.

Cruzeiro das Capuchinhas, no adro fronteiro á porta da igreja. É uma columna de pedra lisa, terminando n'uma cruz, e pousando tudo sobre degraus igualmente de pedra. Já dei noticia d'este cruzeiro, quando me occupei d'esta igreja.

Cruzeiro do Cemiterio. É uma elegante columna, bem lavrada, e terminando por uma cruz com o Christo cravado, tudo de pedra fina. Estava este cruzeiro antigamente levantado no largo de S.

Payo, fronteiro á igreja d'este nome, sendo d'alli apeado a 18 de fevereiro de 1879, e levantado depois ao fundo da avenida principal do cemiterio da Atouguia, no principio do mez de maio do mesmo anno.

Cruzeiro de Santa Cruz; levanta-se no adro da capella d'este titulo, fronteiro á sua porta principal. Foi mandado collocar alli pelo conego Arrochella, como já disse, quando me occupei d'esta capella.

Cruzeiro da Cruz de Pedra, collocado no alto da rua da Alegria e debaixo d'uma cobertura, ou pequeno telhado, sobre quatro columnas. É uma pequena cruz de pedra com um Christo pintado a oleo em madeira. Foi levantado alli, ha mais de 100 annos, por uns devotos chamados «Amaros» e dedicado ao Senhor da Agonia, e ultimamente reedificado em 1874 e benzido solemnemente na Paschoa do anno seguinte.

Cruzeiro de S. Damaso, dedicado ao Senhor do Amparo; é uma cruz singela de pedra, com um Christo pintado a oleo, resguardada por uma caixa de madeira e ferro, segundo a ultima restauração, promovida pelos visinhos, que lhe accendem de noite luz d'azeite. Fica encostado á torre de S. Damaso.

Cruzeiro de S. Francisco, defronte da capella da Ordem Terceira franciscana; é uma pequena co-

lumna de pedra, da ordem composita, sobre cujo capitel pousa uma cruz com um Christo, igualmente de pedra. Foi mandado levantar pelo padre mestre Fr. Antonio Fernandes, como consta d'uma inscripção, que se lê na base, já um pouco gasta, e por isso duvidosa na ultima palavra «Fernandes».

Cruzeiro da Senhora da Guia; levantava-se n'outro tempo quasi ao pé da esquina do campo da Feira para o largo dos Trigaes, e está actualmente encostado ao *Passo* da Senhora da Guia. Sobre um pilar de granito grosso tem uma cruz e junto d'ella a Virgem, com o Christo morto no collo, acompanhada d'outras figuras com balsamos e uma outra aos pés da Virgem em acção d'orar; tudo de pedra fina. É dedicado á Senhora da Piedade, e era aonde antigamente vinham as procissões, que sahiam da igreja do Campo da Feira.

Cruzeiro de S. Payo, é uma columna alta rematada por um crucifixo, tudo de pedra. Encostase actualmente ás paredes do recolhimento das Beatas do Anjo; mas n'outro tempo foi levantado — maio de 1790 — no meio do largo fronteiro á portaria do mesmo recolhimento. É dedicado ao Senhor do Bom Successò, e tem luz d'azeite todas as noites.

Cruzeiro de S. Sebastião; actualmente vê-se encostado á torre da igreja parochial de S. Sebas-

tião, levantando-se outr'ora no adro da mesma igreja e fronteiro á porta principal. Tem sobre uma columna de ordem *arbitraria* uma cruz e junto d'ella a Virgem coroada. Abaixo do capitel indeciso lavraram um escudo com tres vieiras ou conchas em triangulo.

MONUMENTOS DE PIEDADE E BENEFICENCIA

Hospitaes

Hospital da Santa Casa da Misericordia

Este hospital geral, que actualmente occupa um edificio ainda em construcção, mas que pela sua vastidão, local, condições hygienicas e serviço interno será um dos primeiros do nosso paiz, esteve primitivamente n'umas casas junto á igreja da Misericordia, no largo do mesmo nome, que se prolongavam d'ahi pela antiga rua ou viella d'Arrochella até ao largo de S. Payo. A irmandade já possuia estas casas desde 1587, todavia só em 1606 se installou aqui o hospital; sendo até então os doentes pobres soccorridos em suas casas por doze irmãos da Misericordia, que se intitulavam a *governança,* e que tinham a seu cargo pedir esmolas pela villa e com ellas distribuir pelos enfermos as dietas e os remedios.

Como estas casas da Misericordia pela sua má posição e acanhamento se não prestavam convenientemente para tal fim, obteve a corporação a 13 de julho de 1842 o convento de Santo Antonio dos Capuchos, arrematado em hasta publica, juntamente com a cerca, por 1:600$000 reis.

*

No dia 23 de janeiro do anno seguinte principiaram no extincto convento algumas obras, alagando-se algumas cellas para a fundação das enfermarias; e logo no mez de julho principiaram a recolher-se aqui alguns doentes, que vinham de novo, para se não fazer então a mudança dos que estavam no antigo hospital do largo da Misericordia, por haver a tal respeito renhida opposição entre os confrades.

O hospital velho passou depois da mudança definitiva a ser propriedade particular, arrematando-se em hasta publica a sua primeira parte a 11 de junho de 1843. Finalmente a 13 de junho do anno seguinte foi o hospital de Santo Antonio dos Capuchos aberto á visita publica pela primeira vez, principiando desde então a funccionar ahi exclusivamente.

Estava ainda o convento muito áquem das condições, que a sciencia requer n'uma casa de saude, quando esta incansavel corporação, desejando possuir um hospital que rivalisasse com os melhores do reino, dá principio ás obras no mesmo local do convento e cerca no dia 1 de julho de 1861, lançando-lhes em tão memoravel dia a primeira pedra o D. Prior de Guimarães D. José Francisco de Paula d'Almeida com a assistencia do cabido, camara municipal, authoridades administrativas e judiciaes, as Ordens Terceiras de S. Francisco e S. Domingos.

Vai presentemente continuando a obra com as

sobras do rendimento da casa e com os juros de 14:000$000 reis destinado spara tal fim; e apesar da sua morosidade o novo hospital já hoje offerece ao serviço dos doentes quatro magnificas enfermarias além d'outras vastas dependencias, tudo nas melhores condições de limpeza e aceio.

O fundo d'esta Santa Casa, que no anno de 1704 era apenas de 36:355$585 reis, eleva-se actualmente a cêrca de 350:000$000 reis, devendo ainda assim notar-se, que d'este capital não é rendivel a quantia de 43:778$341 reis.

O movimento médio dos doentes, calculado pelo movimento dos tres annos, é o seguinte por anno:

Entraram.............	1:602
Sahiram curados.......	1:405
Falleceram............	97
Em tratamento.........	100

Despendem-se por anno, n'esta repartição do hospital, com o movimento acima calculado, 8:140$179 reis.

Para se admirar os rapidos progressos d'este pio estabelecimento, basta saber-se, que em 1811 esteve o hospital em perigo de fechar-se por falta de meios, pois que apenas tinha de rendimento 600$000 reis! E para, igualmente, se avaliar do passadio e tratamento dos doentes n'esta casa, dou em seguida a tabella das dietas, que talvez seja a unica no paiz pela abundancia e variedade. Eil-a:

Tabella de dietas para o hospital da Sa

Para contabilidade na despensa

N.º 1	Quatro caldos de gallinha simples.
N.º 2	Quatro caldos de gallinha e vacca. Um oitavo de gallinha ao jantar. Um oitavo de gallinha á cêa. Trinta grammas de pão a cada caldo.
N.º 3	Quatro caldos de gallinha e vacca. Um oitavo de gallinha ao jantar. Um oitavo de gallinha á cêa. Sessenta grammas de pão a cada caldo.
N.º 4	Tres caldos de vacca. Oitenta grammas de vacca ao jantar. Oitenta grammas de vacca á cêa. Sessenta grammas de pão ao jantar. Sessenta grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço.
N.º 5	Tres caldos de vacca. Cento e sessenta grammas de vacca ao jantar. Cento e sessenta grammas de vacca á cêa. Cento e vinte grammas de pão ao jantar. Cento e vinte grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço.
N.º 6	Tres caldos de vacca. Duzentos e quarenta grammas de vacca ao jantar. Cento e sessenta grammas de vacca á cêa. Cento e oitenta grammas de pão ao jantar. Cento e vinte grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço.
N.º 7	Tres caldos de vacca. Duzentos e quarenta grammas de vacca ao jantar. Cento e sessenta grammas de vacca á cêa. Cento e oitenta grammas de pão ao jantar. Cento e oitenta grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço. Sessenta grammas de arroz ao jantar.

Uma gallinha que nunca deverá pesar menos de 918 grammas, ta além das dietas supra. Os generos serão sempre da melhor quali doente tudo que este exija.

a da Misericordia da cidade de Guimarães

Para a distribuição nas enfermarias

N.º 1	Quatro caldos de gallinha simples.
N.º 2	Quatro caldos de gallinha e vacca. Um oitavo de gallinha ao jantar. Um oitavo de gallinha á cêa. Trinta grammas de pão a cada caldo.
N.º 3	Quatro caldos de gallinha e vacca. Um oitavo de gallinha ao jantar. Um oitavo de gallinha á cêa. Sessenta grammas de pão a cada caldo.
N.º 4	Tres caldos de vacca. Sessenta grammas de vacca ao jantar. Sessenta grammas de vacca á cêa. Sessenta grammas de pão ao jantar. Sessenta grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço.
N.º 5	Tres caldos de vacca. Cento e vinte grammas de vacca ao jantar. Cento e vinte grammas de vacca á cêa. Cento e vinte grammas de pão ao jantar. Cento e vinte grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço.
N.º 6	Tres caldos de vacca. Cento e oitenta grammas de vacca ao jantar. Cento e vinte grammas de vacca á cêa. Cento e oitenta grammas de pão ao jantar. Cento e vinte grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço.
N.º 7	Tres caldos de vacca. Cento e oitenta grammas de vacca ao jantar, Cento e vinte grammas de vacca á cêa. Cento e oitenta grammas de pão ao jantar. Cento e oitenta grammas de pão á cêa. Sessenta grammas de pão no caldo do almoço. Sessenta grammas do arroz ao jantar.

rações. Será extraordinario o que os facultativos abonarem na papele-
dietas arbitrarias o facultativo com o mordomo do mez poderá dar ao

Hospital de S. Damaso

Junto da igreja de S. Damaso fica o hospital d'este nome, do qual são administradores os confrades da irmandade das Chagas e Cordão de S. Francisco. Foi instituido para curativo d'ecclesiasticos pobres em geral e para os pobres da freguezia de Santa Comba de Regilde, pelo benemerito abbade d'esta mesma freguezia, Lucas Rebello, que legou todos os seus bens a esta irmandade com o encargo de construir uma igreja em honra do primeiro pontifice portuguez, *nosso patricio* S. Damaso, e junto d'ella um hospital para o fim indicado.

A casa não possue os requisitos d'um hospital: é mal dividida e acanhada; todavia se attendermos á época em que foi construida é mais que soffrivel e chega para o movimento dos doentes a quem foi destinada, pois que felizmente é muito limitado o numero dos que d'ella se utilisam.

Ignora-se o anno, em que lhe lançaram a primeira pedra, é comtudo certo, que este hospital principiou a receber doentes em dezembro de 1679, não estando ainda concluidas as obras da casa nem da igreja.

É pouco importante, como disse, o movimento dos enfermos, e os capitaes d'este pio estabelecimento não passam de 10:495$996 reis, sendo quasi metade não rendivel.

Na frente d'este hospital vê-se uma pedra qua-

drilonga com a seguinte legenda, que é quasi a repetição da que se lê na lamina do interior da igreja, como em seu lugar transcrevi:

Cum patrio Damaso templum constructa proseucha
Pauperibus Lucas prorsus in astra ferunt
Arte quidem mira construxit limina dupla
Ut Dominum bina colligat ipse fore
In templum Christum specie nam suscipit escæ
Pauperis in forma colligit hospitio
Catholici fructus operum cæmenta dedere
Sic docet expendi quomodo sacra decet.

Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco

Esta veneravel corporação, que no anno de 1814 obtivera do principe regente licença para a construcção d'um hospital, onde fossem gratuitamente tratados os seus irmãos pobres, com tanto zelo se houve n'este seu louvavel empenho, que conseguiu abrir o mesmo hospital para serviço dos enfermos a 31 de julho do anno seguinte.

Mas como a casa era demasiadamente acanhada e pouco propria para tal fim, crescendo os recursos d'esta corporação e com elles o vivo desejo de a dotar d'um hospital em tudo digno, depois de reiterados esforços é lançada a primeira pedra a tão humanitario estabelecimento a 23 de setembro de 1853. Esta obra correu lentamente e por mais que

uma vez foi suspensa, até que veio dar-lhe rapido andamento, quasi a expensas suas, o commendador Christovam Fernandes da Silva, que teve a gloria de collocar-lhe a ultima pedra a 25 de maio de 1877.

Na compra dos predios para a fundação d'este hospital gastou-se a quantia de 9:892$150 reis desde 1839 a 1867, devendo saber-se, que no fim d'agosto de 1839 principiaram já a alargar-se as enfermarias para o lado da rua de Couros, sendo ministro da Ordem João Antonio d'Oliveira Cardoso.

Ha na galeria d'este hospital uma numerosa collecção de retratos dos bemfeitores, sendo alguns obra do insigne pintor Roquemont, e na secretaria do mesmo hospital dous quadros a oleo representando um a Senhora do Leite e outro a Sagrada Familia, que se julgam de subido merecimento, e foram legados pelo commissario Fr. Manoel Luiz da Conceição Guimarães.

O movimento médio dos doentes nos tres ultimos annos foi de 156.

Os fundos da Ordem são, nas suas differentes repartições, os seguintes:

Ordem..........	24:757$957
Hospital.........	38:864$286
Testamentaria ...	5:774$209
Lausperenne.....	8:003$050
Entrevados......	22:779$595
Receita média....	5:085$822
Despeza.........	4:752$489

Hospital da Ordem Terceira de S. Domingos

Por iniciativa dos benemeritos cidadãos José Gomes Fernandes Baptista e Custodio José Ribeiro Guimarães tem esta veneravel Ordem junto á sua elegante capella o seu hospital, cuja primeira pedra foi lançada a 26 d'outubro de 1836, tendo-se já principiado a abrir os alicerces no dia 4 do mesmo mez e anno. Foi aberto solemnemente para tratamento dos irmãos enfermos pobres a 26 de maio de 1840.

Não está ainda concluido, e as enfermarias resentem-se bastante da falta d'ar e de luz; em compensação tem para os convalescentes um formoso jardim e na fachada para este lado um extenso varandim, d'onde se gozam lindissimos horisontes.

Tem esta Ordem n'um dos salões do mesmo hospital uma numerosa galeria de retratos dos seus bemfeitores.

Nos tres ultimos annos foi o movimento médio n'este hospital de 145 doentes.

Possue em fundos nas differentes repartições o seguinte capital:

Hospital....................	35:471$048
Ordem........................	13:931$763
Entrevados.................	11:695$160
Lausperenne...............	8:654$353

Receita média..............	**3:247$317**
Despeza »	**3:223$230**

São estes os hospitaes permanentes de que Guimarães se ufana, contando em cada um d'elles um brazão nobilissimo da caridade e piedade de seus filhos; mas quando por infelicidade qualquer epidemia surprehende a população, desde logo se improvisam outros com uma rapidez electrica.

Assim aconteceu no anno de 1855.

Dando-se no Porto repetidos casos de cólera e em Guimarães alguns, embora no principio um pouco duvidosos, a camara d'esta cidade reunida a 27 de junho d'esse anno, resolve tomar energicas providencias contra o terrivel flagello, tratando desde logo da fundação d'um hospital para colericos nas casas dos Coutos, no largo da Misericordia.

Os particulares apressam-se a coadjuvar o senado, a Santa Casa da Misericordia subscreve com 200$000 reis, lençoes e remedios, que podessem aviar-se na sua botica, a Ordem de S. Francisco com 100$000 reis, a de S. Domingos com 80$000 reis e assim no brevissimo espaço de seis dias abre-se o projectado hospital, que principia a receber doentes a 3 de julho de 1855 até 23 de novembro do mesmo anno, em que se desvanecera a epidemia.

Durante o estacionamento de corpos militares em Guimarães tem servido d'hospital para os mesmos o convento de S. Francisco e o do Carmo. Actualmente os doentes militares são tratados no hospital da Misericordia, segundo um contracto celebrado com esta Santa Casa, pelo modico preço de 240 reis diarios por cada enfermo.

Asylos

Asylo d'invalidos

Posto que a benemerita corporação da Santa Casa da Misericordia logo desde a sua fundação soccorresse entrevados pobres nos seus domicilios, só mais tarde possuiu um edificio, onde os recolhesse convenientemente. Tal edificio foi levantado em 1844, no largo de S. Payo, n'umas casas doadas para tal fim, no 1.º de julho de 1843, pelo piedoso cidadão, José Joaquim da Silva e sua mulher.

É administradora d'este pio estabelecimento a mesa d'esta corporação, que possue para a sustentação dos invalidos um fundo de 27:302$735 reis. Recebe vinte e seis invalidos d'ambos os sexos, aos quaes dá cama e mesa, vestido e 20 reis diarios a cada um, com o que annualmente dispende, termo médio, 999$428 reis.

N'este asylo distribue-se na noite de Natal uma cêa a 24 pobres, convidados pela mesa.

Asylo d'entrevados de S. Domingos

Está collocado nas dependencias do hospital da veneravel Ordem Terceira de S. Domingos, ao nivel do seu formoso jardim. Foi fundado por Antonio Alves Teixeira e sua mulher a 30 de maio de 1854. Recolhe seis entrevados d'ambos os sexos, aos quaes fornece cama, abundante mesa e vestido.

É o seu fundo actual 10:695$160 reis, gastando annualmente do rendimento d'este capital a quantia de 174$317 reis com a sustentação do asylo.

Asylo d'entrevados de S. Francisco

Está igualmente collocado nas dependencias do hospital d'esta Ordem.

Esta corporação já soccorria os seus irmãos entrevados em suas casas desde o anno de 1853; comtudo só os recolheu no seu hospital a 4 d'outubro de 1858, podendo portanto assignar-se esta data á fundação do asylo. Foi seu fundador e primeiro bemfeitor o benemerito cidadão Antonio Joaquim de Carvalho, que lhe legou 18:000$000 reis, tendo já dado em vida a quantia de 2:000$000 reis. Actualmente possue este asylo um capital de reis 22:779$595. Recolhe doze entrevados d'ambos os sexos, aos quaes distribue cama, abundante mesa e vestido, com o que annualmente se gastam, termo médio, 466$810 reis.

Para se conhecer o magnifico tratamento dos entrevados n'estes dous ultimos asylos, podem vêrse as tabellas da distribuição das rações, patentes nas secretarias das respectivas Ordens, das quaes se conclue, que em nenhuma outra parte do paiz, em estabelecimento d'este genero, são os pobres tratados com igual abundancia e variedade d'alimentos. E dou-as em seguida, por me parecerem, a muitos respeitos, dignas de publicidade.

Tabella dos generos para a ração diaria de cada entrevado

Dias de gordo	Pão trigo	57,36 gr.
	Pão de mistura	459 »
	Carne de vacca	143,41 »
	Carne de porco	28,68 »
	Arroz	57,36 »
	Unto	3,58 »
	Feijão para o caldo da cêa	28,68 »
	Vinho verde	0,176 lit.
	Azeite	0,060 »
	Hortaliça a que fôr necessaria.	
Dias de magro	Pão trigo	57,36 gr.
	Pão de mistura	459 »
	Bacalhau	114,73 »
	Batatas	114,73 »
	Feijão para o caldo do jantar e cêa.	57,36 »
	Arroz	57,36 »
	Unto para os caldos do almoço, jantar e cêa	10,75 »
	Vinho verde	0,176 lit.
	Azeite	0,036 »
	Vinagre	0,036 »
	Hortaliça a que fôr necessaria.	
Generos de subst.	Peixe em lugar do bacalhau	229,46 gr.
	Feijão para ensopar em lugar d'arroz	57,36 »
	Farinha de pau em lugar d'arroz	57,36 »
Extraordinario	Os entrevados que tomarem rapé, se lhes dará aos domingos e quintas-feiras	7,17 gr.
	Aos domingos terão uma ração de fructa do tempo, sendo barata. Nos dias 2 d'agosto, 4 d'outubro, domingo de Paschoa e domingo da Santissima Trindade, 229,46 grammas d'assado. Vespera do Natal, um prato de mexidos — dia de Natal, serrabulho e lombo de porco — dia de desobriga e quinta-feira maior, um prato d'arroz dôce.	

Asylo d'infancia desvalida

Este asylo, intitulado de «Santa Estephania, Amor de Deus e do Proximo», é d'iniciativa particular, devida principalmente ao benemerito e illustrado professor d'instrucção primaria, Francisco Antonio d'Almeida. Os primeiros recursos d'este asylo foram o producto d'um basar de prendas, promovido entre as damas vimaranenses.

Foi solemnemente inaugurado a 16 de julho de 1863 e tinha estatutos approvados pelo governo a 16 de setembro do mesmo anno, e que ultimamente foram reformados e de novo approvados a 18 de outubro de 1877. Occupa este asylo o edificio do extincto convento do Carmo, que lhe foi cedido para tal fim por decreto real de 30 de maio de 1860, e é administrado por uma direcção eleita dos subscriptores e bemfeitores do mesmo asylo. Recolhe quarenta crianças pobres d'ambos os sexos de 7 a 12 annos d'idade, ás quaes dá cama, mesa e vestido e educa convenientemente, gastando-se n'isto aproximadamente 3:000$000 reis annuaes, que se apuram das quotas annuaes dos subscriptores, de parte das sobras das irmandades e confrarias do concelho e dos rendimentos do proprio fundo, que já hoje attinge a quantia de 25:908$150 reis.

Asylo de Mendicidade

Este asylo, que se intitula de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, por ser fundado e administrado pela irmandade da mesma invocação, occupa umas casas situadas ao nascente do campo da Feira, fronteiras ao rio, que foram compradas para este fim pela corporação aos herdeiros de Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel pela quantia de 6:000$000 reis. A mesma irmandade, esperando que este pio estabelecimento precise mais tarde de maiores proporções, comprou igualmente as casas e campo da fallecida condessa de Basto, ficando assim com terreno para um asylo de primeira ordem.

Teve lugar a sua abertura solemne a 4 de fevereiro de 1877 tendo sido creado por deliberação de 23 de janeiro de 1876. Recolhe um numero incerto de pobres da cidade e concelho, aos quaes distribue cama, mesa e vestido. O serviço interno d'este asylo é feito por irmãs hospitaleiras, que nas dependencias do mesmo estabelecimento regem uma aula de instrucção primaria, costura e bordados, onde apenas se aceitam filhas d'irmãos. Foi esta aula solemnemente installada a 17 de julho de 1877.

Não possue por em quanto este pio estabelecimento um fundo proprio, que mereça relatar-se, mas vai-se sustentando pelo óbolo da caridade publica, pelas quotas dos subscriptores e parte das sobras das confrarias e irmandades do concelho.

Albergues

Albergue do Anjo

Fica situado n'umas casas ao fundo da capella de S. Chrispim, na travessa do mesmo titulo. Foi instituido no anno de 1315 pelos mestres sapateiros João Bahião e Pero Bahião, que legaram todos os seus bens e herdades á irmandade do Anjo e de S. Chrispim com o encargo de fundar e administrar o mesmo albergue. Recolhe habitualmente nove mulheres velhas e pobres, ás quaes apenas dá casa, cinco carros de lenha por anno, cêa abundante na vespera de Natal e rosarios nas festividades da irmandade. Dá pousada e lenha por tres dias aos pobres passageiros, e uma cêa de bacalhau cozido com batatas, pão e vinho a qualquer numero de pobres, que alli se apresentem na mesma vespera de Natal, os quaes costumam concorrer em numero médio de 50. Além d'esta cêa, que é verba estatuaria dos fundadores, dá mais, em cumprimento do legado de Domingos Gonçalves Lobo, instituido a 22 de novembro de 1869, uma outra cêa em igual noite a doze pobres, que constará de *40 reis de pão de mistura, seis onças de bacalhau cozido com batatas e um olho de couve, um bolinho de bacalhau desfeito, meio quartilho de vinho verde, e um prati-*

nho d'arroz dôce ou aletria, para o que legou á irmandade 200$000 reis.

Antigamente os pobres, que aqui falleciam, eram por um antigo contracto acompanhados e sepultados pelo cabido da real collegiada nos claustros da sua igreja.

Albergue de Nossa Senhora do Serviço

É n'uma casa terrea com limitada horta, sita no largo de S. Payo. Tinha n'outro tempo adjunta uma capella, que lhe deu o titulo, da qual nem vestigios restam. É administrado pelos padres da curaria, que recebem por esta via varios fóros, e teem a seu cargo a fabrica da casa e a admissão das velhas pobres, que o albergue recolhe em numero de oito. A estas apenas o albergue dá um quarto para dormir e fôrno e cozinha commum, e a Ordem Terceira de S. Francisco distribue 500 reis a cada uma na vespera de Natal, segundo o legado d'Anna Maria Lobo, ou 4$000 reis distribuidos igualmente pelas que estiverem.

O facto de ser este albergue da administração da curaria leva a crêr, que o seu fundador fosse algum beneficiado da collegiada, cujo nome se perdeu por incuria.

Albergue de S. Roque

É de tempos immemoriaes e antigamente da administração da extincta irmandade de Nossa Senhora da Graça, então erecta n'uma capella da mesma invocação, que mais tarde deu lugar á actual igreja das Dominicas, na rua de Santa Rosa de Lima.

Em 1735, por um contracto entre a irmandade e as freiras, passaram para estas, como administradoras, todos os legados, obrigações e encargos, a que o mesmo albergue estava sujeito.

Da escriptura lavrada para firmeza de tal contracto consta, que a casa do albergue, além d'outras dependencias, que ainda hoje teem servido para residencia do capellão das freiras, constava de quatro alcovas para os pobres e uma chaminé para o lume. É esta casa a que fica ligada ao convento para a parte da ponte da Madroa, e ainda hoje serve para a sua instituição dando cama e lenha por tres dias aos passageiros pobres, que se queiram utilisar.

(Vêde *Convento de Santa Rosa de Lima*).

No livro do Tombo, que ainda hoje se archiva no convento das Dominicas, e que fôra feito em 1720, consta, que esta irmandade ou confraria da Senhora da Graça, além da casa do albergue tinha um rendimento de 12$274 reis, com os quaes provia os encargos do mesmo albergue, e dava ainda cada anno 1$000 reis ao juiz e mais officiaes pelo trabalho da administração. No mesmo Tombo se lê

a primeira instituição, que tinha sido escripta em latim, mas que fôra trasladada em portuguez sem data. D'este documento se colhe, que esta confraria fôra fundada por alguns mancebos d'esta villa, moradores na rua dos Gatos — hoje D. João I — os quaes entre outras obrigações tinham as seguintes no seu compromisso: de conduzir ou mandar conduzir para Guimarães qualquer confrade, que morresse ou se achasse doente entre o Douro e o Minho e desde a cidade do Porto á villa de Barroso: de assistirem de continuo dous confrades ao confrade doente, e de se reunirem todos junto d'elle, quando fallecido, não o deixando até á sepultura; e no caso que tal confrade deixasse filhos, impunha-se-lhes a obrigação de *guardal-os como a sy mesmo*: o confrade que *errasse ou fallasse* contra o seu confrade, ficava obrigado *a entrar em capitulo vestido com uma camisa e um pano negro no rosto, recebendo cinco açoutes,* provado o caso. Foram instituidores Payo Luiz, Payo Moniz, Gonçalo Calvario, Soeiro Pires, João Soares, D. Dorothêa, Pedro João e sua mãi, Pedro Martinho filho, Mendes Pedro e sua mulher, João Pedro e sua mulher, Gonçalo Gomes e sua mulher.

Albergue de S. Miguel do Castello

Occupa umas pequenas casas terreas defronte da igreja de S. Miguel do Castello, hoje mais co-

nhecida por igreja de Santa Margarida. Ignora-se a sua origem primitiva; mas é tão antigo — diz já o padre Torquato d'Azevedo, que escreveu no meado do seculo XVII — que o tempo escureceu a memoria da sua fundação.

Recolhe seis velhas, ás quaes actualmente apenas dá casa. É administrador d'este albergue o parocho de Nossa Senhora da Oliveira por estar a freguezia de S. Miguel do Castello annexa a esta. D'antes era o mesmo parocho obrigado a dar ás velhas recolhidas um carro de lenha por anno, o que cahiu *em desuso.*

A Ordem Terceira de S. Domingos, em virtude d'um legado do padre frei Francisco Luiz Fernandes, é obrigada a dispender todos os annos com a fabrica d'este albergue a quantia de 5$000 reis, e a distribuir igual quantia pelas pobres alli existentes em quinta-feira santa.

No inverno de 1855, por iniciativa do juiz de direito Francisco Rodrigues Ferreira Casado, estabeleceu-se no extincto convento de S. Domingos um albergue para de noite recolher os mendigos, aos quaes se dava cama. Durou pouco tal instituição; mas ainda existia no fim do anno seguinte, sem poder apurar a época em que findou.

Gafarias

No sentir do dr. Rodrigues de Gusmão, medico illustre em Portalegre, uma das causas que mais empeceram o desenvolvimento da nossa população nos principios da monarchia, foi o terrivel *mal de S. Lazaro* — a elephantiase — que por largos annos devastára Portugal, estabelecendo aqui o seu formidavel assento.

Na idade média o notavel numero de *gafarias* — asylos onde se recolhiam como incuraveis os elephantiacos — mostrava tristemente, quanto estava propagada pelo reino esta asquerosa enfermidade, que tantos cuidados merecera a el-rei D. Sancho I, a D. Diniz e á rainha Santa Isabel.

Felizmente, no principio do seculo VI, começando a declinar tal molestia, tambem as gafarias, collocadas sempre fóra e a distancia das povoações, para se manter a sequestração dos miseros gafos, principiaram a diminuir, encorporando-se com as suas rendas nos hospitaes communs; e ahi tambem os enfermos principiaram a ser tratados com a applicação do muriato de cal, chamado mais tarde hydrochlorato de cal.

Possuia a camara de Guimarães, debaixo da sua administração, varias gafarias junto da villa e seus territorios, das quaes darei muito succinta noticia; pois que muito pouco eu consegui achar a este respeito, em documentos, que procurei manusear.

A dez kilometros, pouco mais ou menos, a nas-

cente de Guimarães, perto do rio de Bouças, e da estrada, que d'esta cidade parte para Fafe, havia a gafaria de Santo André de Bouças, da qual se encontram noticias muito obscuras em alguns papeis do cartorio da santa casa da Misericordia. E no livro das vereações da camara achei que as obras de carpinteiro na ermida de Santo André de Bouças foram arrematadas em 1667 pela quantia de onze mil reis.

É provavel, que a este tempo alli existisse apenas a ermida; porque então já os doentes eram recolhidos n'uma outra gafaria, tambem com o titulo de Santo André, e que ficava por traz e a sul da rua da Alegria, antigamente chamada da Cruz da Pedra, n'um terreno elevado, onde ainda hoje se encontram vestigios claros de muitas sepulturas. N'este asylo eram os doentes assistidos dos frades franciscanos, os quaes attendendo á falta d'aguas n'este local, pediram e obtiveram da camara a mudança do mesmo asylo para S. Lazaro, no fim da rua actual de D. João I, e junto á capella d'este santo. Não pude averiguar o anno em que tal mudança tivera lugar; é todavia certo, que em 1595 já a camara se dizia de posse immemorial do hospital e gafaria dos Lazaros; e que n'esta época rendiam as suas terras e casaes perto de 30$000 reis, os quaes se gastavam com o sustento dos doentes.

Sobre estas rendas, que a camara annualmente arrematava, havia questão em 1642 com o

chantre da collegiada, o qual se dizia senhor d'ellas como padroeiro da igreja de S. Miguel de Creixomil, á qual as ermidas de Santo André e de S. Lazaro eram annexas. Mas a camara continuou a administrar estas rendas até 1680, em que se resolvera, em sessão de 2 de novembro, entregar tudo á administração da santa casa da Misericordia: ou porque já não havia gafos, como dizem uns; ou porque já se curavam no hospital, como teem outros para si. Esta transferencia d'administração foi no anno seguinte authorisada por alvará do principe regente.

Na antiga rua do Cano, acima do campo de D. Affonso Henriques, havia outra gafaria, destinada exclusivamente para mulheres, da qual resta apenas a tradição: e outra havia ainda tambem no lugar d'Arcella, perto da capella particular de Santo Antonio, como se vê das vereações de 1833, em que a camara, em sessão de 30 d'agosto, manda concertar a câsa d'Arcella, *que tinha servido de Lazareto,* para servir d'hospital, no caso do cholera accommetter esta villa. Em 1815 esta mesma casa servia d'hospital militar ao corpo então aqui estacionado.

E assim dou por concluida a noticia dos estabelecimentos de piedade e beneficencia, os quaes, pelo seu numero, aceio e dotação, provam brilhantemente a indole generosa e bemfazeja dos nossos concidadãos: e como symbolos de verdadeiro progresso, na caridade christã, collocam Guimarães,

na sua proporção, acima das primeiras e mais notaveis cidades e villas do reino.

Hospicio dos Expostos

Não pude averiguar a época da instituição da *roda dos engeitados* no concelho de Guimarães; tendo por tanto de contentar-me com a noticia escripta mais remota, que consegui descobrir, e é de 1698. N'este anno, manda el-rei D. Pedro II, que ao cabeção da sisa se augmente em cada anno mais 50$000 reis para d'aqui se dar a cada ama, pela creação dos engeitados, 4$000 reis annuaes; recebendo ellas até então 3$000 reis apenas.

A escripturação mais antiga, que sobre este assumpto apparece no cartorio da camara, é de 1741 sómente.

Nos ultimos tempos, abolida a instituição da *roda* em 1864 pela junta geral do districto, installaram-se os hospicios com novos regulamentos; mais onerosos e vexatorios, e foi dividido para tal fim o mesmo districto em quatro circulos, formando Guimarães o segundo, reunindo-se-lhe os concelhos da Povoa de Lanhoso e Vieira.

Esteve primeiramente este hospicio d'expostos n'umas pequenas casas da praça de S. Thiago, contiguas ás da camara, com as quaes se communicavam pelo interior, e mais tarde occupou, proviso-

riamente, parte da casa das Lamellas, junto á respectiva repartição. Passou ainda depois para uma casa, d'aluguer, na rua Nova de Santo Antonio, e está actualmente na rua de Santa Luzia, onde tambem fica a repartição do aferimento de pesos e medidas.

Tem este hospicio o seguinte pessoal: uma directora, o sub-chefe da repartição, o vereador dos expostos, um zelador privativo e quatro amas, cada uma com o ordenado de 240 reis diarios, tendo a obrigação de amamentar as crianças, que apparecem abandonadas.

Além d'estas amas internas, ha outras fóra, criando em suas casas os abandonados; e recebendo por isso 1$400 reis mensaes no primeiro anno de lactação, e 800 reis nos seis mezes seguintes: e dá-se ainda ás mães pobres, para a sustentação dos seus proprios filhos, a mensalidade de 1$200 reis.

O numero d'expostos e subsidiados, incluindo os da Povoa de Lanhoso e Vieira, existentes a cargo do hospicio, é, termo médio, de 240 a 250, e a despeza média annual attinge a quantia de reis 4:506$310, calculada nos ultimos seis annos.

Tem querido o senado vimaranense, por mais que uma vez, attender ás necessidades e bem-estar dos infelizes expostos, cujo hospicio ainda hoje infelizmente se encontra em más condições: todavia não sei que difficuldades tem surgido para lhe tornar infructiferos os cuidados e o zelo.

Em 1834, em sessão de 29 de novembro, representou a camara ás côrtes, pedindo a creação, no proximo convento da Costa, d'um estabelecimento de educação d'expostos, onde ao menos se lhes ensinassem as primeiras letras, com algum officio util; bem como se ensinassem tambem ás meninas as prendas domesticas. Mas o governo de sua magestade, talvez por motivos de muito peso, preferiu a venda do convento, por um preço inferior ao valor das telhas, que cobriam este edificio, á fundação d'um instituto de tal ordem!

A 20 de junho de 1844, resolve de novo a camara melhorar o estado lastimoso da *roda,* transferindo-a para o extincto convento de S. Domingos, arbitrando n'um orçamento supplementar a quantia de 400$000 reis para obras no alludido edificio, com mais 60$000 reis para compra de utensilios indispensaveis. Mas ainda esta boa vontade ficou por satisfazer-se então: e a *roda* continuou n'um bêco immundo!

Mas para que de todo não pareça desesperada e lastimosa a sorte dos pobres abandonados n'este circulo, sirva-nos de lenitivo a seguinte estatistica, pela qual se mostra, que a mortalidade dos expostos, aqui em Guimarães, é consideravelmente menor que a do Porto, apesar do seu hospicio estar montado nas melhores condições.

Eis a estatistica em resumo:

No hospicio do Porto, é a mortalidade annual, nos expostos de leite, de 37,8 por cento; nos de

secco 9,1 por cento; e nos subsidiados, de 8,5 por cento.

No hospicio de Guimarães, é nos de leite, de 23,7 por cento; nos de secco, de 7,1 por cento; e nos subsidiados, de 3,4 por cento, podendo-se afiançar o escrupulo e veracidade d'estas cifras, colhidas no anno de 1878.

Monumentos nacionaes

Castello de Guimarães

A coroar a extremidade nordeste da cidade, n'um terreno accidentado e coberto d'uma vegetação esplendida, quasi no sopé do Monte Largo, levanta-se como brazão d'altissima antiguidade o castello de Guimarães, nobilissimo alcaçar do conde D. Henrique de Borgonha.

Este castello, que na sua origem não era mais que uma torre ameiada, de fundação duvidosa, mas que se crê romana, foi notavelmente ampliado e fortalecido com novas muralhas e torres pela condessa Mumadona, fundadora do opulento mosteiro de Santa Maria.

Vivendo n'este mosteiro recolhida com as suas freiras a piedosa condessa, veio um dia assaltal-a a nova de que os mouros capitaneados por um chefe

audacioso, El-Mansur, faziam repetidas correrias por terras christãs, espalhando na sua passagem o terror, a assolação e a morte. Era por tanto urgente prevenirem-se contra qualquer invasão dos infieis, tanto mais possivel e para temer, quanto era certo que a fama apregoava por toda a parte a munificencia, com que a fundadora dotára o templo e mosteiro de Santa Maria com muito preciosos vasos e riquissimas alfaias.

O mosteiro não se prestava á defeza, porque simplesmente construido para casa d'oração, nenhuma feição tinha de fortaleza, como se vê em identicas edificações, que as necessidades dos tempos fizeram de construcção meio religiosa e meio guerreira. Além d'isso estava n'um sitio quasi ermo, apenas povoado da pobreza, que se acercava d'aquellas santas paredes para se valer da protecção da caridosa condessa.

Determinou por isso Mumadona fundar uma fortaleza para defensa d'esses povos e do mosteiro, e que em casos extremos servisse ao menos d'ultimo refugio aos christãos.

A antiga torre, que se erguia valente nas visinhanças do mosteiro, alta, d'excellente construcção e coroada d'ameias, era de per si um valioso contingente para a obra projectada, além de ser a sua posição muito apropriada para assento d'uma fortaleza respeitavel, não só pela notavel elevação do terreno, mas tambem pela agglomeração dos rochedos, que alli se lhe offereciam naturalmente para base.

Começada a obra com o fervor de quem tinha abundancia dos meios e necessidade d'ella, não tardou muito a concluir-se, ficando um castello fortissimo não pela vastidão da área, que occupava, mas pelas suas grossas muralhas de cantaria e pelas torres ameiadas, que a espaços as guarneciam. A torre antiga ficou solitaria no meio do cinto das novas muralhas, como torre de menagem, medindo desde a base á aresta das ameias 27 metros, sobre 12,25 em quadro, tendo a porta d'entrada 5 metros acima do sólo, e sendo a espessura das paredes na soleira d'esta porta de 2,10 e nas ameias 1,80.

Quando o conde D. Henrique veio estabelecer a sua côrte em Guimarães, de preferencia a Braga, cidade antiquissima — provavelmente em attenção á segurança, que lhe offerecia o castello de Mumadona, ou pelas razões expostas n'outra parte d'esta obra — procedeu a alguns trabalhos na restauração da fortaleza, e edificou n'ella uns paços para sua residencia. Aqui viveu o conde a maior parte do tempo durante a constancia do matrimonio com D. Thereza, nascendo por essa occasião e sendo educado aqui D. Affonso Henriques.

Depois da morte do conde D. Henrique continuou Guimarães a ser ainda a séde da côrte de Portugal durante o governo de D. Thereza e de seu filho, tornando-se n'este periodo o castello de Guimarães theatro de importantes successos. Primeiro o cêrco ao castello pelas tropas leonezas, commandadas pelo proprio rei D. Affonso VII, e o

acto de dedicação com que o fiel aio, Egas Moniz, salva o principe e a fortaleza de cahir em poder dos sitiadores, fazendo com que estes levantassem o cerco em 1127, torna o castello de Guimarães um santuario de abnegação, patriotismo e lealdade sem exemplo. Depois é o thalamo voluptuoso dos amores de D. Thereza com o conde Fernando Perez de Trava, amores menos legitimos, que alienando da mãi a dedicação e obediencia do filho e da soberana o respeito e a lealdade dos vassallos, acabam por expulsal-a do governo e do paiz, depois da memoravel batalha de S. Mamede, em 1128, junto a Guimarães.

Pelos annos de 1321 o infante D. Affonso, promovendo funestas discordias contra seu pai el-rei D. Diniz, acompanhado pelas multidões rebeldes e ambiciosas assola as provincias do norte apoderando-se das suas cidades e castellos, e toma á força d'armas Coimbra, Montemór-o-Velho, Gaya, Feira e a cidade do Porto. *A primeira terra,* que lhe offerece dura resistencia é Guimarães, que investida durante dez dias pelas tropas do infante, não transige nem trepida, até que este desiste do assedio, vendo as suas armas inutilmente quebradas contra as muralhas do castello, onde se desfralda impolluta e livre a bandeira nacional por el-rei D. Diniz.

Em 1369 na guerra que rebentou entre el-rei D. Fernando de Portugal e Henrique II de Castella, sustentou esta fortaleza novo e apertado cerco,

ficando victoriosa em todos os assaltos. Na HISTORIA DE PORTUGAL segundo o plano de F. Diniz, immortalisam-se os nossos feitos gloriosos do modo seguinte: «Braga foi obrigada a capitular e mais tarde rendeu-se. D'ahi marchou D. Henrique sobre Guimarães onde encontrou resistencia mais tenaz. Os muros do burgo estavam capazes de sustentar um assedio, e os burguezes defendiam-se com brio, commandados por um valente cavalleiro, Gonçalo Paes de Mera, que se lançára dentro da praça com seus filhos Fernan Gonçalves e Estevão Gonçalves, dirigindo a defeza com uma energia, que fez recuar D. Henrique... Vendo este, que a resistencia intrepida de Guimarães lhe tirava toda a esperança de a render á força viva, e notando que nem a traição lhe valia, porque um tal Diogo Gonçalves de Castro, a quem peitára para que ateasse um incendio grande na villa, incendio cuja confusão facilitaria os assaltos, fôra descoberto e punido de morte, levantou o cerco, pezaroso e humilhado, e foi passear o facho da devastação pela provincia de Traz-os-Montes. Era a segunda vez que Guimarães, a velha capital da monarchia, via um rei castelhano retirar-se diante das suas muralhas inabalaveis, deixando-a immaculada e incolume. Da primeira vez salvára-a Egas Moniz, e o monarcha repellido era Affonso VII; da segunda vez salvára-a a coragem dos seus habitantes, e o rei que partia com a vergonha do successo infeliz era Henrique II, o vencedor de Montiel!»

Compõe-se o historico alcaçar do conde D. Henrique de sete torres quadrangulares, unidas por altas e espessas muralhas ameiadas e da torre de menagem muito mais elevada que as outras. Duas das sete torres defendem a porta principal, voltada a oeste, e apertam-lhe a passagem, e outras duas guardam a porta, que dava sahida para o campo extra-muros, e que olha para o léste. As tres, que restam, guarnecem as muralhas entre as duas portas, uma do lado norte e duas da parte sul. Interiormente encosta-se á muralha uma escada de pedra, que conduz ao adarve, passeio que vai correndo por dentro dos muros junto ás ameias, e com largura bastante para d'ahi os sitiados defenderem o castello. Algumas das torres terminam em terraços orlados d'ameias, para os quaes se sahe por escadas de pedra, que principiando nos adarves vão encostadas ás paredes das mesmas torres; outras d'estas foram posteriormente cobertas e retelhadas para servirem d'aposentos e prisões. O espaço, que as muralhas deixam livre no interior da fortaleza, mede de comprimento aproximadamente 52 metros por 36 de largura.

Exactamente no centro ergue-se arrogante a grande torre de menagem, tambem quadrangular e com a sua corôa d'ameias. Tem a porta d'entrada quasi no mesmo nivel do adarve da muralha fronteira, o qual servia d'apoio á ponte levadiça, que lhe dava accesso. D'ahi para baixo não se vêem na torre portas nem frestas, e d'ahi para cima era di-

vidida em tres pavimentos, apenas illuminados pela escassa luz, que a custo se côa pelas estreitas setteiras, abertas nas quatro paredes. Ao presente já não conserva ponte levadiça nem pavimentos, mas deixa vêr o lugar d'elles e a sua divisão.

Entre a torre de menagem e o pano de muralhas do lado norte vêem-se hoje derrocados os restos venerandos do paço do conde D. Henrique e D. Thereza. Occupa este paço todo o lado norte da fortaleza, fechando-a por essa parte, e estendendo-se desde a torre visinha das duas, que defendem a porta principal, até ás outras duas, que guardam a porta oriental. As paredes do palacio, que lhe formavam a fachada exterior, apoiam-se sobre as muralhas da fortaleza e conservam-se inteiras, mostrando claramente a divisão das casas; o resto porém das outras paredes, que assentavam no sólo ao nivel da base da grande torre, cahiu em ruinas, ou as apearam para aproveitar a pedra na fundação do convento dos capuchos. — Vide a descripção d'este convento.

Compunha-se o palacio de dous andares baixos e acanhados. As janellas da frente, que existem intactas, são pequenas, quadradas e divididas ao meio por um pilar. A maior sala d'esta parte do edificio tem duas janellas collocadas nas extremidades, deixando entre si um comprido vão de parede.

As mais dependencias, que não eram muitas, apesar das paredes demolidas, deixam bem ajuizar da sua pequenez e simplicidade. As duas torres,

com que o paço confinava, tambem serviam d'aposentos regios, mas cada uma apenas poderia ser um limitado quarto. Actualmente entra-se para o paço pela torre de nordeste, depois de se ter subido uma grosseira escada de pedra, encostada á muralha por esse lado, como as outras de que acima fallei.

Entre a torre de menagem e o lanço da muralha do lado sul está uma pequena capella, n'outro tempo dedicada a S. João Baptista, e hoje profanada e convertida por vezes em paiol de polvora dos corpos aqui estacionados. Um pouco á direita da capella vê-se um grande rochedo espherico, meio soterrado no sólo, e n'elle chumbada uma grossa corrente de ferro. Havia aqui uma antiga prisão, que o tempo fez desapparecer; assim como igualmente desappareceu, sem mesmo hoje se distinguir o lugar, um grande poço, que o padre Torquato descreve assim:

« No terreno que fica entre a muralha, e contra-muralha d'este castello, para a parte do nascente, se fundou um poço todo forrado de pedra lavrada, cuja altura parece se queria communicar com os antipodas, se lhe não servira d'estorvo sua grande quantidade de aguas, que se acham n'aquella cavidade, tão claras para o regalo, como saborosas para o gosto, as quaes conservam com muita limpeza para utilidade do mesmo castello ».

Mede a torre de menagem da base á porta de entrada 5 metros e d'aqui á aresta das ameias 22 metros sobre uma base quadrada de 12,25 por

13,15 no exterior. A espessura das muralhas é de $2^m,15$ por $5^m,50$ d'altura média, e as torres terraplenadas, que defendem as duas portas, contam $11^m,60$ d'altura e as tres isoladas $16^m,40$ aproximadamente fóra as ameias. Ha dous seculos aproximadamente foi a torre de menagem fulminada por um raio, que cahindo entre as ameias do angulo norte, deslocou-lhe algumas pedras e abriu-lhe uma fenda até quasi meia altura, sem comtudo prejudicar a segurança do famoso colosso. Para evitar novos desastres, principalmente depois de collocado alli o paiol da polvora, foi n'ella collocado um pára-raios no anno de 1877.

É bello e grandioso o aspecto da fortaleza erguendo entre maciços de verdura o vulto venerando, tostado pelo sol de tantos seculos, acatado por tantas gerações, honrado com tão gloriosas memorias e enfeitado com romanticas tradições de cavallaria e d'amores!

O castello de Guimarães, que no seu principio se chamou castello de S. Mamede, por ser dedicado a este santo pela condessa fundadora, é um dos monumentos historicos mais bem conservados do nosso paiz. Constituindo hoje propriedade nacional, na intendencia do ministerio da guerra, ainda assim as camaras municipaes de Guimarães teem-lhe prestado alguma attenção, contemplando-o com varios reparos. Nos ultimos annos mandou a camara levantar em frente á porta principal da fortaleza um pateo de pedra com duas linhas d'escadas op-

postas, offerecendo assim aos visitantes mais commoda entrada. Depois restaurou o angulo noroeste da muralha entre o palacio e as torres da porta principal, e para que a torre de menagem, hoje inutil para qualquer defeza, prestasse algum serviço e fosse mais apreciada, mandou construir no interior da mesma uma escada de madeira, que commodamente conduz á summidade do castello, pavimento asphaltado e cercado de ameias, d'onde se desenrola á vista do espectador um panorama de bellezas surprehendentes e variadissimas.

Era na porta d'entrada d'esta torre e á esquerda de quem entra, que os antiquarios querem que estivesse gravada a inscripção — *Via Maris* — da qual pretendem derivar o nome de Guimarães. Se tal inscripção existiu, não restam hoje vestigios; á entrada da torre de menagem lê-se hoje a seguinte — *L. Vermell 1868* — nome d'um viajante hespanhol, que assim quiz legar aos vindouros a memoria da sua visita ao castello de Guimarães.

Da inscripção — *Via Maris* — falla tambem o author d'um manuscripto, que possuo, e ao qual por mais d'uma vez me tenho referido, dizendo que igual inscripção, se lia, ainda no seu tempo, n'uma pedra do frontispicio da capella de S. Thiago da Praça; mas se a houve, desappareceu igualmente.

Um dos membros da Sociedade Patriotica Vimaranense [1], em sessão de 31 de janeiro de 1836, propoz a demolição d'este notavel e precioso monumento, para com a sua pedra se ladrilharem as ruas e calçadas de Guimarães, dando como razão de tão desastrado alvitre haver este castello servido de prisão politica no tempo de D. Miguel!! Vide o n.º 31 do *Artilheiro* n'este mesmo anno.

Em compensação, no relatorio e mappas ácerca dos edificios que devem ser classificados monumentos nacionaes, apresentados ao governo pela Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, em conformidade da portaria do ministerio das obras publicas, de 24 de outubro de 1880; diz-se a respeito d'este notavel monumento:

«O castello de Guimarães, d'entre todos o mais apreciavel, certamente, pela sua antiguidade, anterior á monarchia; por ter servido de berço e de

[1] Esta sociedade tinha por fim promover os interesses locaes. Foi solemnemente installada a 25 d'outubro de 1835 presidindo o juiz de direito Antonio Clemente Gião. Foram approvados os seus estatutos por portaria do ministerio do reino de 1 de março de 1836. Durou até 1839, resolvendo-se extinguil-a e entregar á camara, para obras municipaes, o seu fundo que era de 96$290 reis. Tinham lugar as suas sessões na casa das audiencias, então no convento de S. Francisco; sendo alli a ultima a 20 de dezembro do anno citado de 1839.

côrte ao nosso primeiro rei, mostrando o resto dos seus paços, de modo a poder-se conhecer a divisão interior d'elles; pelo seu excellente estado de conservação, não obstante pesarem sobre as suas muralhas torreadas mais de oito seculos, merece tão especial attenção e cuidado, não só para que seja protegido contra a barbaridade dos homens, mas tambem para que o ajudem a resistir á acção assoladora do tempo, quando esta o ameaçar de ruina, que pareceu á commissão dever assignalar-lhe lugar na primeira classe».

Effectivamente assim o classificaram, ficando por tanto o nosso castello considerado o *unico monumento historico de primeira classe* em toda a provincia do Minho. Veja-se *Diario do Governo* n.º 62, de 19 de março de 1881.

Paço dos duques de Bragança

Quasi no extremo da cidade, a nordeste d'ella, em terreno um pouco elevado, a sudoeste do castello, está assente o palacio dos duques de Bragança, o qual hoje está em parte desmoronado e em parte servindo de quartel militar, onde teem estado desde os principios d'este seculo (1807), os seguintes corpos militares: o batalhão 2.º de Olivença; os regimentos 15, 21 e 18; o batalhão 14; os regimentos 13 e 6; o batalhão 7; os regimentos 6 e 3.

E desde 15 de maio a 26 de setembro de 1862, por occasião dos movimentos populares, que se deram no Minho com o titulo de *Maria Bernarda,* vieram a esta cidade: infanteria 10 e 5; caçadores 9 e 7; e infanteria 16.

Este edificio, com vastas e agigantadas proporções, composto de quatro grandes corpos, que formam no centro um espaçoso pateo, não ostenta especie alguma de ornatos architectonicos; a não ser o portico, o qual dava entrada para a grande sala régia, e as duas formosas e elegantes janellas, que se rasgavam esbeltas e donairosas ao fundo da mesma.

Estas janellas, que são um valioso exemplar do gothico puro, não abarcam menos de sete metros de alto, com mais de tres de largo: pena é que uma d'ellas esteja actualmente defeituosa, por lhe faltar parte do caixilho respectivo.

O portico, formado de tres arcos de ogiva, pousados sobre outras tantas columnas de marmore branco, deitava outr'ora para a galeria do andar nobre do palacio: e hoje cahe sobre o pateo, por se haver desmoronado a fachada d'este lado interior. Do lado de fóra, para nascente, é esta fachada a mais notavel do edificio; formando uma frontaria de tres corpos salientes, ligados por outros dous reintrantes.

Os das extremidades, terminavam por uma larga varanda, sustentada sobre grandes cachorros de pedra; restando d'estas uma com as portas, que da-

vam sahida para ella, e apparecendo da outra apenas a cachorrada.

O corpo central, é quasi todo occupado pelas duas soberbas janellas.

Sobre este lado, e campeando como se fossem elegantes columnas, symetricamente dispostas, levantam-se altaneiras quatro chaminés de tijolo, muito bem fabricadas, e ainda hoje em perfeito estado de conservação.

A fachada sudoeste, rasgada por janellas de differentes tamanhos, e dispostas muito irregularmente, serve agora de quartel militar a um destacamento: e pela sua vastidão, já tem accommodado em si grandes regimentos.

As duas fachadas restantes, apenas hoje se levantam n'um andar terreo, e nada mais.

O luxo de edificação, que tambem lhe falta no interior, era sem duvida, substituido pela riqueza e profusão das tapeçarias e alfaias, como então era de uso nos antigos paços de nossos reis e nas residencias dos seus mais poderosos vassallos.

O fundador d'estes paços foi D. Affonso, conde de Ourem, primeiro duque de Bragança, filho legitimado de el-rei D. João I, no seculo XIV: mas não chegando elle a concluil-os, ficou reservada a tarefa da continuação a seu filho, o duque D. Fernando I.

N'este palacio, que por varias vezes recebera as visitas dos nossos soberanos, viveram muitos membros da familia da casa de Bragança, rodeados

sempre de uma opulencia e fausto verdadeiramente real. E a duqueza *D. Constança de Noronha,* segunda mulher do primeiro duque de Bragança (e neta, por seus paes, de D. Henrique II, rei de Castella, e por sua mãi de el-rei D. Fernando I de Portugal), logo que enviuvára, passou a residir aqui, onde vivera bastantes annos, como protectora de pobres e opprimidos: até que falleceu a 26 de janeiro de 1480, sendo sepultada na capella-mór da igreja de S. Francisco, n'um tumulo de pedra, do qual resta hoje a tampa com a effigie da piedosa duqueza vestida com o habito da Ordem.

O ultimo duque, que aqui vivera, foi D. Duarte, duque de Guimarães, irmão da duqueza de Bragança *D. Catharina,* e filho do infante D. Duarte e da infanta D. Isabel: aquelle, filho de el-rei D. Manoel; e este, filha de D. Jayme, quarto duque de Bragança.

Por varias reformas, e restaurações tem passado este edificio; sendo uma das mais dispendiosas a concluida a 8 de janeiro de 1819.

Este palacio foi considerado monumento historico de segunda classe pela Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, em assembléa geral de 30 de dezembro de 1880, cujo extracto se publicou no *Diario do Governo* n.º 62 do anno de 1881; onde se diz, que este monumento é um vastissimo edificio muito interessante para o estudo da construcção das habitações dos grandes senhores, e dos costumes n'aquella época.

Para se fazer idéa da opulencia, e fausto dos senhores d'esta nobilissima casa, que durante a sua residencia em Guimarães, convertiam a villa n'uma verdadeira côrte, onde se reunia em esplendidas e ruidosas festas a mais notavel fidalguia do Minho e Traz-os-Montes, dou em seguida a descripção da pompa, com que o duque D. Theodosio vestira em 1603 os seus familiares, para as festas do seu casamento com a filha do condestavel de Castella.

Foi extrahida do autographo feito n'aquelle mesmo anno por um criado da casa, *Antonio Gomes:* e lê-se publicada no ARCHIVO PITTORESCO no modo e maneira seguinte:

«CAPITULO IX

Das librés que deu o duque

O duque deu librés a sete moços fidalgos; a dez moços da sua camara; a vinte e quatro moços da camara da senhora duqueza; a quatorze reposteiros; a dous capellães que lhe benzem a mesa; a dez moços da capella; a seis musicos da camara; a um porteiro da sua camara; a outro porteiro da camara da senhora duqueza; a dous arautos e passavantes; a dous varredeiros; a oito charamelos; a oito trombetas; a tres trombetas bastardas; a oito negros, que tangem os atabales; a vinte e quatro moços da estribeira; a seis porteiros da cana.

Deu mais, para quando foi á raia (buscar a duqueza) aos seguintes:

A dous estribeiros, um de brida e outro de gineta; a dous cocheiros do seu coche; a seis cocheiros dos outros coches; a seis moços de coche; a vinte e quatro homens da guarda; a quatro cozinheiros; a quatro moços de cozinha; a um liteireiro; a um negro da liteira; a cinco bésteiros e caçadores; e a um chocarreiro.

Aos moços fidalgos se deram calças de obra, com os brancos de velludo rôxo variado, a guarnição de morenilhos de prata sobre posturas de setim rôxo picadas, com entreforros de tela de prata; meias de sêda brancas, sapatos de velludo branco golpeados, guarnecidos de morenilhos de prata; coiras de golpes com a obra conforme á das calças; cintos de velludo negro, guarnecidos de morenilhos de ouro com ferros dourados; bohemios de setim preto, com guarnição por fóra de faxas e morenilhos, forrados de tela branca; gorras de velludo negro com tranças guarnecidas de ouro, e plumas brancas, com garçotas.

Aos moços da camara do guarda-roupa, calças de boa guarnição, assentada sobre velludo rôxo variado, e as guarnições sobre pestanas de velludo amarello, e os morenilhos rôxos e brancos com entreforros de setim imprensado rôxo; meias de sêda roxa; sapatos de velludo rôxo golpeados, e perfilados de retroz rôxo; mangas de setim rôxo imprensado, coalhadas de morenilhos de retroz rôxo e branco; roupetas de setim imprensado com faxas de velludo variado, e pestanas de setim pela borda,

com morenilhos; cintos de velludo com forros dourados; capas de raxa de Florença, guarnecidas de setim negro imprensado; gorras de velludo negro com tranças bordadas, e plumas brancas, rôxas e amarellas, com suas garçotas; espadas douradas, guarnecidas de velludo.

Ao guarda-roupa e moço do guarda-roupa, vestidos negros, e calças de obra; meias de sêda, sapatos de velludo rôxo, jubões de setim, roupetas de velludo, guarnecidas, capas de rôxo tambem guarnecidas, gorras de velludo com touquilhas e plumas; espadas douradas.

Aos moços da camara, calças de obra com passamanes rôxos e brancos, sobre pestanas de setim amarello; entreforros de setim amarello; meias de sêda amarella; sapatos de velludo amarello, perfilados de retroz; mangas de setim amarello imprensado, coalhadas de morenilhos de retroz rôxo e branco: roupetas de velludo negro, guarnecidas todas de passamanes negros a farpão; cintos de velludo negro com ferros dourados; capa de raxa, por dentro de setim imprensado; gorras de velludo negro com tranças bordadas; plumas brancas, rôxas e amarellas, com suas garçotas.

Aos reposteiros, calças de pano fino rôxo, com passamanes pelas bordas dos golpes; entremeios de sêda rôxa e amarella, entreforros de tafetá amarello, com meias de lã amarellas de Inglaterra, sapatos brancos, jubões de ollanda de Italia raxada, das côres da libré; roupetas e ferragoulos de vin-

tedozeno fino; cintos negros pespontados das côres da libré, com ferragem dourada; chapéos negros com tranças de setim, e caireis das côres com plumas rôxas, brancas e amarellas.

Aos capellães que benzem a mesa, sotainas, mantéos e barretes de raxa de Florença.

Aos moços da capella, vestidos de vintedozeno.

Aos musicos da camara, calções de velludo lavrado, meias e sapatos negros, roupetas de raxa, ferragoulos de vintedozeno, chapéos negros com véos.

Ao porteiro da camara do duque, e ao porteiro da camara da senhora duqueza, calças de tecidos negros com entreforros de setim, meias de sêda, sapatos negros, roupetas de velludo lavrado, gorras de velludo negro, com touquilhas de véo; capas de raxa.

Aos dous arautos e passavantes, calções de velludo lavrado, roupetas e ferragoulos de vintedozeno fino; chapéos e cintos negros.

Aos trombetas, calções e pellotes de pano rôxo, e capotes abertos do mesmo, tudo guarnecido com bandas amarellas e pestanas brancas; botas brancas, cintos atamarados, chapéos negros com caireis de côres e plumas; e nas trombetas bandeiras de damasco amarello e rôxo, com as armas do duque em ambas as partes.

Aos negros dos atabales, vestidos da mesma maneira que aos trombetas.

Aos trombetas bastardas, calções de Londres

rôxo, apassamanados, pellotes de velludo rôxo, guarnecidos todos de passamanes de prata fina; ferragoulos de Londres rôxos, chapéos conformes, com plumas das côres; espadas douradas.

Aos seis porteiros da casa, vestidos inteiros de vinteno, e o mesmo aos varredeiros.

Aos charamelos, calções, roupetas e capas abertas pelas ilhargas, de pano rôxo fino, e as capas guarnecidas com bandas de setim amarello, mangas do mesmo setim, meias amarellas, sapatos brancos, chapéos negros com tranças das côres, plumas e cintos de coiro atamarado, pespontados com retroz rôxo, e ferros prateados.

Aos moços da estribeira se deram dous vestuarios: o da rua, eram calças de pano rôxo, com passamanes pelas ilhargas, de sêda amarella, entreforros de tafetá, canhões de setim amarello, meias curtas de lã amarellas de Inglaterra, sapatos brancos, ligas de tafetá rôxo e branco, jubas de ollanda raxada de rôxo fino, guarnecidas com dous passamanes conformes aos das calças, cintos e talabartes, e bainhas atamaradas, espadas e adagas douradas, chapéos pretos, com tranças das côres da libré, e plumas. O de caminho eram calções e roupetas de Londres verdes, guarnecido tudo de passamanes de sêda verde, meias de lã verdes, sapatos negros de vaqueta, murcetas de feltro branco, com os collarinhos de velludo rôxo.

Aos dous estribeiros, um de brida e outro de gineta, para irem á raia com o duque — vestido de

velludo rôxo variado, com mangas de setim rôxo, ferragoulos de chamalote rôxo, forrados de tafetá, chapéos de tafetá forrados por dentro e por fóra, espadas douradas.

Aos dous cocheiros do coche do duque, calções de Londres rôxo apassamanados; jubões de ollanda de Italia raxada das côres; vaqueiros de velludo carmezim guarnecidos todos de passamanes de ouro fino, chapéos do mesmo velludo guarnecidos dos mesmos passamanes, com plumas das côres; espadas douradas, com bainhas do mesmo velludo.

Aos cocheiros dos outros coches, calções e vaqueiros de Londres rôxo, tudo apassamanado de passamanes de retroz amarello e rôxo; meias da mesma côr, botas de vacca para o caminho; chapéos com suas plumas.

Aos moços dos coches, vestidos inteiros de pano rôxo; e o mesmo aos moços dos cavallos, que eram muitos.

Aos cozinheiros, e seus moços, vestidos inteiros de pano rôxo.

Ao liteireiro, calções e roupeta de velludo carmezim, todo apassamanado de passamanes de ouro, chapéo do mesmo velludo, com os mesmos passamanes, e plumas das côres.

Ao moço da liteira, e um negro da liteira, calções e roupetas de pano rôxo, apassamanado tudo de passamanes de sêda rôxa e amarella.

Ao armeiro que assistia no torneio, vestido de

velludo rôxo, mangas de setim rôxo, ferragoulo de rôxo.

Ao chocarreiro, calças de velludo rôxo variado, guarnecidos os golpes de passamanes das côres, entreforros de setim amarello, meias de sêda amarellas, roupeta de velludo lavrado, capa de raxa, gorra de velludo.

Aos bésteiros, e caçadores de cavallo, vestidos inteiros de Londres verde».

Padrão de Nossa Senhora da Victoria

Quasi defronte da porta principal da igreja de Nossa Senhora da Oliveira, e como a terminar o adro da mesma igreja, levanta-se o padrão de Nossa Senhora da Victoria, mandado alli erigir no reinado de D. Affonso IV.

É uma construcção modesta, composta de quatro arcos ogivaes, formando um quadrado, coberto d'abobada de pedra.

Cada um d'estes arcos compõe-se de varias columnas delgadas, com seus capiteis de figuras e folhagens, toscamente insculpidas: e servem d'encosto aos mesmos arcos quatro grossos pilares de cantaria, que formam os angulos de supporte á abobada.

Sobre o vertice de cada um dos arcos, vê-se o escudo das armas reaes, segundo as usava D. Af-

fonso IV; e no arco do fundo a principiar na linha dos capiteis, em que se estriba a abobada, fez-se mais tarde um altar d'estuque, envidraçado pela frente, dedicado á imagem de Nossa Senhora da Victoria, que alli se venera, em commemoração da gloriosa batalha d'Aljubarrota.

No centro do padrão, por baixo da abobada, levanta-se um esbelto cruzeiro, segundo o estylo gothico: e servem-lhe de gracioso adorno, além da imagem de Christo crucificado, as estatuas em vulto inteiro de Nossa Senhora, de S. João Evangelista, do pontifice S. Damaso, nosso conterraneo, e de S. Torquato, na frente da cruz; e do lado opposto, as estatuas de Nossa Senhora do Rosario, de S. Filippe Apostolo, e de S. Gualter.

Na haste d'esta mesma cruz, que no cimo das facetas, abaixo logo das estatuas, deixa vêr uns signaes gravados, que não posso decifrar, offerece-se na faceta da frente uma lamina de bronze, com a seguinte inscripção:

A Aonra + d + Deus + e d + Scã + Maria +
e por + esta + Villa + mais +.onrada + Seer +
e o poboo + fez + fazer + esta + obra + Pero
Seves + de Guimaraens + mercador + morador
+ em Lisboa + filho d + Estevão + Gcia + e
de Mta + Pèz + na + E + M + CCC + LXXX
+ annos + VIII + dias + d + Setembro
+ M. L. R. O. F. E. X. +

Esta cruz, feita e comprada em Normandia por Gonçalo Esteves, foi collocada n'este lugar a 8 de

setembro de 1380 — como se deprehende da inscripção — por devoção de Pero Esteves, irmão d'aquelle, e ambos filhos de Estevam Garcia e Martha Peres, mercadores d'esta antiga villa.

Na base do cruzeiro, no lado norte, ha um escudo das armas reaes portuguezas; e perto d'elle havia antigamente uma caixa de pedra, com cobertura de ferro, onde os devotos da Senhora, e os romeiros depositavam as suas esmolas, que eram da repartição do cabido: e eram então tão avultadas, que sendo a igreja de S. Pedro d'Azurem dos D. Priores *in solidum,* estes a troçaram com o cabido, pelo rendimento da pedra.

Extincta a devoção e com ella o rendimento, foi a pedra — por inutil — retirada do sitio.

N'este padrão, que hoje está vedado com grades de ferro, com o resto do adro, celebra-se ainda, como n'outro lugar já disse, a 14 d'agosto de cada anno, uma missa cantada e sermão, em commemoração da batalha d'Aljubarrota, expondo-se por esta occasião no mesmo padrão o *pellote* de D. João I.

No fundo, e aos lados do altar da Virgem, vêem-se duas esculpturas, muito antigas, ambas em relevo, significando uma d'ellas a visita d'el-rei D. João I a este padrão, depois da batalha d'Aljubarrota; e a outra, um quadro allusivo ao seguinte facto, descripto pelo padre Torquato nas MEMORIAS RESUSCITADAS DA ANTIGA GUIMARÃES:

« Aos pés do altar de Nossa Senhora da Victo-

ria, está esculpida, em baixo relêvo, a effigie do licenciado Pedro de Oliva, o qual sendo advogado pretendeu destruir os privilegios do cabido, e caseiros de Nossa Senhora: o que fazia com grande instancia. E estando uma manhã conversando junto d'este padrão com o abbade de Freitas e Luiz Gonçalves, conegos da collegiada, sendo por elles reprehendido diante de outras pessoas, da perseguição que fazia, e que se guardasse da ira de Deus; respondeu que não era o diabo tão feio como o pintavam, e que em quanto vivesse não havia abrir mão do que começára. Ainda o não tinha acabado de pronunciar quando cahiu mortal, com a lingua fóra da bocca, a falla perdida, e o rosto disforme: e sendo levado para sua casa, tanto que a ella chegou deu o final arranco da vida. Foi o cadaver levado á sepultura que tinha em S. Francisco, onde houve successo não menos maravilhoso; que morrendo sua mulher depois d'elle trinta e tres annos, se mandou enterrar no mesmo jazigo, o qual sendo aberto se achou o corpo do marido todo inteiro, sem que a terra quizesse d'elle mais nada do que consumir-lhe o gorgomillo e as mortalhas. Foi tirado da cova, e posto á vista do povo encostado á parede, em quanto chegava o corpo da mulher, e depois se lançaram ambos juntos na sepultura: pelo que se mandou retratar o dito perseguidor dos privilegiados da Senhora, e o caso se escreveu em pergaminho ».

Este padrão foi considerado monumento histori-

co de segunda classe pela Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes, em assembléa geral de 30 de dezembro de 1880, cujo extracto se publicou no *Diario do Governo*, n.º 62, do anno de 1881.

A 14 d'agosto ainda a camara aqui celebra a procissão commemorativa da batalha d'Aljubarrota. Acompanhada pelo cabido a camara, sahe pela Porta da villa, hoje rua da Rainha, e entra pela Senhora da Guia na collegiada, cantando-se ao recolher uma missa n'este padrão, com sermão prégado junto do mesmo.

Em 14 d'agosto de 1638, foi orador n'esta festividade fr. Luiz da Natividade, frade menor da provincia franciscana de Portugal, guardião do convento de Guimarães. N'este sermão, que é digno de se lêr e meditar, *prophetisa* o guardião franciscano proxima a restauração de Portugal com imagens e allusões de muita erudição, e da mais transparente intellecção popular.

É por esta occasião que se expõe ao publico n'um dos arcos do padrão o *pellote*, que el-rei D. João I vestia por baixo da armadura n'aquella memoravel e gloriosa batalha de 1386: batalha em que a nossa gente, que não excedia a 6:000 combatentes, derrotára *em meia hora* o exercito castelhano, composto de 26:000 soldados escolhidos, e sendo então os nossos pela primeira vez accommettidos com peças d'artilheria, chamadas *Troms*, trazidas a Portugal pelos castelhanos.

No mar, foi o nosso afamado argonauta *Zarco*, descobridor da ilha da Madeira, o primeiro a usar da artilheria, no reinado do mesmo rei D. João I: e assim nos decanta isto o nosso epopaico vimaranense Manoel Thomaz, na sua muito rara INSULANA, liv. I, oit. 83:

Bem é verdade, que este o lusitano
Primeiro foi no mar, com nome eterno
Que usou da dura fructa de Vulcano,
E o salitrado aljofar do inferno;
Com que fez aos inimigos tanto damno,
E adquiriu tanta fama no governo,
Que em quanto Cynthio der raios ao mundo,
Será seu nome em gloria sem segundo.

Padrão de D. João I

No extremo da rua de D. João I, quasi fronteiro á capella de S. Lazaro, levanta-se o padrão de D. João I, assim chamado por commemorar a devota romaria, que este piedoso monarcha fizera á Virgem da Oliveira, com o fim de lhe render graças pela feliz tomada da praça de Ceuta aos mouros.

Esta romaria, que alguem quiz pôr em duvida, no alvo de justificar a mudança do padrão do seu primitivo lugar, que foi onde el-rei se descalçára para vir d'ahi até á collegiada, é constante entre nós por uma não interrompida tradição; e lê-se

em conscienciosos e prudentes escriptores. Dava testemunho d'ella uma antiga inscripção lapidar, junto ao mesmo padrão, da qual ainda hoje muita gente se recorda; mas desappareceu talvez *intencionalmente* nas pedras da rua.

Da extremosa devoção d'este rei para com a Virgem da Oliveira, e do costume que tinha de vir amiudadas vezes dar-lhe graças, ou implorar-lhe auxilios, a ninguem é dado duvidar; porque entre nós existem valiosos documentos que o attestam.

E aqui ajuntarei eu um mais, encontrado no archivo da casa das Hortas, e que me parece inedito.

É uma verba do testamento de *D. Fernando da Guerra,* arcebispo de Braga, feito a 2 de setembro de 1477, em que diz o seguinte:

«*Deixo as minhas peças de prata, e movel de minha casa, á Igreja de Santa Maria de Guimarães, pela muita devoção que tenho, e sempre tive a esta Senhora; pelo muito favor e ajuda que sempre me deu, principalmente na Batalha Real, onde muitos a vimos com os nossos olhos, e el-rei D. João,* E ASSIM PROMETTEU VIR A PÉ Á SUA CASA; E A ELLA VIRMOS TODOS, *e lhe offerecemos muitos dons*».

D'estes dons, ainda alguns existem, como testemunhas, no thesouro da Senhora; como se vê do lugar, em que d'elle me occupo.

Depois da gloriosa tomada de Ceuta, que succedera tambem a 14 d'agosto, vespera da Assum-

pção da Virgem; n'esta empresa, em que tanto se empenhára, e que fôra a corôa e remate de seus heroicos feitos; e na qual os filhos de Guimarães tanto se distinguiram pelo seu denodo e coragem; podia acaso o religioso e devoto monarcha, esquecer a Santa Maria de Guimarães, a quem elle costumava attribuir todos os bons successos das suas armas? — Por certo que não.

Compõe-se o padrão de quatro pilares de pedra quadrados, ligados no cimo por quatro grandes padieiras, sobre as quaes assenta a abobada, que cobre o cruzeiro, o qual se levanta no centro, e é todo de marmore branco, com o crucifixo bem lavrado no mesmo marmore.

A cruz, toda floreteada em volta, nasce d'um monte, sobre o qual se vêem dispersos alguns instrumentos da Paixão.

Em 1843, foi este padrão restaurado, a expensas da camara, por ameaçar ruina, principalmente na abobada.

Tinha este padrão seu local, poucos passos mais á frente do que actualmente; mas em 1863, para melhor sahida e alinhamento da rua, na sua ligação com a estrada para Villa Nova de Famalicão, afastaram-o um pouco para traz, ficando-lhe servindo de pilares da frente, os que o eram até alli do fundo.

Esta mudança, talvez para acalmar espiritos escrupulosos, que a não supportavam, celebrou-se a 20 de março de 1863, com certa solemnidade,

como se vê no livro das actas da camara do respectivo anno. Alli se lê com effeito:

«... passando-se a dar principio á solemnidade, sahiu da capella de S. Lazaro o rev.do arcipreste, Christovão Gonçalo Ferreira, revestido com vestes sacerdotaes, com seus acolythos, e todos os mais convidados, estes de tochas accesas, e dirigindo-se o prestito para o lugar onde o dito padrão tem de ser novamente collocado, pelo dito reverendo arcipreste Christovão Gonçalo Ferreira na presença de todos foi benzida a pedra que tem de servir de base ao mencionado padrão. E finda a dita ceremonia foi collocada a indicada pedra na mesma direcção em distancia de dous metros e trinta centimetros para o lado do sul, e em seguida foi pelo exc.mo governador civil (*Januario Corrêa d'Almeida*) lançado o cimento para segurança da mesma pedra, tendo-lhe sido préviamente offerecida a colhér pelo presidente da camara, e o cimento pelo fiscal da mesma; e findo este acto, foi pelo mesmo exc.mo senhor dito em voz alta e intelligivel que a rua até agora denominada — *Entre os Regatos*, ficava d'ora em diante com a denominação de — *rua de D. João I*, ficando por esta sem effeito aquella antiga denominação: ordenando o presidente da camara em seguida o alargamento e levantamento das pedras da dita rua, a que n'este acto se deu principio na conformidade da planta para isso levantada. E por esta fórma se houve a presente solemnidade e acta em que tudo fica narrado, e por concluida, que

para memoria dos vindouros a vão assignar, a camara, authoridades administrativas, civis e ecclesiasticas, e mais pessoas mencionadas, depois de ser lida a todos por mim ».

Concluidas que foram as obras da rua, em 1864, foi o padrão de novo collocado, onde hoje se vê, a 29 d'agosto: e com igual solemnidade, como se póde vêr no livro das vereações de 1864, a pag. 232.

Casa da Camara

Situada na praça Maior, conhecida com o nome usual de Nossa Senhora da Oliveira, para onde tem a frontaria principal alevantada sobre uma arcada, que dá ampla passagem para a praça do Peixe, hoje de S. Thiago, parece haver tido por fundador a el-rei D. Manoel, no principio do seculo XVI. Assim o indicam ao menos as espheras armillares, que hoje avultam sobre as janellas alternando-se outr'ora com os brazões das armas portuguezas.

Este edificio, despido de qualquer merecimento architectonico, passou no correr dos annos por varios concertos e reformas, que mais ou menos lhe alteraram a feição primitiva; sendo a primeira, de que ha noticia, no anno de 1674, em que o senado, por causa das obras, funccionava n'uma casa do

terreiro da Misericordia, pela qual pagava de renda dezoito mil reis — pagos em duas prestações, como consta d'uma acta de 12 de junho do referido anno.

Passando por outra reforma no seculo passado, fizeram-lhe as janellas segundo o gosto moderno: e coroaram-as com os escudos e com as espheras, que até então se achavam cravadas no liso da parede, por baixo das ameias.

Na linha d'estas, e no meio da segunda e terceira janella, a contar do nascente, havia ainda ha pouco um relogio de sol, fabricado de granito fino; e na mesma linha, entre a terceira e quarta janella, levantava-se uma pequena sineira com a respectiva sineta.

Mas tratando-se ainda em 1877 de nova reforma, foi apeado o relogio e a sineira; collocando-se no lugar d'esta a 21 de junho do mesmo anno, a estatua de Guimarães, que até esta época estivera sobre a antiga, e hoje demolida alfandega.

Por esta occasião, de novo mudaram de lugar as espheras e os brazões, ficando dous d'estes sobre as duas janellas do centro, e as espheras sobre as janellas lateraes.

De tão pequena monta foram as primeiras restaurações; e em tão mau estado de segurança estava esta casa; que no anno de 1804 guardavam-se os objectos valiosos da camara no cofre da irmandade do Rosario, erecta na igreja de S. Domingos: e só a 18 de julho de 1841 é que se resol-

veu montar um cartorio, onde os livros e documentos importantes do municipio podessem archivar-se.

No cunhal do edificio, que faz esquina para a rua dos Açoutados, hoje travessa dos Engeitados, lê-se gravada n'uma pedra uma inscripção, a qual commemora o voto d'el-rei D. João IV, declarando este reino feudatario á Virgem, debaixo do titulo da sua Conceição immaculada.

Diz esta inscripção lapidar:

Æternit. sacr. imma-
culatissimæ concepti-
oni Mariæ Joan. IV. Por-
tugall. Rev. una cum-
General. comitiis se et
regna sua sub annuo
sensu tributaria. publ
ice vovit. at que Dei par
am in imperii tutelare
m electam a labe ori-
ginali præservatã perp
etuo defensurũ. jurame
nto firmavit. viveret ut
pietas luzitan. hoc vivo l
apide memoriale perenne
exarari jussit ann Christ
i m d c x l v i imperii sui vi.
anno 1654

Esta inscripção, e outra do mesmo teor, que existia na antiga torre de Nossa Senhora da Graça, e vulgarmente de S. Bento, foi mandada gravar nas portas das cidades e villas do reino, e n'outros lugares publicos, por ordem d'el-rei D.

João IV: o qual para tal fim endereçára á camara de Guimarães a seguinte carta:

« Juiz, Vereadores e Procurador da Camara da villa de Guimarães. Eu El-Rei vos envio muito saudar. para que seja mais notorio a obrigação, que eu, e todos meus vassallos tem de defender, que a Virgem Senhora nossa foi consebida sem pecado original, Ouve por Bem Rezolver, que em todas as partes, e entradas das Cidades, Villas e Logares de meus Reinos, se ponha em hũa pedra lavrada a inscripçaõ, de que será a copia com esta carta. encomendovos que a façais por nas portas, e lugares dessa Villa, e me avizeis de como o tendes executado. escrita em Alcantara ã 30 de Junho de 1654. Rei · ⁝ · para a Camara de Guimarães ».

A 9 de dezembro d'este mesmo anno, já a camara havia mandado gravar as inscripções, como consta da carta da mesma camara, em resposta á do religioso monarcha.

D'estas inscripções lapidares tenho até hoje noticia de tres: a da camara; outra cravada na torre da casa dos Laranjaes — hoje rua de D. Luiz I — que seria talvez a da torre de S. Bento; e outra de lugar incerto, hoje guardada no adro de Santa Margarida.

Entre os poucos objectos de merecimento, que esta camara possue, tem de mais notavel o antigo padrão de medidas offerecido por el-rei D. Sebastião em 1575.

Consta de quatro medidas de bronze, que po-

deremos chamar alqueire, meio alqueire, quarta e oitava; posto que todas sejam menores do que as equivalentes, que actualmente se deixaram d'usar — em virtude da uniformidade de pesos e medidas entre nós ordenada em decreto de 13 de dezembro de 1852, para começar a vigorar em 1 de janeiro de 1862: antecipando-se com tudo este prazo de tempo, em decreto de 20 de junho de 1859, para 1 de janeiro de 1860 em Lisboa, e para 1 de março no resto do paiz, começando-se esta uniformidade pelas medidas lineares.

Todas estas medidas são fundidas; e tem na frente as armas portuguezas em alto relevo: e por cima d'ellas á esquerda, quasi a tocar o bordo, vê-se uma pequena embarcação gravada como signal do aferidor. Do lado opposto, mostra-se igualmente em relevo uma almofada, sobreposta a uma setta gravada; e tem no centro a palavra *Sebastianus*, e em volta as seguintes letras:

Em cima R, em baixo J, á esquerda do espectador L, e á direita V.

Por baixo da almofada está gravado: A S 1575.

Nos outros dous lados, teem azas igualmente de bronze, cravadas; e n'uma de cada medida a letra M [1].

---

[1] «A commissão do exame dos foraes e melhoramentos da agricultura, em 1812, observou com admiração, a ex-

Um calix de prata, com lavôres a buril, pesando 330 grammas: e suppõe-se obra do principio do seculo XVII.

Tres tinteiros de prata, tendo no bojo, lavrada em alto relevo, a effigie de Nossa Senhora da Oliveira; do lado opposto uma esphera armillar; e no centro, o brazão das armas portuguezas, encimado por um elmo coroado, sahindo do centro da corôa como timbre a cabeça d'uma serpente alada.

É de notar, que a posição dos elmos é diversa nos tres tinteiros: e as corôas tambem divergem, sendo a do brazão igual á da Virgem, em cada tinteiro.

Pesam todos tres um kilo e cento e vinte e tres grammas.

Tres areeiros de prata, lavrados a buril; um com o escudo das armas portuguezas, e a data 1603 A; outro da mesma data, com a effigie da

---

traordinaria desigualdade e differença das medidas de capacidade entre si; e o pouco que se tinham generalisado os padrões d'el-rei D. Sebastião, os quaes não eram conhecidos nem na sexta parte dos concelhos do reino: e mesmo os padrões de bronze mais bem conservados, apresentavam differenças muito sensiveis. Achou que quasi todas as camaras tinham perdido os padrões de bronze, dados pelo dito rei, e que os existentes eram pela maior parte de pau, barro ou folha de Flandres, rotos, quebrados e alterados, e que havia camaras que não tinham padrão algum!» *Valdez* — ALMANACH DE PORTUGAL, para 1856.

Virgem da Oliveira; outro de 1630, com a mesma effigie. Pesam todos trezentos e noventa e cinco grammas.

Ha na sala das sessões, ultimamente restaurada, um modesto oratorio, com uma pintura a oleo sobre madeira, de singular execução, que figura a descida do Espirito Santo.

Por escriptura de 6 de abril de 1579, estavam os representantes da casa do Cano, ou do Salvador, obrigados a mandar celebrar aqui uma missa em todos os dias de sessões, ás nove horas e meia da manhã: todavia julgam-se hoje exonerados de tal encargo, apesar da camara haver resolvido mandal-os obrigar, como se lê nas actas de 22 de janeiro de 1856, e de 3 de janeiro de 1862.

Muros e torres da villa

Antes que el-rei D. Diniz, e seu filho Affonso IV fechassem Guimarães dentro da linha de muralhas, cujos vestigios ainda hoje se vêem aqui e alli, já a antiga villa era em mais reduzido espaço cercada de muros, que se arrasaram, para dar logar aos segundos; sendo a pedra d'aquelles empregada na construcção do dormitorio novo do convento de S. Domingos, e servir em parte aos alicerces e base dos novos.

Principiaram estes a levantar-se sobre as ruinas dos antigos, ao nascente, e pouco abaixo do castel-

lo, n'um torrilhão terraplenado na mesma altura d'elles; abrindo-se na muralha, perto do torrilhão, a ponte da Freiria, chamada tambem de Santa Cruz, por estar defronte d'ella um cruzeiro, n'um pedestal, sobre escadas de pedra, e hoje a capella de Santa Cruz.

Do torrilhão para sul, corria coroada d'ameias a muralha, n'uma linha de 490 passos, até á torre dos Cães, que ficava 262 passos a norte da torre de Nossa Senhora da Guia; e ficava esta proximo do local, que hoje occupa a capella da mesma invocação, ficando ambas as torres ligadas entre si pelo panno das muralhas.

Junto da torre da Senhora da Guia, que tambem chamavam do Campo da Feira, abria-se uma porta na muralha, intitulada do Postigo.

D'aqui, continuava a muralha 360 passos até a torre Velha, que era fechada sem porta; e tinha no alto, junto ás ameias, um nicho com a imagem de S. Francisco, por estar defronte o seu convento.

Da torre velha á da Alfandega, tambem sem porta, corria a muralha n'uma distancia de 340 passos; abrindo-se entre as duas torres uma porta, que dava serventia aos moradores das ruas Nova do Muro e Alcobaça.

Da torre da Alfandega, continuava para a parte d'entre poente e norte a linha dos muros, n'uma extensão de 200 passos, até se encontrar com a torre de Nossa Senhora da Piedade, a qual servia de defeza á porta da muralha, que tomava o nome

da torre, tambem vulgarmente chamada de S. Domingos, por estar defronte do convento.

Depois de feito este panno de muralhas, rasgou-se no principio d'elle uma porta, que se ficou chamando o Postigo de S. Payo: de modo que o actual convento do Toural, edificado sobre a linha da muralha, tinha na extremidade sul o Postigo de S. Payo, e a norte a porta de Nossa Senhora da Piedade, com a sua capella dentro.

Caminhando d'aqui em busca da porta de Santa Luzia, ao fim d'uma linha de muralhas de 345 passos, a encontravamos bem defendida por uma soberba torre, que tinha o nome de Nossa Senhora da Graça, e vulgarmente de S. Bento.

Havia dentro a capella da invocação da Senhora; e no ladrilho d'ella um buraco, d'onde tiravam terra, para se dar em beberagem aos que nas suas enfermidades tinham fastio.

D'aqui para norte, continúa a muralha 612 passos, até se encontrar com os muros antigos n'um torrilhão baixo e terraplenado, a que chamavam da Garrida; e servia de defeza á porta do mesmo titulo, que depois se chamára de Santo Antonio, por ficar perto do convento, e ter sobre ella um nicho com a imagem do santo.

Assim terminava a linha das famosas, e então quasi invenciveis muralhas de D. Diniz, de quando em quando defendidas pelas soberbas torres de D. João I.

«O recinto da villa, diz D. Luiz de Lima na

sua GEOGRAPHIA HISTORICA, depois que El-Rei D. Diniz a cercou de muros, é quasi de mil oitocentos e cincoenta passos geometricos, em que ha nove portas, e varias torres, as quaes se levantaraõ no reynado del-Rei D. João o I. Divide-se em Villa Velha e Nova, nomes que conforme a conjectura do famoso Antiquario Gaspar Estaço, lhe deo a fabrica dos ditos muros, chamando-se Villa Velha a parte superior, em que está o Castello. Quanto ao numero dos seus moradores, ajuntando os da Villa aos dos Arrabaldes, se contão — em 1736 — perto de dous mil e trezentos visinhos ».

Perdendo as muralhas de Guimarães a sua tão provada utilidade, com o progressivo aperfeiçoamento das armas, invenção da polvora, e novos systemas de defeza; e precisando por outro lado a villa, pelo crescente numero de seus habitantes, de estender a sua área para fóra d'ellas; principiaram estas a demolir-se em partes, a fim de se dar lugar a novas edificações: e já em 1667, em sessão de 30 de julho, vemos a camara proceder contra os que roubavam as pedras dos muros, *que começavam a arruinar-se á porta de Santa Cruz e paços reaes.*

N'este mesmo anno, serviam-se os habitantes de Guimarães dos muros do Toural, como de logradouro publico, indo do alto d'elles assistir ás corridas de touros e outras festas, que alli costumavam ter lugar então.

No anno de 1788, obtem o cabido da collegiada uma provisão, que o authorisa a derrubar a tor-

re de Nossa Senhora da Guia, para desafogar a sua casa capitular e dar-lhe mais livre sahida para o campo da Feira: e no anno seguinte, continua-se a destruição, utilisando-se a irmandade de Nossa Senhora da Consolação, do campo da Feira, para a construcção da sua nova capella-mór, da pedra dos muros tirada dos Palheiros, hoje rua Nova de Santo Antonio, e do torrilhão, que ficava perto da porta da Freiria.

Assim continuou a desmantelar-se o famoso cinto de muralhas, até que por aviso de 6 de dezembro de 1800 foi cedido á camara; a qual só em 1840 se lembrou de intimar os que estavam de posse de parte dos muros, a fim de lhe apresentarem os seus titulos de posse, resolvendo em sessão de 6 de fevereiro aforar ou demolir o resto, pondo a pedra em arrematação.

A 24 de abril de 1840, manda a camara proceder á immediata demolição da torre de S. Bento, *não só por estorvar o transito publico, como tambem por servir de lugar, que occasiona roubos e espancamentos, e torpezas contra a moral.*

A demolição principiou a 11 de maio do mesmo anno; não se levando ao final por embargos do cabido.

A parte baixa d'esta torre, e o arco, que no fundo da mesma se abria na grossa muralha para passagem, foi finalmente derrubada no anno de 1870: recebendo o destruidor, pelo seu trabalho, 96$000 reis, pagos pelo municipio!

E assim esta famosa muralha, levantada pelo patriotismo dos nossos monarchas; e testemunha veneranda de tantos acontecimentos historicos, e tanta gloria nacional; não possuirá d'aqui a pouco uma só pedra, que atteste aos vindouros a sua antiga existencia.

Muito seria para desejar, que a nossa camara, pelos vestigios que restam ainda, mandasse levantar uma planta d'estas circumvallações venerandas, ao menos para em todo o tempo se saber da existencia d'ellas, bem como da extensão da antiga villa.

Cadêa

De tempos immemoriaes era o castello da villa a unica prisão publica, encarcerando-se os criminosos n'uma das suas torres, e n'umas pequenas casas, que estavam dentro das muralhas ao lado da pequena capella de S. João, onde se vê ainda hoje um grande penedo com uma grossa corrente de ferro, á qual se agrilhoavam os accusados de mais graves crimes—pleonasmo excessivo de carceragem!

Nos principios do seculo XVI, eram os alcaides os senhores do castello, e os carcereiros móres do mesmo; recebendo pela carceragem de cada preso tres libras. Como porém esta quantia era excessivamente pesada, ordenou el-rei D. João III, em

provisão de 18 de janeiro de 1529, que os carniceiros, peixeiras, padeiras e servidores de soldadas, que tivessem de ser presos, o fossem na *Pertiga,* onde pagassem de carceragem apenas cinco soldos — sendo esta quantia reduzida a um vintem no anno de 1621. Vejam-se os PRIVILEGIOS DE GUIMARÃES.

Em 1668 eram as prisões do castello dirigidas por carcereiros, eleitos pela camara; e assim continuaram até 1820, quando as prisões n'este local foram prohibidas até á guerra da successão, em que de novo se restauraram.

Em 1834, em sessão de 13 de dezembro, pede a camara providencias ao governo para a construcção d'uma nova cadêa; visto que as prisões da villa eram no *castello e no casarão da Misericordia.*

N'este casarão improprio, sem segurança e sem conforto, continuam ellas ainda hoje, não podendo eu averiguar, quando ellas alli principiaram.

Por mais que uma vez teem querido as camaras de Guimarães valer ao vergonhoso estado da cadêa; e ainda em 1853, em vereação de 23 de fevereiro, foi pedida authorisação aos poderes publicos, para se contrahir um emprestimo de 8 contos de reis, para a construcção d'uma nova; mas até hoje nada se tem conseguido. Não sei até, por quanto tempo ha de vêr Guimarães, n'um dos mais bellos largos da cidade, aquella possilga indecorosa e miasmatica.

Occupando-me das casas de correição da cida-

de, não virão aqui fóra de todo o proposito as seguintes noticias:

Havia aqui, para as correições publicas, um pelourinho, que se levantava em fórma de columna de pedra sobre degraus, no largo de S. Francisco, n'um semi-circulo do muro de supporte, que divide o mesmo largo do largo do Pelourinho, hoje do Trovador.

Foi demolido ainda nos nossos dias.

A 4 de maio de 1729, foi arrematada por João Teixeira, pedreiro, pela quantia de sete mil e duzentos, a construcção d'uma forca, que devia ser composta de dous pilares de pedra, de treze palmos de altura e tres palmos de largo em quadro, terminando os mesmos pilares por duas pyramides.

Felizmente um tal monumento nunca chegou a levar-se a effeito.

FIM DO VOL. II

INDICE